



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
***CAMPUS* ARAPIRACA**
LICENCIATURA EM LETRAS

FELIPE PEREIRA DOS SANTOS

**EM QUAL ESCOLA LITERÁRIA DO BRASIL SE ENCONTRA A
PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ALCINA LEITE?**

ARAPIRACA, AL

2023

FELIPE PEREIRA DOS SANTOS

**EM QUAL ESCOLA LITERÁRIA DO BRASIL SE ENCONTRA A
PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ALCINA LEITE?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso Licenciatura em Letras-Português e suas respectivas literaturas do Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Álisson Hudson Veras Lima
Instituto Federal de Alagoas

ARAPIRACA, AL

2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

S237e

Santos, Felipe Pereira dos.

Em qual escola literária do Brasil se encontra a produção literária de Alcina Leite? / Felipe Pereira dos Santos. – 2023.

1 PDF: (1 arquivo: 1,4 MB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 232 folhas.

Orientação: Prof. Dr. Álisson Hudson Veras Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação, Licenciatura em Letras-Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2023.

1. Literatura alagoana. 2. Alcina Leite. 3. Classificação literária. 4. Escansão. 5. Versificação. 6. Poesia alagoana. I. Título.

CDD: B869.3

FELIPE PEREIRA DOS SANTOS

**EM QUAL ESCOLA LITERÁRIA DO BRASIL SE ENCONTRA A
PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ALCINA LEITE?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso Licenciatura em Letras Português e suas respectivas literaturas do Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português.

Trabalho aprovado. Arapiraca - AL, 15 de junho de 2023:

BANCA EXAMINADORA:

gov.br

Documento assinado digitalmente
ALISSON HUDSON VERAS LIMA
Data: 07/12/2023 14:13:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima (Orientador)
Instituto Federal de Alagoas Campus Arapiraca

gov.br

Documento assinado digitalmente
ADRIANA NUNES DE SOUZA
Data: 07/12/2023 14:19:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Adriana Nunes de Souza
Instituto Federal de Alagoas Campus Arapiraca

gov.br

Documento assinado digitalmente
SANDRA ARAUJO LIMA CAVALCANTE
Data: 07/12/2023 18:53:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sandra Araujo Lima Cavalcante
Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca

ARAPIRACA - AL
2023

A Virgem Maria,
que com seu amor e cuidado maternal
não me abandonou em nenhum momento
durante todo meu percurso acadêmico.

- *Totus tuus ego sum Mariae et omnia mea tua sunt.* -

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos. Por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Ao professor Álisson Hudson, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. Obrigado por ensinar-me, que todo esforço, é melhor que esforço nenhum. Minha eterna gratidão por seus ensinamentos, conselhos e pelas gargalhadas que só poderiam ser proporcionadas por você, de todo o coração e com muito carinho, minhas orações.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. De modo especial agradeço a Adriana Nunes, que conduziu com maestria o barco das literaturas, o qual sinto-me honrado por ter feito parte como tripulante. Não trata-se apenas da melhor coordenadora do curso, mas de uma das melhores pessoas que já tive o prazer de conhecer. A ela todo meu carinho e gratidão. Ao Wellington Barbosa, que me mostrou que precisamos dar nosso sangue para alcançar nossos objetivos, mas que às vezes é preciso também se divertir, para manter um equilíbrio. Muito além de um profissional exemplar, uma pessoa surpreendentemente incrível. A Divanir Maria, que com toda sua garra e desejo de contribuir com minha formação, me ensinou não apenas as disciplinas pedagógicas, com perfeição, mas também, que é necessário lutar muito para alcançar nossos objetivos. Minha gratidão, a todos, por cada conselho, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

Aos meus irmãos, Shayene, Alan John e Luan, e aos meus pais, Maria Zilma e Ailton, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a conclusão dos meus estudos, obrigado por todo financiamento, por toda preocupação e por toda paciência que foram muito necessárias durante minhas crises silenciosas de ansiedade.

Aos amigos, Eduardo, Jonas e Paulo Ricardo que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei aos estudos, muitas vezes recusando-me a sair para me divertir, ficando em casa, estudando.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando. De modo mais que especial, minha gratidão ao meu grupo de estudos, cujo os membros tornaram-se mais que colegas, verdadeiros amigos para a

vida. Que o Senhor, nosso Deus, possa agraciar a cada uma de vocês, Amanda Albuquerque, Adriana Vital, Bruna Caroliny, Rosana Santos e Vitória Santos. A vocês, minhas orações e minha eterna gratidão.

Aos meus alunos, colegas e amigos, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado durante meus mais de quatro anos de formação. Aqui, eu me recordo das experiências compartilhadas e vivenciadas como pibidiano no Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID/IFAL (2020-2022), e como residente do Programa de Residência Pedagógica - PRP/IFAL (2022-2024); das minhas turmas de estágio e voluntariado, em especial, da turma de 1º ano de eletroeletrônica de 2022 matutino (411.2022). Obrigado por todo carinho e companheirismo ao longo deste percurso.

Ao GOPU - Grupo de Oração Pré-universitário, que me proporcionou momentos únicos de reflexão e intimidade com Deus. Foi de fundamental importância para minha vida espiritual e acadêmica. Gratidão por todos que pude conhecer e que hoje tornaram-se grandes amigos em Cristo.

Ao Instituto Federal de Alagoas - *campus* Arapiraca que, na figura de cada um dos profissionais pertencentes ao quadro de trabalho, foi essencial no meu processo de formação profissional, sempre com muita dedicação e ensinamentos que me levaram a aprender para a vida ao longo dos anos do curso. E aqui ousou recordar a pessoa do Diretor Geral do *campus*, Fabio Ribeiro, e o Coordenador de Ensino, Augusto César que de forma excepcional contribuíram para nossa formação e para o crescimento do Ensino Superior na instituição.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Minha gratidão!

*“Fisicamente, habitamos um mesmo espaço, mas,
sentimentalmente, somos habitados por uma
memória.”*

(José Saramago)

“O que a memória ama fica eterno.”

(Adélia Prado)

*“O passado não reconhece o seu lugar: está sempre
presente.”*

(Mario Quintana).

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa aplicada e de caráter descritivo-explicativo, com vistas a descrever em qual escola literária se encontra a obra *Campesinas*, de Alcina Leite, conforme a análise de seus poemas. O trabalho tem como objetivo central classificar a obra poética de Alcina Leite, em uma escola literária nacional, a saber: o romantismo, parnasianismo ou simbolismo. Para cumprirmos nosso objetivo, a pesquisa foi desenvolvida por meio do método hipotético-dedutivo que, por natureza, é um método que prevê o uso de referencial bibliográfico, podemos afirmar que nossa investigação dar-se-á por meio do método monográfico, especificamente como uma pesquisa bibliográfica. Logo, o *corpus* da pesquisa foi analisado considerando a temática, as características e o contexto histórico no qual a poeta produziu seus poemas. Assim sendo, utilizamos como base teórica (i) Os conceitos de metrificação e rimas em versos seguido da teoria de metrificação apresentado por Bandeira (1960), Duque-Estrada (1914), Bilac e Passos (1905) e Said Ali (1999); (ii) as escolas literárias do Romantismo, do Parnasianismo e do Simbolismo, a partir do que é proposto por críticos literários como Candido (2001), Bosi (2017) e Moisés (2003), a fim de melhor compreender o que são esperados dos poemas produzidos em cada uma destas vertentes e, a partir de então, respondermos à seguinte pergunta: em qual escola literária do Brasil se encontra a produção literária de Alcina Leite?

Palavras-chave: literatura alagoana; Alcina Leite; classificação literária; escansão; versificação; poesia alagoana.

ABSTRACT

The present work is an applied research with a descriptive-explanatory character, with a view to describing in which literary school is found the work *Campestras*, by Alcina Leite, according to the analysis of her poems. The main objective of this work is to classify the poetic work of Alcina Leite, in a national literary school, namely: romanticism, parnassianism or symbolism. In order to fulfill our objective, the research was developed through the hypothetical-deductive method which, by nature, is a method that foresees the use of bibliographic reference, we can affirm that our investigation will take place through the monographic method, specifically as a bibliographical research. Therefore, the research corpus was analyzed considering the theme, characteristics and historical context in which the poet produced her poems. Therefore, we use as a theoretical basis (i) The concepts of metering and rhyming in verses followed by the metering theory presented by Bandeira (1960), Duque-Estrada (1914), Bilac and Passos (1905) and Said Ali (1999); (ii) the literary schools of Romanticism, Parnassianism and Symbolism, based on what is proposed by literary critics such as Candido (2001), Bosi (2017) and Moisés (2003), in order to better understand what is expected of poems produced in each of these areas and, from then on, answer the following question: in which literary school in Brazil is Alcina Leite's literary production found?

Keywords: literature from Alagoas; Alcina Leite; literary classification; scansion; versification; alagoas poetry.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1	A METRIFICAÇÃO E A RIMA EM VERSOS.....	17
2.2	ROMANTISMO.....	24
2.2.1	O romantismo em análise nos poemas “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias; “Adeus, Meus Sonhos!”Álvares de Azevedo; e “Navio negreiro - IV”, de Castro Alves	27
2.2.1.1	Canção do Exílio, de Gonçalves Dias.....	27
2.2.1.2	Adeus, Meus Sonhos!, de Álvares de Azevedo.....	30
2.2.1.3	Navio Negreiro - VI, de Castro Alves.....	33
2.3	PARNASIONAISMO.....	36
2.3.1	O Parnasianismo em análise no poema “Profissão de Fé”, de Olavo Bilac	38
2.4	SIMBOLISMO.....	42
2.4.1	O Parnasianismo em análise no poema “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens.	44
3	METODOLOGIA	47
3.1	MÉTODOS DE ABORDAGEM.....	47
3.2	MÉTODOS DE PROCEDIMENTO.....	48
3.2.1	Tipo de pesquisa	49
3.3	ANÁLISE DOS POEMAS.....	50
3.3.1	Discussão	64
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
	APÊNDICE - POEMAS DO LIVRO CAMPESINAS, DE ALCINA LEITE, ESCANCIONADOS	86

1 INTRODUÇÃO

A literatura alagoana é conhecida nacionalmente graças a escritores como Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Lêdo Ivo. As obras do primeiro autor, por exemplo, abordam temas desde a miséria extrema a questões de desigualdade social, como vemos em obras como *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938). Já Jorge de Lima nos leva a pensar sobre os aspectos sociais do regionalismo, na vida dos negros pós-abolição e na religião como característica de um povo, sendo o autor responsável pelos mais diversos tipos de textos em nossa literatura, indo de poemas parnasianos a modernistas, a ensaios, peças de teatro e romances. Lêdo Ivo, por sua vez, consegue passar em seus escritos temas nacionalistas, afetivos, românticos e nostálgicos, bem como, a crítica social na sua obra *Ninho de Cobras* (1973), que se passa durante a ditadura de Vargas.

Após observarmos que, na literatura alagoana, grande parte dos escritores são homens, que vieram relativamente da classe média-alta brasileira, sentimos a falta da representação feminina na literatura alagoana. Dito isso, buscamos iniciar uma pesquisa a procura de uma escritora que tivesse menção na história de Alagoas, bem como, destaque na literatura alagoana e que, por algum motivo, não teve o mesmo destaque dos demais autores, ou até mesmo de outras autoras nacionais como Clarice Lispector, Rachel de Queiroz ou Lygia Fagundes Telles, que trazem em seus escritos a condição humana, a introspecção, o cotidiano e o fantástico. Após aprofundar nossas buscas em bibliografias literárias alagoanas e nacionais, encontramos uma autora pouco conhecida, mas que carrega uma poesia ímpar para a Literatura Alagoana. Tratamos aqui da poeta Alcina Leite.

Pouco se conhece sobre Alcina Leite (1854-1939) e, na tentativa de apresentar a autora alagoana para o mundo, buscamos aqui relatar uma breve biografia da poeta para que assim possamos compreender um pouco do seu contexto geográfico e de sua formação.

Segundo Lima (2019), Alcina Carolina Leite Pindahíba, ou simplesmente, Alcina Leite, nasceu em Atalaia, no estado de Alagoas, em 1854, e faleceu, provavelmente, na cidade na qual residia, Coqueiro Seco, no mesmo estado, por volta do ano de 1939, com aproximadamente 84 anos.

A poeta era formada pelo Curso Normal de Maceió, no entanto, a data de sua formação é desconhecida. Aos 19 anos, assumiu o cargo de professora pública provincial destinada ao sexo feminino, no ano de 1873, na cidade de Coqueiro Seco. Mais tarde, no ano de 1892, foi nomeada professora do sexo masculino de 2º grau da Escola Modelo de Maceió.

Posteriormente, no ano de 1889, estima-se que em sua cidade natal, Alcina Leite tenha

vivenciado a publicação de sua única obra poética intitulada *Campesinas*, pela editora Tipografia Amintas Mendonça. Segundo Lima (2019), seus versos já haviam sido publicados no jornal Gutenberg, no qual ela inaugurou a seção Litteratura, em 20 de fevereiro de 1881. Seus escritos também foram publicados nos periódicos *A Escola*, *Almanack Litterario Alagoano das Senhoras* e no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, o qual fora editado em Lisboa.

A poeta tem suas obras publicadas em outras províncias, sendo uma delas, em Recife (PE), na revista *O Lyrio*, e em Laranjeiras (SE). Ela era irmã do professor primário público e jurista, Antônio Francisco Leite Pindahyba, autor de três obras para crianças, sendo elas: *Arithmetica Rudimentar (1877)*, *Rudimentos da Grammatica Nacional (1877)* e uma cartilha de alfabetização intitulada *Íris da Escola (1880)*.

De acordo com uma publicação feita pelo Jornal da Pátria, de 20 de dezembro de 1892

Quem conhece a exma. Professora D. Alcina Leite sabe que ela, por um esforço quase superior a sua vontade, exerce o magistério. Por muitas vezes, tendo ocasião de ser colocada em centros populosos, sempre recusou, não obstante ser uma das mais adiantadas pelo seu talento bastante cultivado, em consequência de não suportar sua saúde, trabalho forçado. São tão repetidos os ataques de asma que sofre essa senhora e tais alterações lhe tem este terrível incômodo ocasionado no organismo, que à primeira vista se conhece não gozar ela saúde. (Jornal da Pátria, dez.1892 *apud* Lima, 2019).

Ainda, de acordo com Lima (2019), a poeta não se casou e dedicou-se, de forma excepcional e com maestria, ao ensino das primeiras letras.

Madeira (2018), no artigo *As composições poéticas de Alcina Leite e Maria Lucia Romariz* destaca que:

As duas jovens professoras (Alcina Leite e Maria Lúcia Romariz) protagonizaram o lugar do feminino numa época de vigilância e dominação da publicação masculina ou dos representantes da *intelligentsia* brasileira. Desse universo, as mulheres eram geralmente conduzidas com prescrições para qualquer atividade que exercessem em público, em particular, a literatura e o magistério. De algum modo, mulheres como Alcina Leite e Maria Lúcia foram pioneiras em colaborar para um lugar social a partir do qual a figura feminina brasileira se beneficiou ao longo do século XX. (MADEIRA, 2018, p.64, grifo nosso)

É necessário considerar que, na época na qual Alcina Leite viveu, as mulheres eram educadas para trabalharem no lar e na educação de seus filhos, fruto de casamentos geralmente idealizados pelos pais. Nessa cultura, a formação culta e refinada era requerida pela elite nacional para a formação de suas filhas como uma maneira de fazê-las ter espaço em contextos sociais diferentes daqueles nos quais cresceram (MADEIRA, 2018).

Parte dessa forma de projeção se dava com ascensão de suas ideias sendo divulgadas por meio de textos impressos nos mais diversos espaços sociais, o que incluía a escola, nos moldes de uma ação docente (BOTO, 2003).

Pensando por essa óptica, percebemos que Alcina Leite não estava associada a um padrão estabelecido pelos moldes do conceito de intelectual da época, mas que buscava fazer parte, dentro de Alagoas, de uma luta de classes quase invisível, mas que representava “a saída do confinamento do lar para ganhar um lugar público e de prestígio social” (SCHUELER, 2008).

De modo geral, retomando aos escritos de autores como Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Lêdo Ivo, somos levados a perceber a literatura alagoana como parte de uma vertente crítico social da literatura brasileira. Podemos pensar sobre isso ao nos depararmos com obras que trazem temáticas voltadas para a seca, para a pobreza, para o regionalismo, para a luta de classes e para a resistência aos sistemas brasileiros. No entanto, não apenas de crítica social é formada a literatura alagoana. Em textos de autores alagoanos, podemos encontrar também temas como esperança, afetividade, compaixão e empatia, mesmo que isso venha a se revelar por meio de poemas religiosos, que como um grito, o/a poeta consegue colocar em palavras o seu “eu” interior revelando todas condições humanas transcendentais.

Questões sobre a escrita dos autores supramencionados são objeto de discussão na disciplina de Literatura Alagoana que figura como disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Letras Português do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Arapiraca. Esta disciplina é um momento bastante esperado pelos alunos amantes da literatura pelo fato de que teremos contato com o que fora e com o que é produzido por autores de nosso estado.

Contudo, logo no início de tal disciplina, o professor ministrante declarou sua frustração com a dificuldade de acesso a textos dos autores alagoanos mais antigos, sobretudo aqueles que são desconhecidos pela grande mídia e pelo grande público.

De acordo com o professor, a fim de fazer um levantamento de nomes e de obras, alguns dados foram conseguidos por meio de pesquisas através da plataforma do Google e também do site *Wikipedia*, onde foram encontradas listas a partir da busca por palavras-chave como literatura alagoana, autores alagoanos e poetas alagoanos.

Munido de uma lista de nomes e dos poucos textos disponíveis via internet, o professor começou a disciplina por nos apresentar a obra poética de Alcina Leite, apontada pelo site *Wikipedia* como a primeira autora de poesia da literatura alagoana com a publicação do livro *Campesinas* em 1889.

Durante a leitura da obra, fomos levados a compreender e discutir não somente a

temática dos poemas do livro da autora, mas também a fazer escansão e a analisar as rimas dos versos, com o objetivo de observar se a autora seguia um padrão fixo ou uma escrita livre e, assim, pensar em uma escola literária na qual se pudesse classificá-la.

Tal exercício se torna importante pelo fato de que, de acordo com as nossas pesquisas, não há classificação, sequer menção, sobre o livro *Campesinas*, de Alcina Leite, na historiografia da literatura nacional. Isto também tem reflexo quando se buscam informações sobre a autora, pois após buscas em sites de periódicos acadêmicos como o Google *Scholar*, *Scielo*, *Researchgate* e *Academia*, encontramos somente 03 (três) textos sobre a autora, sendo dois capítulos de livro e um texto síntese sobre sua vida.

Percebemos, portanto, que dada a necessidade de material teórico sobre a literatura alagoana para uso em disciplinas de cursos de graduação em Letras, se faz necessária uma pesquisa que trate sobre autores do estado de Alagoas.

Com o objetivo de contribuir com a discussão acima mencionada, buscamos, neste trabalho, analisar a temática, as características e o contexto histórico no qual Alcina Leite produziu seus poemas, com foco em classificá-la em um movimento literário nacional.

Levando em consideração os anos nos quais Alcina Leite viveu, entre 1854 e 1939, e também os poemas lidos na obra *Campesinas*, percebemos que seus poemas poderiam ser classificados em um dos três seguintes momentos da nossa literatura: Romantismo, Parnasianismo ou Simbolismo.

Tomando como premissa essas três escolas, discutimos com base em críticos literários como Candido (2013), Bosi (1936) e Moisés (2001) as principais características de tais movimentos, a fim de melhor compreender o que são esperados dos poemas produzidos em cada uma destas vertentes e, a partir de então, respondermos à seguinte pergunta: em qual escola literária do Brasil se encontra a produção literária de Alcina Leite?

Percebemos que, *grosso modo*, os poemas de Alcina Leite tem sido, até agora, desconhecidos ou negligenciados pelos críticos literários e pela grande maioria dos estudiosos da literatura, o que pode ser visto pela escassez de artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que tenham como objeto de estudo sua produção literária.

Essa falta de produção acadêmica sobre a autora resulta na falta de classificação dos textos dela em uma escola literária nacional, considerando características marcantes de seus poemas e o contexto histórico no qual foram produzidos.

A fim de colaborar com os estudos teóricos de literatura, temos, neste estudo, o foco específico de vincular Alcina Leite a uma escola literária nacional. Para tal, levamos em consideração as características de seu fazer poético e as temáticas que permeiam sua obra,

bem como o período de publicação. Com o embasamento teórico pautado em críticos literários como Candido (2013), Bosi (1936) e Moisés (2001), selecionamos as escolas literárias do Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo, por serem cronologicamente próximas da época na qual a autora viveu, o que poderia ter tido algum tipo de reflexo em sua produção poética.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão apresentadas duas subseções, a saber: (i) Os conceitos de metrificação e rimas em versos seguido da teoria de metrificação apresentado por Bandeira (1960), Duque-Estrada (1914), Bilac e Passos (1905) e Said Ali (1999), (ii) as escolas literárias do Romantismo, do Parnasianismo e do Simbolismo, a partir do que é proposto por críticos literários como Candido (2001), Bosi (2017) e Moisés (2003).

2.1 A METRIFICAÇÃO E A RIMA EM VERSOS

A arte de fazer versos é conhecida desde as primeiras produções literárias da antiguidade clássica, por meio de epopeias gregas e latinas, passando por prescrições sobre o que é a poética, de acordo com os preceitos aristotélicos que regem a produção do que viria a ser chamado de texto literário até o século XVIII, com o surgimento das revoluções propostas pelos autores românticos.

Anterior ao período destes, a produção poética, de modo geral, era pautada pela metrificação e os tipos de rimas existentes nos versos como meio para atestar se o autor era um bom literato ou não. Para averiguar o tamanho dos versos e certificarmos da técnica empregada em dado poema, fazemos um processo conhecido como escansão.

A escansão consiste em observar um verso e contar as sílabas. Contudo, a contagem das sílabas não se dá de maneira convencional, de acordo com a separação silábica, conforme proposto nas gramáticas prescritivas, uma vez que os poemas eram feitos para serem declamados, o que levava em consideração a capacidade de leitura em voz alta, entonação e todos os demais mecanismos prosódicos. Há, portanto, questões de cunho fonético que devem ser levados em consideração não somente na declamação dos poemas, mas também no processo de escrita, principalmente por autores de escolas literárias que têm como proposição básica versos metrificados e rimados, de acordo com padrões estabelecidos.

Para Bandeira (1960), os poetas, ao criarem versos, têm a seu dispor de recursos formais tais como o acento de tonicidade, a quantidade de sílabas, as rimas, a aliteração, o encadeamento, o paralelismo, o acróstico e o número fixo de sílabas.

Segundo Duque-Estrada (1914, p.35), “a regularidade de cadências e de ritmo promana de três fatores: número limitado de sílabas em cada verso, divisão simétrica das sílabas e repetição dos mesmos sons no final dos versos que se correspondem”, isto é, deve-se, ao trabalhar-se com um poema, estar o poeta atento à quantidade de sílabas, à cesura e à rima.

Considerando que a metrificação parte da quantidade de sílabas existentes em cada um dos versos, Olavo Bilac e Guimaraens Passos, no livro *Tratado de Metrificação* (1905), apontam que enquanto para um gramático todos os sons que são diferentes perceptíveis em uma palavra são reconhecidos como sílabas, o metrificador conta por sílaba somente os sons audíveis, ou seja, as sílabas tônicas, uma vez que o verso, para o poeta, deve ser o resultado de pausas obrigatórias com um número determinado de sílabas que resultem em um som musical.

Para a contagem das sílabas poéticas, percebemos, portanto, que devem haver regras a serem observadas, mas tais regras não são de fácil contato para o leitor contemporâneo, uma vez que a tarefa de escansionar poemas parece estar cada vez mais obsoleta.

Por tal motivo, indicamos a leitura de Bilac e Passos (1905), obra na qual o leitor encontra não somente as regras para o processo de contagem das sílabas poéticas, mas também exceções que precisam ser respeitadas.

Em busca de cumprir com nosso objeto proposto, deixamos à disposição do leitor as quatro regras para a divisão das sílabas dos versos de um poema em sílabas poéticas, de acordo com o que é proposto no livro *Tratado de Metrificação*. Em seguida, a título de exemplificação, aplicaremos-las na contagem das sílabas do poema *A um poeta*, de Olavo Bilac.

Regra 01 - Uma vogal átona que está antes de outra vogal átona, em sílabas distintas, funde-se nela, formando assim as duas sílabas uma só. Tal mecanismo pode ocorrer até mesmo dentro do verso, quando há vogais concorrentes, mas que formam um único som, como, por exemplo, *bondade infinita* que pode ser lido *bondad'infinita*.

Regra 02 - A vogal átona é mais fácil de ser absorvida na que vem imediatamente depois, mas também há junção de vogais distintas, mesmo que os sons vocálicos não sejam idênticos, como em, por exemplo, *canto amargo*.

Regra 03 - Duas vogais concorrentes não apenas se fundem uma na outra como podem se fundir em outras mais que guardem um dos requisitos previsto nas regras 01 e 02, como em, por exemplo, *ciúme e amor* (ci-ú-me e a-mor) que deve ser contado como *ciumeamor* (ciu-mea-amor).

Além das regras acima, que são confirmadas por teóricos da literatura que tratam sobre o assunto como os autores supracitados, Said Ali (1999) destaca que, pelo fato de o poema ser um concorrente para a música, tanto o poeta quanto o analista deve destacar que, na contagem das sílabas poéticas, a contagem finda na última sílaba tônica do verso. Com isto, devemos estar atentos que se o verso termina em uma palavra proparoxítona como, por

exemplo, *príncipe*, as duas últimas sílabas da palavra serão desconsideradas na contagem da quantidade de sílabas poéticas.

A fim de que a escansão possa ser contemplada, apresentamos no poema *A um poeta*, de Olavo Bilac, a separação das sílabas dos versos, de acordo com as regras gramaticais. Pedimos ao leitor que faça atenção para o uso do símbolo barra (/) como a marcação de separação silábica tanto dentro das palavras quanto entre as palavras de cada verso.

A um poeta

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 Lon/ge/ do/ es/té/ril/ tur/bi/lhão/ da/ rua/,
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
 Be/ne/di/ti/no/ es/cre/ve/! No/ a/con/che/go/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
 Do/ claus/tro/, na/ pa/ciên/cia/ e/ no/ sos/se/go/,
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
 Tra/ba/lha/ e/ tei/ma/, e/ li/ma/ , e/ so/fre/, e/ sua/!

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
 Mas/ que/ na/ for/ma/ se/ dis/far/ce/ o/ em/pre/go/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
 Do/ es/for/ço/: e/ tra/ma/ vi/va/ se/ cons/trua/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
 De/ tal/ mo/do/, que/ a/ i/ma/gem/ fi/que/ nua/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
 Ri/ca/ mas/ só/bria/, co/mo/ um/ tem/plo/ gre/go/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
 Não/ se/ mos/tre/ na/ fá/bri/ca/ o/ su/pli/cio/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
 Do/ mes/tre/. E/ na/tu/ral/, o/ e/fei/to/ a/gra/de/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Sem/ lem/brar/ os/ an/dai/mes/ do/ e/di/fi/cio/:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Por/que/ a/ Be/le/za/, gê/mea/ da/ Ver/da/de/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13

Ar/te/ pu/ra/, i/ni/mi/ga/ do/ ar/ti/fi/cio/,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14

É/ a/ for/ça/ e/ a/ gra/ça/ na/ sim/pli/ci/da/de/

Como pode ser visto acima, a contagem de sílabas se deu de acordo com as regras de separação silábica gramatical. Para ver a quantidade de sílabas poéticas, na versão apresentada a seguir, o primeiro destaca se dá em negrito na última sílaba tônica de cada verso, por ser a sílaba final da contagem, de acordo com Said Ali (1999) e, na sequência, fundem-se as vogais, de acordo com Bilac e Passos (1905).

A um poeta

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Lon/ge/ do es/té/ri/l/ tur/bi/lhão/ da/ **rua/**,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Be/ne/di/ti/no es/cre/ve! No a/con/**che**/go/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Do/ claus/tro/, na/ pa/ciên/cia e/ no/ sos/**se**/go/,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Tra/ba/lha e/ tei/ma, e/ li/ma , e/ sofre, e/ **sua**!

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Mas/ que/ na/ for/ma/ se/ dis/far/ce o em/**pre**/go/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Do es/for/ço: e/ tra/ma/ vi/va/ se/ cons/**trua**/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

De/ tal/ mo/do/, que a i/ma/gem/ fi/que/ **nua**/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Ri/ca/ mas/ só/bria/, co/mo um/ tem/plo/ **gre**/go/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Não/ se/ mos/tre/ na/ fã/bri/ca o/ su/**pli**/cio/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Do/ mes/tre. E/ na/tu/ral/, o e/fei/to a/**gra**/de/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Sem/ lem/brar/ os/ an/dai/mes/ do e/di/**fi**/cio/:
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Por/que a/ Be/le/za/, gê/mea/ da/ Ver/**da**/de/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Ar/te/ pu/ra, i/ni/mi/ga/ do ar/ti/**fi**/cio/,
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 É a/ for/ça e a/ gra/ça/ na/ sim/pli/ci/**da**/de/

Uma vez feita a contagem das sílabas poéticas no poema de Olavo Bilac, percebemos que o que eram em geral versos que variavam entre 11 (onze) e 14 (catorze) sílabas gramaticais, passou, a partir da aplicação das regras de Bilac e Passos (1905) a constante de 10 (dez) sílabas poéticas em todos os versos do poema.

No que tange à quantidade de sílabas poéticas em poemas, Bilac e Passos (1905), Duque-Estrada (1914), Bandeira (1960) e Said Ali (1999) concordam que os versos podem conter uma sílaba (monossílabo), duas sílabas (dissílabo), três sílabas (trissílabos), quatro sílabas (tetrassílabo), cinco sílabas (pentassílabos ou redondilha menor), seis sílabas (hexassílabo), sete sílabas (heptassílabo ou redondilha maior), oito sílabas (octossílabo), nove sílabas (eneassílabo), dez sílabas (decassílabo), onze sílabas (hendecassílabo), doze sílabas (dodecassílabo ou alexandrino) ou mais de doze sílabas poéticas (verso bárbaro).

A partir de tal classificação, podemos, então, afirmar que no poema *A um poeta*, de Olavo Bilac, o poeta fez uso de versos decassílabos em todo o poema, faltando que seja observada, então, as rimas que o compõem.

Bandeira (1960) aponta que as rimas acontecem quando há semelhança nos sons das terminações das palavras, podendo ocorrer também entre a palavra final de um verso e a palavra onde cai a primeira pausa do verso seguinte, sendo a primeira conhecida como rima externa, e a segunda como rima interna. Se os versos do poema não rimam entre si, dá-se o

nome de versos brancos ou soltos, já quando alguns rimam entre si, sem seguir um padrão sequencial, dá-se o nome de versos quebrados.

Além desta classificação, o autor aponta que é necessário nomear as rimas ao serem observadas as classes gramaticais das palavras que rimam entre si, pois devem ser chamadas como rimas pobres as rimas que ocorrem entre palavras que são da mesma classe gramatical. Já as rimas ricas ocorrem com palavras de classes gramaticais diferentes.

Considerando os versos em que a rima externa existe, Bandeira (1960) diz que há quatro modos para que as rimas estejam dispostas, podendo ser classificadas como rimas: emparelhadas, cruzadas, enlaçadas e misturadas.

Para fins de compreensão, convidamos o leitor a seguir um método que é padrão para a análise das rimas, a saber, usar letras maiúsculas para indicar um tipo de som. Por exemplo, nos primeiros quatro versos do poema A um poeta, de Olavo Bilac, o final do primeiro verso (*rua*) rima com o final do quarto verso (*sua*). Adicionaremos a letra A ao final dos dois versos para indicar ao leitor que tal rima acontece. Já o final do segundo verso (*aconchego*), rima com o final do terceiro verso (*sossego*) e, para tais versos, adicionaremos a letra B. Desta forma, teremos algo como

Longe do estéril turbilhão da rua, (A)
 Beneditino escreve! No aconchego (B)
 Do claustro, na paciência e no sossego, (B)
 Trabalha e teima, e lima, e sobre e sua! (A)

A prática do uso de letras maiúsculas para mostrar a disposição das rimas em um poema é comum na análise literária, mas não encontramos autores para referenciar que sugeriram tal padronização e, por isso, propagamos, neste trabalho, por se tratar de algo feito pelos mais diversos teóricos da literatura e analistas de poemas.

O que nos compete aqui, sobre tal disposição, é compreender as classificações de acordo com a proposta de Bandeira (1960), uma vez que as rimas emparelhadas ocorrem quando se sucedem de duas em duas, isto é, com a disposição AABB; as rimas cruzadas ocorrem quando a sequência é alternada em ABAB; já as rimas enlaçadas ocorrem quando dois versos rimam de maneira paralela entre dois versos também rimados, com a disposição em ABBA, e as rimas misturadas ocorrem em sucessão livre, isto é, sem conter nenhuma das disposições anteriores.

Aplicando este procedimento de análise ao poema de Olavo Bilac, temos de classificar as rimas por três critérios distintos, a saber: internas ou externas, se externas, observando a disposição para afirmar se as rimas são emparelhadas, cruzadas, enlaçadas ou misturadas e, por fim, se as classes gramaticais das palavras que rimam entre si geram rimas pobres ou ricas.

Longe do estéril turbilhão da rua, (A) - substantivo

Beneditino escreve! No aconchego (B) - substantivo

Do claustro, na paciência e no sossego, (B) - substantivo

Trabalha e teima, e lima, e sofre e sua! (A) - pronome

Mas que na força se disfarce o emprego (B) - substantivo

Do esforço: e trama viva se construa (A) - verbo

De tal modo, que a imagem fique nua (A) - adjetivo

Rica mas sóbria, como um templo grego (B) - adjetivo

Não se mostre na fábrica o suplício (C) - substantivo

Do mestre. E natural, o efeito agrade (D) - verbo

Sem lembrar os andaimes do edifício:(C) - adjetivo

Porque a Beleza, gêmea da Verdade, (D) - substantivo

Arte pura, inimiga do artifício,(C) - adjetivo

É a força e a graça na simplicidade.(D) - substantivo

Vemos, assim, que considerando o que fora proposto por Bandeira (1960), o poema de Olavo Bilac apresenta rimas externas, enlaçadas e rimas pobres no primeiro quarteto e nos dois tercetos, com rima rica no segundo quarteto.

Levando em consideração a proposta de Duque-Estrada (1914), o terceiro e último fator a ser considerado em versos é a cesura, que trata da repetição intencional de termos em um verso que, para nosso trabalho, no momento, não se mostra relevante de comentários.

Desta forma, conseguimos mostrar de que maneira a prática de fazer versos (DUQUE-ESTRADA, 1914) é pautada em regras que podem levar a atestar o fazer poético de autores, uma vez que as chamadas escolas literárias agrupam autores que guardam características que estão próximas entre si e que foram a marca de determinada época.

No que tange aos poemas, encontramos escolas literárias que têm como padrão

agrupar textos de poetas que seguem as regras de metrficação e rimas dos poemas, enquanto em outras épocas estes parâmetros são desconsiderados, sendo este fato o que agrupa os poetas de dado momento.

Acreditando que tal conhecimento é imprescindível para nosso objetivo, neste trabalho, mostramos, nesta seção, de que maneira devem-se analisar as sílabas poéticas e as rimas dos poemas no processo comumente chamado de escansão. Na próxima seção, apresentamos as características das escolas literárias que permeiam a época de vida na qual Alcina Leite produziu os seus poemas, a saber: o Romantismo, o Parnasianismo e o Simbolismo.

2.2 ROMANTISMO

O Romantismo foi um movimento que começou na Europa, nas últimas décadas do século XVII. Teve grande impacto muito além da Literatura, apesar de seu nome ser associado a essa matéria. O Romantismo influenciou as artes de forma geral, na filosofia e até mesmo no pensamento político de sua época.

Ao tratar das características do romantismo, é importante frisar que trataremos das características presentes na poesia romântica, e não fazendo uso das características presentes na prosa romântica, pois nosso trabalho trata-se da análise poética, assim se sucede nas demais escolas literárias, parnasianismo e simbolismo.

As principais características do romantismo giram em torno: da liberdade de criação e de expressão; da valorização do *eu*; do nacionalismo e da valorização da natureza. Por conta desta característica em específico, temos textos de autores que exaltam os grandes feitos de heróis nacionais, tendo como exemplo clássico a produção do poeta Gonçalves Dias, em textos como *Canção do Exílio* (1846) e *I-Juca Pirama* (1851).

A religiosidade é também uma das principais características presentes nos textos de autores do Romantismo, já que diversos românticos exaltam o cristianismo como consolo diante das frustrações impostas pela vida real. Contudo, no Romantismo, o cristianismo inspira ações nobres e virtuosas. Esta característica, segundo Cândido (2002), se faz como reflexo de um movimento de vanguarda de poetas como Sousa Caldas, Frei Francisco de São Carlos, Elói Ottoni e Frei Francisco do Monte Alverne que inspiraram, sobretudo, os primeiros românticos de nosso país.

Cabe ainda ressaltar que há destaque para a valorização das emoções; para o individualismo/egocentrismo; para o pessimismo; para o escapismo e para a idealização em poetas de autores do Romantismo, como bem o faz Álvares de Azevedo em sua *Lira dos Vinte*

Anos (1853).

No capítulo “Independência literária”, da obra *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, Candido (2013) afirma que o Romantismo representou um “grande processo de tomada de consciência nacional, constituindo um aspecto do movimento de independência”. Ainda segundo o crítico, “O Classicismo terminou por ser assimilado à Colônia, o Romantismo à Independência” (p. 312).

De acordo com Candido (1975), o romantismo brasileiro é caracterizado da seguinte maneira,

O Romantismo brasileiro foi por isso tributário do nacionalismo; embora nem todas as suas manifestações concretas se enquadrassem nele, ele foi o espírito diretor que animava a atividade geral da literatura. Nem é de se espantar que assim fosse, pois sem falar da busca das tradições nacionais e o culto da história, o que se chamou em toda a Europa “despertar das nacionalidades”, em seguida ao empuxe napoleônico, encontrou expressão no Romantismo. Sobretudo nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência, o nacionalismo foi manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do próprio contra o imposto. Daí a soberania do tema local e sua decisiva importância em tais países, entre os quais nos enquadrámos. Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata — afirmando em contraposição o concreto, espontâneo, característico, particular. (CANDIDO, 1975, p. 15)

Bosi (2017), destaca o romantismo em linhas gerais da seguinte forma:

E, à falta de uma definição que abrace, no contorno de uma frase, a riqueza de motivos e de temas do movimento, é comum recorrer ao simples elenco destes, ocultando no mosaico da análise a impotência da síntese. Mas aqui, como nos outros ciclos culturais, o todo é algo mais que a soma das partes: é gênese e explicação. O amor e a pátria, a natureza e a religião, o povo e o passado, que afloram tantas vezes na poesia romântica, são conteúdos brutos, espalhados por toda a história das literaturas, e pouco ensinam ao intérprete do texto, a não ser quando postos em situação, tematizados e lidos como estruturas estéticas. Ora, é a compreensão global do complexo romântico que alcança entender esses vários níveis de abordagem que a análise horizontal dos “assuntos” a terra no mesmo plano. (BOSI, 2017, p. 95)

O crítico literário ainda complementa seu pensamento contribuindo sobre o espírito literário do Romantismo ao afirmar que:

[...] Como os seus ídolos europeus, os nossos românticos exibem fundos traços de defesa e evasão, que os leva a posições regressivas: no plano da relação com o mundo (retorno à mãe-natureza, refúgio no passado, reinvenção do bom selvagem, exotismo) e no das relações com o próprio eu (abandono à solidão, ao sonho, ao devaneio, às demasias da imaginação e dos sentidos). Para eles caberia a palavra do Goethe clássico e iluminista que chamava a esse Romantismo “poesia de hospital”. (BOSI, 2017, p. 97)

Por fim, Bosi (2017) apresenta os temas que rodeiam em linhas gerais as obras do Romantismo:

O fulcro da visão romântica do mundo é o sujeito. Diríamos hoje, em termos de informação, que é o emissor da mensagem.

O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No tempo, recriando uma Idade Média gótica e embruxada. No espaço, fugindo para ermas paragens ou para o Oriente exótico.

A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela significa e revela. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação. (BOSI, 2017, p. 97)

Para Moisés (2013) o Romantismo tem como características: A liberdade de expressão, como afirma em,

“... Os românticos revoltam-se contra as regras, os modelos as normas, batem-se pela total liberdade na criação artística e defendem a mistura e a “impureza” dos gêneros literários”. Em lugar da ordem clássica, colocam a aventura, preferem o caos, ou a anarquia; ao universalismo clássico (p. 142).”;

a subjetividade:

[...] o romântico mergulha cada vez mais na própria alma, a examinar-lhe mórbida e masoquistamente com o intento único de revelá-la e confessá-la. E embora confesse tempestades íntimas ou fraquezas sentimentais, experimenta um prazer agridoce em fazê-lo, certo da superior dignidade do sofrimento. (p.143);

A Idealização e o Sentimentalismo como afirma em:

[...] Velhas ruínas, restos de velhas civilizações, monumentos de povos desaparecidos torna-se igualmente uma forma de escapismo. Recuperar estados da alma talvez subconscientes no encontro da vida livre, longe das cidades e das fórmulas gastas de civilidade. Velhos castelos medievais de repente se tornam ponto de atração, ruínas de monumentos greco-latinos passam a ser visitados e apreciados pelo que evocam de melancolia e tristeza na lembrança de um tempo morto para sempre. (p.145);

o egocentrismo, como aponta

“... em lugar da ordem clássica, colocam a aventura ao cosmos, como sinônimo de equilíbrio, preferem o caos ou anarquia; ao universalismo clássico opõem um conceito de arte extremamente individualista: substituem a visão macrocosmica, isto é, centrada no” “eu” interior de cada um” (p.142);

o medievalismo, como afirma em “... Dentro da Europa, a Itália e a Espanha são os países mais procurados, certamente por manterem vivos traços dos séculos medievais e cavaleirescos e uma atmosfera poética, que convida ao sonho e ao devaneio”; o pessimismo, “... Imerso no caos interior, o poeta do romantismo acaba por sentir melancolia e tristeza que, cultivadas ou meramente nascidas e continuadas durante a introversão o levam ao tédio, ao

“mal do século”. Após o tédio sobrevém uma terrível angústia logo transformada em insuportável desespero. Para sair dele, o romântico só encontra duas saídas, a fuga a deserção pelo suicídio, ou fuga para a natureza, a pátria, terras exóticas, a História”; o escapismo e a religiosidade, como menciona em, “... Contraindo-se aos mitos pagãos do classicismo, os românticos pretendem a reabilitação do cristianismo anterior as lutas da Reforma e Contra-reforma, quer dizer do Cristianismo considerado virtuoso e ingênuo como só teria sido praticado na Idade Média" (p.146); o culto ao fantástico, pois a presença do mistério, do sobrenatural e representações dos sonhos e da imaginação são destaques nas obras; o nativismo, “... A natureza é procurada como confidente passiva e fiel, e um consolo nas horas amargas: deixando de ser pano de fundo, como era concebida entre os clássicos, a Natureza torna-se individualizada, personificada, mas só atua como reflexo do eu, se triste o romântico, a natureza também o é, pois ela constitui fundamentalmente “um estado da alma””; *O Nacionalismo ou patriotismo*, a valorização exagerada da pátria, onde somente as qualidades são enaltecidas; por fim, a luta entre o Liberalismo e o Absolutismo, Bosi (2017), apresenta da seguinte forma: “(...) O romântico liberal em política sente-se fadado a uma grande missão civilizadora e redentora do povo, a quem ama como irmão de dor e injustiça: instaura-se a demofilia, a democracia”.

2.2.1 O romantismo em análise nos poemas “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias; “Adeus, Meus Sonhos!” Álvares de Azevedo; e “Navio negreiro - IV”, de Castro Alves.

A fim de compreender o processo de escrita dos autores que se destacaram no romantismo, parnasianismo e simbolismo, buscamos nesta subseção e nas subseções que se seguem na seção 4.1 Parnasianismo e na seção 4.3 Simbolismo, apresentar e analisar os seus principais poemas, cujo se destacaram por sua carga de características de cada escola literária, assim como sua influência na literatura brasileira. Nesta subseção trataremos de analisar os poemas, Canção do Exílio, de Gonçalves Dias; Adeus, Meus Sonhos!, de Álvares de Azevedo; e Navio negreiro - IV, de Castro Alves.

2.2.1.1 Canção do Exílio, de Gonçalves Dias

O poema "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias é uma obra que representa a saudade do autor pela sua terra natal, o Brasil. Escrito em 1843, durante os anos em que Gonçalves Dias estudava Direito em Coimbra, Portugal, o poema se tornou uma das obras mais importantes da literatura brasileira. Com uma linguagem simples e emotiva, o poema retrata a

beleza natural do país e a falta que ela faz ao autor, que se encontra longe de casa.

O poema é composto por três partes: a primeira descreve a natureza exuberante do Brasil; a segunda fala sobre a saudade que o autor sente de sua terra natal; e a terceira mostra a esperança de que um dia ele possa voltar para casa.

Em seguida veremos que o poema tem uma métrica regular, com versos heptassílabos ou redondilha maior: verso de sete sílabas e rimas alternadas, por meio do método de escanção e análise. Essa estrutura do poema ajuda a dar ritmo à leitura e a enfatizar as emoções presentes no texto.

Os tipos de rimas presentes no poema variam entre rimas pobres (rimas formadas pela mesma classe de palavras) e rimas ricas (rimas formadas por classes de palavras diferentes). Na primeira estrofe, os versos seguem o padrão A/B/C/B. Observem que a rima rica acontece em Sabiá/lá, segundo e terceiro versos, /Sabiá/ sendo um substantivo e /lá/ sendo um advérbio. A rima pobre acontece no primeiro e terceiro verso, a rima interna se encontra em /ei/ de /palmeiras/ e /gorjeiam/. Na segunda e terceira estrofes, a rima também é A/B/C/B, ou seja, rimam os segundos e quartos versos. Na quarta e quinta estrofes, a rima ocorre nos segundos, quartos e sextos versos, logo o esquema de rimas no verso é A/B/C/B/D/B. Na segunda estrofe a rima é pobre, pois /flores/ e /amores/ são palavras pertencentes à mesma classe gramatical, ou seja, substantivos. Quanto à quarta e quinta estrofes, a rima é pobre, pois /lá/ e /cá/ são ambos advérbios. Para que se tenha a rima rica, é preciso que se tenha classes de palavras diferentes, como vimos no segundo e quarto verso da primeira estrofe, /Sabiá/ como substantivo e /lá/ como advérbio.

Canção do Exílio

1	2	3	4	5	6	7	
Mi/nha/	ter/ra	/tem/	pal/mei/	ras,			A
1	2	3	4	5	6	7	
On/de/	can/ta	o/	Sa/bi/á;				B
1	2	3	4	5	6	7	
As/	a/ves,	/que	a/qui/	gor/jei/	am,		C
1	2	3	4	5	6	7	
Não/	gor/jei/	am	/co/mo/	lá.			B
1	2	3	4	5	6	7	

Nos/so /céu/ tem/ mais /es/**tre**/las, A

1 2 3 4 5 6 7

Nos/sas/ vár/zeas/ têm/ mais/ **flo**/res, B

1 2 3 4 5 6 7

Nos/sos/ bos/ques/ têm/ mais/ **vi**/da, C

1 2 3 4 5 6 7

Nos/sa/ vi/da/ mais/ a/**mo**/res. B

1 2 3 4 5 6 7

Em/ cis/mar,/ so/zi/nho, **à**/ **noi**/te, A

1 2 3 4 5 6 7

Mais/ pra/zer/ en/con/tro eu/ **lá**; B

1 2 3 4 5 6 7

Mi/nha/ ter/ra/ tem/ pal/**mei**/ras, C

1 2 3 4 5 6 7

On/de/ can/ta **o**/ Sa/bi/**á**. B

1 2 3 4 5 6 7

Mi/nha/ ter/ra/ tem/ pri/**mo**/res, A

1 2 3 4 5 6 7

Que/ tais/ não en/con/tro/ eu/ **cá**; B

1 2 3 4 5 6 7

Em/ cis/mar/ — so/zi/nho, **à**/ **noi**/te — C

1 2 3 4 5 6 7

Mais/ pra/zer /en/con/tro eu/**lá**; B

1 2 3 4 5 6 7

Mi/nha/ te/rra/ tem/ pal/**mei**/ras, D

1 2 3 4 5 6 7

On/de/ can/ta **o**/ Sa/bi/**á**. B

1 2 3 4 5 6 7

Não/ per/mi/ta/ Deus/ que eu/ **mor**/ra, A

1 2 3 4 5 6 7

Sem/ que eu/ vol/te/ pa/ra/ **lá**; B

1 2 3 4 5 6 7
 Sem/ que/ des/fru/te os/ pri/**mo**/res C

1 2 3 4 5 6 7
 Que/ não/ en/con/tro/ por/ **cá**; B

1 2 3 4 5 6 7
 Sem/ qu'in/da a/vis/te as/ pal/**mei**/ras, D

1 2 3 4 5 6 7
 On/de/ can/ta o/ Sa/bi/**á**." B

Na primeira parte do poema, Gonçalves Dias descreve a exuberância da natureza brasileira, com suas florestas, rios, montanhas e animais. Ele destaca a beleza da sua terra natal e a compara com outros locais que já visitou.

A valorização da emoção e da subjetividade em contraste com a razão e a objetividade do Iluminismo é uma das principais características da poesia romântica, que tem uma descrição detalhada da natureza brasileira.

Na segunda parte do poema, o autor expressa a saudade que sente de sua terra natal e de tudo o que ela representa para ele. Ele fala sobre as lembranças da infância, dos amigos e da família, e como tudo isso o faz sentir falta de casa.

A saudade é um tema recorrente na literatura brasileira, especialmente na poesia, e representa um sentimento profundo de nostalgia e melancolia.

Na terceira parte do poema, o autor expressa a esperança de que um dia possa voltar para casa e reencontrar tudo o que deixou para trás. Ele fala sobre a importância de suas raízes e de como elas o definem como pessoa.

Essa esperança é uma das principais características da poesia romântica, que valorizava a idealização e a busca pelo amor e pela felicidade plena.

2.2.1.2 Adeus, Meus Sonhos!, de Álvares de Azevedo

Lira dos Vinte Anos foi escrito durante o período do romantismo brasileiro, que teve início no final do século XVIII e se estendeu até meados do século XIX. Esse movimento literário valorizava a emoção, a imaginação e a liberdade individual, e buscava retratar a realidade de forma subjetiva.

Álvares de Azevedo foi um dos principais representantes desse movimento no Brasil, e sua obra reflete as características do romantismo, como a idealização do amor, a exaltação

da natureza e a busca pela felicidade plena.

Lira dos Vinte Anos aborda diversos temas que são recorrentes na poesia romântica, como o amor não correspondido, a saudade, a solidão e a morte. Os poemas de Álvares de Azevedo retratam a melancolia e a angústia da juventude, e mostram a dificuldade de encontrar sentido na vida. Apesar de tristes e melancólicos, os poemas também apresentam uma beleza singular, com versos delicados e sensíveis que emocionam o leitor.

A linguagem poética de Álvares de Azevedo é marcada pela musicalidade e pela sensibilidade. O poeta utiliza recursos como a aliteração, a assonância e a rima para criar um efeito sonoro agradável aos ouvidos.

Além disso, a linguagem poética é repleta de metáforas, comparações e imagens que enriquecem a leitura e permitem ao leitor visualizar as cenas descritas nos poemas.

Adeus, meus sonhos!

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/deus/, meus/ so/nhos/, eu/ pran/tei/o e/ **mor**/ro!/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Não/ le/vo/ da e/xis/tên/cia/ uma/ sau/**da**/de!/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

E a/ tan/ta/ vi/da/ que/ meu/ pei/to/ **en**/chia/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Mor/reu/ na/ mi/nha/ tris/te/ mo/ci/**da**/de!/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Mi/sér/ri/mo!/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

vo/tei/ meus/ po/bres/ **dias**/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

À/ si/na/ dou/da/ de um/ a/mor/ sem/ **fru**/to./
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

E/ mi/nha al/ma/ na/ tre/va a/go/ra/ **dor**/me/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Co/mo um/ o/lhar/ que a/ mor/te en/vol/ve em/ **lu**/to./
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Que/ me/ res/ta/, meu/ Deus?/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

mor/ra/ co/**mi**/go/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

que/ me/ res/ta/, meu/ Deus?/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

mor/ra/ co/**mi**/go/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

que/ me/ res/ta/, meu/ Deus?/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

mor/ra/ co/**mi**/go/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

que/ me/ res/ta/, meu/ Deus?/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

mor/ra/ co/**mi**/go/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

que/ me/ res/ta/, meu/ Deus?/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

mor/ra/ co/**mi**/go/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

que/ me/ res/ta/, meu/ Deus?/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 A es/tre/la/ de/ meus/ cân/di/dos/ a/mo/res/,
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Já/ que/ não/ le/vo/ no/ meu/ pei/to/ mor/to/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Um/ pu/nha/do/ se/quer/ de/ mur/chas/ flo/res!/
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

O poema “Adeus, meus sonhos!”, de Álvares de Azevedo é um dos mais famosos da literatura brasileira. Escrito em 1852, o poema reflete a melancolia e a tristeza que permeiam a obra do autor.

Com uma linguagem poética complexa e repleta de simbolismos, o poema retrata a dor da desilusão amorosa e a sensação de vazio que acompanha a perda de um grande amor.

O poema é dividido em quatro partes distintas, cada uma delas representando uma fase diferente do processo de luto pelo amor perdido. Na primeira parte, o eu lírico se lamenta pela partida da amada e pela solidão que sente. Na segunda parte, ele reflete sobre a natureza efêmera do amor e da vida. Na terceira parte, ele busca consolo na religião e na ideia de que a morte pode ser um alívio para a dor. E na quarta e última parte, ele finalmente se resigna à perda e se despede dos seus sonhos.

A estrutura do poema é marcada pela repetição de algumas palavras e expressões, como 'adeus', 'sonhos', 'nunca mais', 'eternidade', entre outras. Essa repetição cria um efeito de circularidade e reforça a ideia de que a dor da perda é algo que não acaba nunca, e que está sempre presente e sendo vivenciada, como um ciclo vicioso. Seus versos são construídos, cada um, com 10 sílabas poéticas, sendo assim, versos decassílabos e possuindo uma métrica regular, comum durante o período do romantismo.

O poema de Álvares de Azevedo é uma reflexão profunda sobre a natureza do amor e da vida, e sobre a inevitabilidade da morte. O poeta usa uma linguagem poética rica em simbolismos para transmitir a sua mensagem, criando imagens poderosas e evocativas.

Ao longo do poema, o poeta expressa a sua dor e a sua tristeza, mas também mostra alguma esperança e resignação. Ele reconhece que a vida é efêmera e que todas as coisas passam, inclusive o amor e a dor. E no final, ele se despede dos seus sonhos, aceitando que é hora de seguir em frente.

O poema “Adeus, meus sonhos!”, de Álvares de Azevedo é uma obra-prima da literatura brasileira, que continua a emocionar e inspirar leitores de todas as idades. Com sua

linguagem poética rica em simbolismos e sua reflexão profunda sobre a natureza do amor e da vida, o poema é um testemunho da habilidade do autor em transmitir emoções complexas através da palavra escrita.

2.2.1.3 Navio Negreiro - VI, de Castro Alves.

“Navio Negreiro” é um poema escrito por Castro Alves em 1868, que retrata a triste realidade do tráfico de escravos no Brasil. O poema é considerado uma das obras mais importantes da literatura brasileira e representa um marco na luta contra a escravidão.

O poema foi publicado pela primeira vez na cidade de Salvador, Bahia, em um jornal chamado Diário de São Paulo. Desde então, Navio Negreiro tem sido estudado e analisado por estudiosos e críticos de todo o mundo, sendo reconhecido como uma obra-prima da literatura brasileira.

“Navio Negreiro” é composto por sete partes, cada uma com um número variável de estrofes e versos. A estrutura do poema é complexa e apresenta diversas técnicas poéticas, como aliteração, assonância, metáfora e hipérbole.

A primeira parte do poema descreve o navio negreiro em si, enquanto as partes seguintes se concentram nos horrores sofridos pelos escravos durante a viagem. A última parte do poema é uma ode à liberdade e à justiça, reafirmando os valores humanos fundamentais que foram negados aos escravos.

Os temas principais de “Navio Negreiro” são a crueldade do tráfico de escravos, a desumanização dos escravos e a luta pela liberdade. O poema retrata de forma vívida e emocionante a dor e o sofrimento dos escravos, bem como a sua resistência e esperança.

Além disso, “Navio Negreiro” também aborda temas como a natureza, a religião e a justiça divina. O poema sugere que a natureza e Deus estão do lado dos escravos, e que a justiça será feita no final. Esses temas dão ao poema uma dimensão universal e atemporal, tornando-o relevante até os dias de hoje.

Para melhor compreensão de como a obra de Castro Alves é importante para a literatura brasileira, destacamos abaixo o poema de número IV, com o objetivo de analisar e escansionar seus versos a fim de compreender sua métrica e sua rima.

IV

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Era/ um/ so/nho/ dan/tes/co... O/ tom/ba/di/lho

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Que/ das/ lu/zer/nas/ a/ver/me/lha o/ **bri**/lho/,

1 2 3 4 5 **6**
 Em/ san/gue a/ se/ ba/**nhar**/.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Ti/nir/ de/ fer/ros/... es/ta/lar/ do a/**çoi**/te/...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Le/giões/ de/ ho/mens/ ne/gros/ co/mo a/ **noi**/te/,

1 2 3 4 5 **6**
 Hor/ren/dos/ a/ dan/**çar**/...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Ne/gras/ mu/lhe/res/, sus/pen/den/do às/ **te**/tas/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Ma/gras/ cri/an/ças/, cu/jas/ bo/cas/ **pre**/tas/

1 2 3 4 5 **6**
 Re/ga o/ san/gue/ das/ **mães**/:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Ou/tras/, mo/ças/... mas/ nu/as/, es/pan/**ta**/das/,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 No/ tur/bi/lhão/ de es/pec/tros/ ar/ras/**ta**/das/,

1 2 3 4 5 **6**
 Em/ ân/sia e/ má/goa/ **vãs**/.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 E/ ri/-se a or/ques/tra, i/rô/ni/ca, es/tri/**den**/te/...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 E/ da/ ron/da/ fan/tás/ti/ca a/ ser/**pen**/te/

1 2 3 4 5 **6**
 Faz/ doi/das/ es/pi/**rais**/...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Se o/ ve/lho ar/que/ja/... se/ no/ chão/ res/**va**/la/,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Ou/vem/-se/ gri/tos/... o/ chi/co/te es/**ta**/la/.

1 2 3 4 5 6

E/ vo/am/ ma/is e/ **mais**/...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Pre/sa/ nos/ e/los/ de/ uma/ só/ ca/**dei**/a/,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/ mul/ti/dão/ fa/min/ta/ cam/ba/**lei**/a/,

1 2 3 4 5 6

E/ cho/ra e/ dan/ça/ **ali**!

.....

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Um/ de/ rai/va/ de/li/ra, ou/tro en/lou/**que**/ce/...

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Ou/tro/, que/ de/ mar/tí/ri/os/ em/bru/**te**/ce/,

1 2 3 4 5 6

Can/tan/do/, ge/me e/ **ri**!

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

No en/tan/to o/ ca/pi/tão/ man/da a/ ma/**no**/bra/

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

E a/pós/, fi/tan/do o/ céu/ que/ se/ des/**do**/bra/

1 2 3 4 5 6

Tão/ pu/ro/ so/bre o/ **mar**/,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Diz/ do/ fu/mo/ en/tre os/ den/sos/ ne/**voei**/ros/:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

“Vi/brai/ ri/jo o/ chi/co/te/, ma/ri/**nhei**/ros/!

1 2 3 4 5 6

Fa/zei/-os/ mais/ dan/çar/!...”

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

E/ ri/-se a or/ques/tra i/rô/ni/ca, es/tri/**den**/te/...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

E/ da/ ro/da/ fan/tás/ti/ca a/ ser/**pen**/te/

1 2 3 4 5 **6**

Faz/ doi/das/ es/pi/**rais**/!

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Qual/ num/ so/nho/ dan/tes/co as/ som/bras/ vo/**am**/...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Gri/tos/, ais/, mal/di/ções/, pre/ces/ res/so/**am**!

1 2 3 4 5 **6**

E/ ri/-se/ Sa/ta/**nás**!...

2.3 PARNASIONAISMO

O Parnasianismo é um movimento literário que surgiu na França no século XIX. O principal objetivo do movimento parnasiano é a criação de poesias perfeitas, valorizando a forma e a linguagem culta e erudita, sendo o movimento uma crítica explícita ao sentimentalismo do Romantismo.

Este movimento literário, que é predominantemente poético, era baseado na doutrina da “arte pela arte”, o que nos leva a entender que os poemas produzidos sob o guarda-chuva desta corrente eram puramente estéticos, conforme a proposta do crítico literário e poeta francês Théophile Gautier.

Em 1856, Théophile Gautier divulgou um manifesto na França que imortalizou a expressão “arte pela arte”. Segundo ele, a arte seria autônoma, independente, e não deveria constituir um meio, mas um fim em si mesma.

De acordo com a teoria proposta por Gautier (1876), a arte não precisava estar rodeada por uma “áurea” de significados e sentimentos humanos, mas sim ser feita com o intuito de ser perfeita, bela e refinada. Tal afirmação compara-se ao movimento hedonista, o qual tinha como adeptos, autores como Oscar Wilde e Edgar Allan Poe.

As principais características do movimento parnasiano giram em torno da objetividade, como forma de oposição ao sentimentalismo expresso no romantismo; da valorização da forma e a escolha vocabular; do perfeccionismo na métrica, na rima e na escolha de palavras que compõem o poema; da impessoalidade, por meio de um “eu” não ser apresentado, dando ênfase a negação do sentimentalismo romântico; e, por fim, dos temas que são baseados na natureza, na cultura clássica, nos fatos históricos e na mitologia grega.

Segundo Candido (2007), o Parnasianismo surgiu, no Brasil, no último decênio do

século XIX, tendo origens francesas e se caracterizando pela diminuição do sentimentalismo e buscando anular as influências políticas na poesia. Dentre os autores do Parnasianismo brasileiro, trazemos o excerto do poema *Profissão de Fé* de Olavo Bilac, presente no livro *Poesias* (1888). Neste poema, o poeta versa sobre o fazer poético do parnasiano como uma “receita” para aqueles que a tal programa contemplassem ajuntarem-se.

Invejo o ourives quando escrevo/Imito o amor/Com que ele, em ouro, o alto relevo/Faz de uma flor./(...)/Quero que a estrofe cristalina,/Dobrada ao jeito/Do ourives, saia da oficina/Sem um defeito:/(...)/Porque o escrever — tanta perícia,/Tanta requer,/Que ofício tal.../nem há notícia/De outro qualquer./Assim procedo. Minha pena/Segue esta norma,/Por te/servir, Deusa serena,/Serena Forma! (BILAC, 1988, p.10-11).

Moisés (2016) retrata o Parnasianismo em sua obra *História da Literatura Brasileira* da seguinte maneira:

Assim terminava um dos mais esfuziantes reinados da poesia brasileira [o de Olavo Bilac], assinalado por um esteticismo não raro paralisante, fruto de uma compreensão rígida do código literário e da ausência de preocupação ética. Contraditoriamente, a poesia bilaquiana desejava alcançar universalidade e perenidade por meio da forma preciosa e do sentimento sublime, e frequentes vezes se precipitou no inconsequente, como se destinada apenas a entreter o leitor: movere sem docere. (MOISÉS, 2016)

Bosi (2017), considera a tendência estetizante como a principal preocupação da poesia parnasiano-simbolista, uma vez que o parnasianismo se constitui em ideais anti-românticos, sobretudo, no que tange à objetividade no trato dos temas e no culto da forma.

Para o autor, a descrição e o tradicionalismo do metro, do ritmo, da rima e da impessoalidade são elementos característicos do estilo dos autores consagrados como parnasianos. O crítico ainda condena o bizantinismo do culto parnasiano de objetos decorativos, como exemplo, a estátua grega e o vaso chinês, assim como o “estetismo esnobe” desta poética (BOSI, 1999, p. 221-229). Para Bosi (2001), a expressão já mencionada, “arte pela arte” é a marca de um forte traço de superficialidade.

É na convergência de ideais antirromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma, que se situa a poética do Parnasianismo.[...] Seus traços de relevo: o gosto da descrição nítida (a mimese pela mimese), concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e rima e, no fundo, o ideal da impessoalidade que partilhavam com os realistas do tempo. (...) O parnasiano típico acabará deleitando-se na nomeação de alfaias, vasos e leques chineses, flautas gregas, taças de coral, ídolos de gesso em túmulos de mármore... e exaurindo-se na sensação de

um detalhe ou na memória de um fragmento narrativo. (BOSI, 2017, p. 233-234)

Faz-se importante aqui reforçar que o Parnasianismo é a vertente poética de um movimento maior, o Realismo-Naturalismo que é fonte de produções pautadas no Positivismo e no Cientificismo da época. Contudo, levando em consideração as transformações político-sociais das últimas décadas do século XIX e das primeiras décadas do século XX, chegamos a outra escola literária, também predominantemente poética e que, na esteira de alcançarmos nosso objetivo, precisamos discutir, como feito na subseção seguinte.

2.3.1 O Parnasianismo em análise no poema “Profissão de Fé”, de Olavo Bilac.

“Profissão de Fé” é um poema escrito por Olavo Bilac, um dos mais importantes representantes do Parnasianismo no Brasil. Publicado em 1888, o poema faz uso da metalinguagem ao utilizar o poema para falar sobre a escrita de poemas, e assim apresentar ao leitor a profissão do poeta e como a construção de versos é muito mais que apenas rimar palavras, mas revelá-las a cada leitor o máximo de beleza que elas possam expressar.

No poema, Bilac defende a ideia de perfeição e de beleza que é muito presente no parnasianismo como os conceitos do belo presente nas formas. Bilac compara o ofício de um poeta ao de um ourives. Para o poeta, as palavras precisas, os versos cuidadosos, e os os detalhes revelados pelo polimento das palavras, fazem do poema um objeto precioso como uma joia, que com cuidado e um pouco de dedicação revela uma grande beleza oculta.

Olavo Bilac foi um dos principais representantes do Parnasianismo no Brasil, movimento literário que valorizava a forma e a técnica poética. Em Profissão de Fé, podemos perceber a influência desse estilo, já que o poema apresenta uma linguagem cuidadosamente trabalhada e uma estrutura formal bem definida como veremos logo em seguida. Ao contrário de outros poetas parnasianos, Bilac não se limitou apenas à estética em sua obra. Ele também abordou temas sociais e políticos, se mostrando preocupado com os problemas do seu tempo.

Olavo Bilac é considerado um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Sua obra, marcada pela perfeição formal e pelo lirismo delicado, influenciou gerações de escritores e poetas. Além disso, Bilac também teve uma importante atuação como jornalista e crítico literário, contribuindo para o desenvolvimento da cultura brasileira no final do século XIX e início do século XX.

Ademais, analisaremos em seguida o poema “Profissão de fé” com a finalidade de apresentarmos como as características do parnasianismo são refletidas em sua métrica.

Profissão de Fé (Fragmento)

1 2 3 4 5 6 7 8
 In/ve/jo o ou/ri/ves/ quan/do es/**cre**/vo:
 1 2 3 4
 Imi/to o/ a/**mor**/
 1 2 3 4 5 6 7 8
 Com/ Ele/, em/ ou/ro, o al/to/-re/**le**/vo/
 1 2 3 4
 Faz/ de/ uma/ **flor**/.

1 2 3 4 5 6 7 8
 Imi/to-o/. E/, pois/ nem/ de/ Car/**ra**/ra/
 1 2 3 4
 A/ pe/dra/ **fi**/ro/:
 1 2 3 4 5 6 7 8
 O al/vo/ cris/tal/, a/ pe/dra/ **ra**/ra/,
 1 2 3 4
 O ô/nix/ pre/**fi**/ro/.

1 2 3 4 5 6 7 8
 Por/ is/so/, cor/re/, por/ ser/**vir**/-me/,
 1 2 3 4
 So/bre o/ pa/**pel**/
 1 2 3 4 5 6 7 8
 A/ pe/na/, co/mo em/ pra/ta/ **fir**/me/
 1 2 3 4
 Cor/re o/ cin/**zel**/.

1 2 3 4 5 6 7 8
 Cor/re/; de/se/nha, en/fei/ta a i/**ma**/gem/,
 1 2 3 4
 A i/dei/a/ **ves**/te/:
 1 2 3 4 5 6 7 8

Cin/ge/-lhe ao/ cor/po a am/pla/ rou/**pa**/gem/

1 2 3 4

A/zul/-ce/**les**/te/.

1 2 3 4 5 6 7 8

Tor/ce, a/pri/mo/ra, al/te/ia/, **li**/ma/

1 2 3 4

A/ fra/se; e en/**fim**/,

1 2 3 4 5 6 7 8

No/ ver/so/ de ou/ro en/gas/ta a/ **ri**/ma/,

1 2 3 4

Co/mo um/ ru/**bim**/.

1 2 3 4 5 6 7 8

Que/ro/ que a es/tro/fe/ cris/ta/**li**/na/,

1 2 3 4

Do/bra/da ao/ **jei**/to/

1 2 3 4 5 6 7 8

Do/ ou/ri/ves/, sa/ia/ da o/**fi**/ci/na/

1 2 3 4

Sem/ um/ de/**fei**/to/:

1 2 3 4 5 6 7 8

E/ que o/ la/vor/ do/ ver/so, a/**ca**/so/,

1 2 3 4

Por/ tão/ su/**til**/,

1 2 3 4 5 6 7 8

Pos/sa o/ la/vor/ lem/brar/ de um/ **va**/so/

1 2 3 4

De/ Be/cer/**ril**/.

1 2 3 4 5 6 7 8

E ho/ras/ sem/ con/ta/ pas/so/, **mu**/do/,

1 2 3 4

O o/lhar/ a/**ten**/to/,
 1 2 3 4 5 6 7 **8**
 A/ tra/ba/lhar/, lon/ge/ de/ **tu**/do/
 1 2 3 **4**
 O/ pen/sa/men/to/.

1 2 3 4 5 6 7 **8**
 Por/que o es/cre/ver/ – tan/ta/ pe/**ri**/cia,
 1 2 3 4
 Tan/ta/ re/**quer**/,
 1 2 3 4 5 6 7 **8**
 Que o/fi/cio/ tal/... nem/ há/ no/**tí**/cia/
 1 2 3 **4**
 De ou/tro/ qual/**quer**/.

1 2 3 4 5 6 7 **8**
 As/sim/ pro/ce/do/. Mi/nha/ **pe**/na
 1 2 3 **4**
 Se/gue es/ta/ **nor**/ma/,
 1 2 3 4 5 6 7 **8**
 Por/ te/ ser/vir/, Deu/sa/ se/**re**/na/,
 1 2 3 **4**
 Se/re/na/ **For**/ma/!

O poema Profissão de Fé apresenta uma rima muito peculiar, conhecida como rima interior ou rima coroada. Nesse tipo de rima, as palavras que rimam estão no meio dos versos, em vez de estarem no final. Essa técnica de rima é bastante incomum na poesia brasileira e mostra a habilidade de Olavo Bilac em experimentar a forma poética. Além disso, as rimas coroadas dão ao poema uma musicalidade única e contribuem para a sua sonoridade envolvente.

O poema, em específico o fragmento acima, possui versos alternados que variam de 8 (oito) e de 4 (quatro) sílabas métricas, e suas rimas são alternadas. Na primeira estrofe, desenvolve-se uma comparação que nos permite perceber a extrema importância da forma, para a poesia parnasiana.

O estilo de Olavo Bilac é marcado pela precisão e elegância da linguagem. Em *Profissão de Fé*, ele utiliza diversas figuras de linguagem, como metáforas, antíteses e paradoxos, para transmitir suas ideias de forma clara e impactante. Além disso, a escolha cuidadosa das palavras e a cadência rítmica do poema criam uma atmosfera de contemplação e introspecção, convidando o leitor a mergulhar nas reflexões do eu lírico.

“Profissão de Fé” é um poema que sintetiza a visão de Olavo Bilac sobre a importância da religião, da moralidade e da solidariedade na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Com uma linguagem cuidadosamente trabalhada e uma mensagem poderosa e atual, o poema continua a inspirar leitores e a despertar reflexões sobre os valores fundamentais da vida humana.

2.4 SIMBOLISMO

Em oposição ao Realismo-Naturalismo e ao Positivismo-Cientificismo vigente na época do Parnasianismo, o Simbolismo surge na França como estética artística que se contrapõe diretamente ao movimento precedente. Na literatura, o movimento simbolista tem como marca inicial a publicação do livro *As flores do mal* de Charles Baudelaire em 1857.

Ao contrário dos parnasianos que defendiam o rigor formal do verso, os simbolistas buscavam uma poesia voltada a efeitos sonoros, com certa musicalidade. Assim, eram comuns figuras de linguagem como assonância (é uma figura de linguagem ou um recurso sonoro que consiste em repetir sons de vogais em um verso ou em uma frase, especialmente as sílabas tônicas) e aliteração (é a repetição de fonemas idênticos ou parecidos no início de várias palavras na mesma frase ou verso, visando obter efeito estilístico na prosa poética e na poesia). Os poetas simbolistas rejeitam o rigor e a disciplina parnasiana.

Dentre suas principais características, encontramos a ênfase em temas místicos; o subjetivismo de volta ao fazer poético; a musicalidade como forma valorizada dentro dos versos; a negação e/ou oposição ao Realismo e ao Naturalismo; e, por fim, o uso de sinestésias, figura de linguagem na qual os sentidos sensoriais são aproximados em algum contexto, o que era feito pelos autores simbolistas por meio de expressões como olhar berrante (visão e audição), perfume doce (olfato e paladar), olhar penetrante (visão e tato), dentre outras.

Otto Maria Carpeaux (1953) afirma que “[...] o Simbolismo, apesar de ter produzido um Cruz e Sousa e um Alphonsus de Guimaraens, foi estrangulado [pelo Realismo-Naturalismo e pelo Parnasianismo]”. (Uma crítica ao Simbolismo. O Jornal, Rio de

Janeiro, 24 maio 1953.)

Para Candido (1978), o Simbolismo teria contribuído para nossa formação pré-modernista.

Aliás, [o Simbolismo] foi aqui bastante medíocre, ressalvados os grandes iniciadores [Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens]. Além disso, o seu efeito foi limitado pela aliança tácita entre Parnasianismo e o espírito acadêmico, semioficial. Isso fez com que permanecesse uma espécie de tendências, excêntrica ou de segunda plana [...]. Rico de experiências e variações, manifestou-se em cenáculos, revistas, livros curiosos, dando lugar a tendências subsidiárias, que extravasaram seus limites e influíram na formação de um clima pré-modernista. (CANDIDO; CASTELLO, 1978, p. 106).

Bosi (2017), ainda em sua obra, trata, em linhas gerais de seu pensamento sobre o Simbolismo da seguinte maneira:

O Parnaso legou aos simbolistas a paixão do efeito estético. Mas os novos poetas buscavam algo mais: transcender os seus mestres para reconquistar o sentimento de totalidade que parecia perdido desde a crise do Romantismo. A arte pela arte de um Gautier e de um Flaubert é assumida por eles, mas retificada pela aspiração de integrar a poesia na vida cósmica e conferir-lhe um estatuto de privilégio que tradicionalmente caberia à religião ou à filosofia. Visto à luz da cultura europeia, o Simbolismo reage às correntes analíticas dos meados do século, assim como o Romantismo reagira à Ilustração triunfante em 89. Ambos os movimentos exprimem o desgosto das soluções racionalistas e mecânicas e nestas reconhecem o correlato da burguesia industrial em ascensão; ambos recusam-se a limitar a arte ao objeto, à técnica de produzi-lo, a seu aspecto palpável; ambos, enfim, esperam ir além do empírico e tocar, com a sonda da poesia, um fundo comum que susteria os fenômenos, chame-se Natureza, Absoluto, Deus ou Nada. O *símbolo*, considerado categoria fundante da fala humana e originariamente preso a contextos religiosos, assume nessas correntes a função-chave de vincular as partes ao Todo universal que, por sua vez, confere a cada uma o seu verdadeiro sentido. (BOSI, 2017, p. 279)

Por fim, Moisés (2013) nos diz que:

O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Contrariando a objetividade aspirada pela geração de 70, a estética simbolista prega, e busca efetuar, o retorno à atitude psicológica e intelectual assumida pelos românticos, e que se traduzia, no egocentrismo: opondo-se ao culto do "não-eu", apanágio das tendências anteriores, volta o "eu" a ser objeto de cuidadosa atenção. Mas o individualismo simbolista não repete pura e simplesmente idêntica propensão romântica: o Romantismo estimulava a introspecção que apenas desvendava as primeiras camadas da vida mental do escritor, onde se localizam os conflitos e as vivências de ordem sentimental ou emocional. Pelo caráter feminizante e adolescente do Romantismo, compreende-se que as coisas não podiam passar-se doutro modo. (MOISÉS, 2013, p. 282)

Vemos, portanto, que o ciclo das escolas literárias têm sido movido pela negação de uma nova escola com relação ao que fora proposto na escola anterior. Assim, temos o Romantismo com uma proposta pautada no *eu*, na religião, no pessimismo e no escapismo

que é sobreposto pelo Parnasianismo com uma proposta focada em poesias altamente estéticas, como produto de um fazer artístico, de modo objetivo, refletindo o mundo exterior. Este movimento, por sua vez, é derrubado pelo Simbolismo, movimento estético e, na literatura, predominantemente poético que, *grosso modo*, pode ser tido como um retorno ao Romantismo.

Levando em consideração tais fatores, como discutidos acima com base em críticos literários renomados no Brasil, passamos, na seção a seguir, a apresentar estas mesmas escolas literárias como são ensinadas aos alunos do Ensino Médio por meio dos recortes de alguns livros didáticos.

2.4.1 O Parnasianismo em análise no poema “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens.

“Ismália” é um poema lírico escrito por Alphonsus de Guimaraens, publicado pela primeira vez em 1895. O poema é considerado uma das obras mais importantes da literatura brasileira. Foi escrito no final do século XIX, período em que o Brasil passava por grandes transformações políticas, sociais e culturais. Nessa época, o país estava mudando de uma monarquia para uma república e havia uma grande efervescência cultural.

Alphonsus de Guimaraens fazia parte de um grupo de escritores conhecido como simbolistas, que buscavam explorar os sentimentos e as emoções através da poesia. Suas obras eram marcadas pelo uso de metáforas, símbolos e imagens poéticas.

O poema *Ismália* é marcado pela presença do duplo, ao considerarmos a personagem *Ismália* na perspectiva da loucura ou da sanidade, o consciente e o inconsciente, o que é real e o que é imaginário. Essa duplicidade que podemos ver na obra traz características marcantes do simbolismo.

Alphonsus de Guimaraens é conhecido por sua sensibilidade poética e essa característica está presente em *Ismália*. O autor utiliza uma linguagem delicada e emotiva para descrever os sentimentos dos personagens e criar uma atmosfera melancólica, questionável e trágica.

A escolha das palavras e a construção das frases revelam a habilidade poética do autor e a sua capacidade de transmitir emoções complexas por meio da palavra escrita.

Ismália

1 2 3 4 5 6 7

Quan/do Is/má/lia en/lou/que/**ce**u, A

1 2 3 4 5 6 7	
Pôs/-se/ na/ tor/re a /so/ nhar /...	B
1 2 3 4 5 6 7	
Viu/ u/ma/ lu/a /no/ céu /,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Viu/ ou/tra/ lu/a /no/ mar /.	B
1 2 3 4 5 6 7	
No/ so/nho em/ que/ se/ per/ deu ,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Ba/nhou/-se/ to/da em/ lu/ ar ...	B
1 2 3 4 5 6	
Que/ria/ su/bir/ ao/ céu ,	A
1 2 3 4 5 6	
Que/ria/ des/cer/ ao/ mar ...	B
1 2 3 4 5 6 7	
E,/ no/ des/va/rio/ seu /,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Na/ tor/re/ pôs/-se a/ can/ tar ...	B
1 2 3 4 5 6 7	
Es/ta/va/ per/to/ do/ céu /,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Es/ta/va/ lon/ge/ do/ mar /...	B
1 2 3 4 5 6 7	
E/ co/mo/ um an/jo/ pen/ deu /	A
1 2 3 4 5 6 7	
As/ as/as/ pa/ra/ vo/ ar /...	B
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ria /a/ lu/a/ do/ céu /,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ria /a/ lu/a/ do/ mar /...	B

1 2 3 4 5 6 7	
As/ a/sas/ que/ Deus/ lhe/ deu /	A
1 2 3 4 5 6 7	
Ru/fla/ram/ de/ par/ em / par /...	B
1 2 3 4 5 6	
Sua/ al/ma/ su/biu/ ao/ céu /,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Seu/ cor/po/ des/ceu/ ao/ mar /...	B

O poema *Ismália* é uma obra complexa e rica em simbolismo. A personagem principal, *Ismália*, representa a alma humana em busca do amor e da felicidade. Seu mundo de sonhos e fantasias simboliza o desejo humano de escapar da realidade e encontrar a plenitude.

A linguagem poética usada por Alphonsus de Guimaraens é marcada pelo uso de metáforas e símbolos.

Alphonsus de Guimaraens utiliza a métrica imperfeita, pois faz uso tanto de versos em heptassílabos (ou redondilha maior) em sua maioria, quanto em versos hexassílabos como podemos ver na segunda e quinta estrofes do poema, o que confere uma cadência rítmica ao texto. A escolha dessa métrica permitiu ao autor explorar diferentes sonoridades e enfatizar determinadas palavras ou expressões.

A rima também é utilizada de forma estratégica no poema, criando uma unidade sonora e dando destaque aos versos finais de cada estrofe. O uso de rimas alternadas A/B/A/B contribui para a harmonia do texto e reforça a sensação de continuidade narrativa.

O poema *Ismália* é uma obra-prima da literatura brasileira que continua a encantar leitores de todas as idades e formações. Sua linguagem poética sofisticada e seu simbolismo rico tornam a obra uma experiência única e emocionante. Alphonsus de Guimaraens é um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, e seu legado continua a inspirar escritores e leitores de todo o mundo.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentaremos os métodos usados para que conseguíssemos alcançar nosso objetivo principal, a saber, classificar a obra *Campesinas*, de Alcina Leite, em uma escola literária do Brasil.

Para tanto, fez-se necessário aprofundar o conhecimento sobre métodos de abordagem, métodos de procedimento, tipos de pesquisa para que pudéssemos, enfim, estar munidos de material de análise que guiasse nossa discussão. Por isso, nas próximas subseções, descreveremos os procedimentos que nos guiaram para a análise dos poemas da autora que é o foco de nosso estudo.

3.1 MÉTODOS DE ABORDAGEM

De acordo com Gil (2008), os métodos de abordagem da pesquisa científica visam esclarecer os procedimentos lógicos que devem ser seguidos durante o processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade.

Podemos incluir no grupo de métodos de abordagem os métodos: (i) dedutivo – método do qual se parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis podendo levar a conclusões que derivam única e exclusivamente da lógica, (ii) indutivo – método que toma como ponto de partida um fato específico, particular, e, após o trabalho de coleta de dados, permite chegar a generalizações, (iii) hipotético-dedutivo – método por meio do qual o cientista observa um fenômeno, cria hipóteses a partir de intuição científica, estuda e analisa um conjunto de postulados que governam o objeto estudado e deduz as consequências através da experimentação, podendo, então, refutar os postulados e substituí-los quando necessário, sendo este método experimental por natureza, (iv) dialético – método através do qual pode se chegar a uma interpretação da realidade baseada nos princípios da unidade dos opostos, de quantidade e qualidade e de negação da negação e (v) fenomenológico – método pelo qual se busca resgatar os significados atribuídos pelos indivíduos ao objeto de estudo sendo, portanto, uma pesquisa de natureza qualitativa e não estruturada.

Esta é uma pesquisa que parte da criação de hipóteses por parte do pesquisador acerca de um fato específico na literatura brasileira, a saber: o enquadramento da obra *Campesinas*, de Alcina Leite, em uma escola literária, a partir da temática e das características presentes nos poemas.

Por conta disto, temos a necessidade de fazer a análise da obra da autora, a fim de perceber de que maneira os textos estão divididos, fazer a escansão dos poemas para observar

a métrica e a rima e se há ou não um padrão de escrita da autora e, assim, confrontar com o que é proposto pelos autores trazidos na fundamentação teórica de nosso trabalho com relação às escolas da literatura brasileira.

Tomando com base as definições sobre os métodos de pesquisa, conforme proposto por Gil (2008), e o nosso objetivo, classificamos este trabalho como uma pesquisa hipotético-dedutiva, pois partimos de uma hipótese, chegando a deduções lógicas, considerando todo o aparato construído ao longo do percurso que levou ao produto final deste texto.

3.2 MÉTODOS DE PROCEDIMENTO

Os métodos de procedimento da pesquisa científica

têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão nos estudos dos fatos sociais (...) visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada. (GIL, 2008, p.15)

De acordo com Gil (2008), podem ser identificados diversos métodos desta natureza e nem sempre um método é adotado rigorosa ou exclusivamente durante a investigação científica, sendo comum combinar dois ou mais métodos, de forma que a adoção de outro(s) método(s) ao longo da investigação seja capaz de suprir o que o outro método inicial não foi capaz de dar conta.

Dentre os métodos de procedimento mais adotados nas ciências sociais, Gil (2008) destaca os métodos: (i) experimental – método no qual o(s) objeto(s) de estudos é/são submetido(s) à influência de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador a fim de observar os resultados produzidos pelas variáveis no objeto, (ii) observacional – método no qual o investigador apenas observa algo que acontece ou já aconteceu, (iii) comparativo – método no qual o pesquisador procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles, (iv) estatístico – método fundamentado na aplicação da teoria da probabilidade fazendo com que o investigador possa se valer da explicação dos dados obtidos por meio deste método não como verdades absolutas, mas como dotadas de boa probabilidade de serem verdadeiras, (v) clínico – método que é sustentado pela profunda relação entre o pesquisador e o pesquisado e (vi) monográfico – método no qual se parte do princípio de que o estudo de um caso pode ser a representação de outro semelhante ou de muitos outros casos do mesmo

tipo.

Como esta pesquisa será desenvolvida, em sua maior parte, por meio do método hipotético-dedutivo que, por natureza, é um método que prevê o uso de referencial bibliográfico, podemos afirmar que nossa investigação dar-se-á por meio do método monográfico, especificamente como uma pesquisa bibliográfica. Assim consideramos pelo fato de que partimos da análise de uma obra literária em específico para compará-la com outras e, a partir disso, propor uma classificação da obra estudada por nós dentro de uma escola da literatura brasileira.

3.2.1 Tipo de pesquisa

Segundo Gil (2008), pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos sendo, portanto, no caso de nossa pesquisa, esta definição a ser seguida, por estarmos em um processo que, por meio de uso de uma metodologia científica, pode nos levar à obtenção de novos conhecimentos em nosso campo de estudo, no caso, a Literatura.

Tomando como pressuposto básico a definição de ciência conforme proposto por Gil (2008), o autor destaca que há duas formas de fazer pesquisa: (i) a pesquisa pura – tipo de pesquisa na qual se busca desenvolver os conhecimentos científicos sem a aplicação prática dos resultados obtidos como resultado da pesquisa e (ii) a pesquisa aplicada – tipo de pesquisa em que há menos preocupação para o desenvolvimento de teorias e valoriza a aplicação imediata no campo pesquisado

Por conta de a pesquisa ser classificada inicialmente como pesquisa pura ou pesquisa aplicada, é natural que hajam objetivos específicos a depender da natureza da pesquisa a ser realizada o que, segundo Gil (2008), faz com que os pesquisadores possam desenvolver três tipos distintos de pesquisas: as pesquisas exploratórias, as pesquisas descritivas e as pesquisas explicativas.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. (...) As pesquisas explicativas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. (GIL, 2008, p. 27-28)

E, levando em consideração as classificações conforme proposto por Gil (2008), podemos afirmar que a pesquisa a ser desenvolvida é uma pesquisa aplicada e de caráter descritivo-explicativo, com vistas a descrever em qual escola literária se encontra a obra *Campesinas*, de Alcina Leite, conforme a análise empreendida na subseção a seguir.

3.3 ANÁLISE DOS POEMAS E DISCUSSÃO

Publicado por volta dos anos 1889, o livro *Campesinas* é composto por um compilado de setenta e um poemas (1 poema repetido). O poema que abre as portas para sua obra intitula-se, *Meus versos*, que com muito cuidado e zelo em suas palavras apresenta com muita humildade o que seus versos são e representam.

Sua obra é dividida em três partes, a saber: a primeira parte (Livro Nº 1), contém quatorze poemas com a temática da religiosidade bastante definida, são eles: *Musa Christã; Deos (Imitação); Adorate Dominum (Imitação); Ao Senhor Crucificado; Hosanna!; Maria; Hymno a Nossa Senhora; Stabet Mater; Supplica Anos das Dores; Tota Pulchra; Himno à providencia; Assumpção de Maria; Ave; Pão vivo - À Exm^a. D. Francisca Armida Leite Falcão.*

A segunda parte (Livro Nº 2), contém quarenta e nove poemas, no entanto o poema intitulado *Tota Pulchra*, que aparece no primeiro livro se repete no segundo, sendo assim a segunda parte contém 48 poemas, consideramos que pode ter ocorrido um erro por parte dos editores do livro. A segunda parte da obra é dedicada à memória de sua querida mãe, D. Anna Bellarmina de Farias. Os poemas compostos no livro nº 2 possuem temáticas diversas, desde poemas dedicados a pessoas próximas, como por ocasiões de falecimento, aniversários, assim como, sentimentos de saudade e nostalgia permeiam os escritos tanto da segunda, quanto na terceira parte do livro. Seus títulos são: *À memória de minha querida Mãe D. Anna Bellarmina de Farias; A noite (fragmento); A meu querido irmão Antonio de Pindahyba no dia de seus annos; Meus oito annos (imitação); Meu Anjo Inspirador; Alice (Impressões de leitura); Ante o cadaver de uma criancinha; Recuerdo; Ao relento; Meu noivo; A' minha estrella; Minha Alma e' triste a' minha amiga, Exm^a. Senr^a. D. Aurora Correia da Silva; Presentimento; N'um album; Bem vindo!; Canta; Flor da Amisade - A um poeta; Innocencia; Tota Pulchra; 13 de Maio; A priemira lição; Caridade (Pelas Victimias dos terremotos de Espanha); Alvorada; Nocturno; As rolas; Um voto - À minha amiga M...; Celeste (A' Exm^a Senr^a D. Luiza Amélia da Cunha Chaves); Desiluições (À minha amiga D. Maria Lucia); Mimo do céu; Quatorze Annos (Ao esperançoso jovem Antônio J. Alves de Farias); Outr'ora*

e hoje; A inocente filhinha de minha amiga; A lua; Ave Maria; Scismando a meu choro irmão Olympio Augusto; A' Solidão; Tempestade ao Illmº Snr. Dr. Raimundo da Fonseca; Parallelo; Desalento; Coqueiro Secco; Meo Ideal; O Livro; Malmequer; Angelica; Martyrio; Flor Pendida; O Anjo da Innocencia (No Algum de Mocinha Farias); Anniversario; Campesina (À Mimosa poetisa a Exmª D. Maria Jucá).

Por fim, a última parte (Livro Nº 3), é dedicada à tia e também madrinha da autora, D. Maria do Nascimento Leite, carinhosamente chamada de Angelita, a poeta finaliza a obra com sete poemas: *Invocação; Esmeralda; Angelita; Ave ou Anjo; Noiva de Christo; Hymno e No Azul.*

Levando em consideração que para o objetivo de nosso trabalho foi necessário analisar a métrica com relação à quantidade de sílabas poéticas, os tipos de versos e de rimas dos 70 (setenta) poemas do livro Campesinas, de Alcina Leite, optamos por, nesta seção, apresentar 01 (um) poema de cada parte da obra, por termos percebido haver uma tentativa de padronização dos versos por parte da poeta.

Os poemas selecionados e aqui apresentados trazem, de maneira geral, as temáticas de cada parte da obra. O poema Meus versos apresenta o livro, poema Adorate Dominum como poema religioso; o poema Meus oito annos (Imitação), serve como exemplar dos textos da segunda parte, que são dedicatórias ou lembranças; e, o poema Angelita, que aparece na terceira parte do livro, que é uma dedicatória nominal para a amiga a quem ela dedica todos os poemas desta parte do livro.

Meus Versos

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
Me/us/ ver/sos/ são/ ro/sa/ do er/mo, es/que/ci/da,											A
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
Sem/ gra/to/ cul/ti/vo/ de/ pro/vi/da/ mão ;											B
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
D"au/ro/ra aos/ ful/go/res/ já/ qua/se/ pen/ di /da/,											A
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Da/ tar/de às a/ra/gens/ – ro/jan/do/ no/ chão !											B
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
São/ co/mo o/ mur/mu/rio/ de/ fon/te/ se/ re /na/											A
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	

Em/ me/íó/ das/ sel/vas/ cor/ren/do a/ cho/ rar /,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Não/ bei/ja/-lhe a/ fa/ce/ dou/ra/da/ pha/ le /na/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Nem/ pal/li/da on/di/na/ vem/ n ^o el/la/ brin/ car /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
São/ co/mo os/ quei/xu/mes/ de/ affli/cta/ cre/ an /ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Sem/ mãe/, sem/ a/bri/go/, - de/ fri/o a/ tre/ mer /:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Tão/ no/va! e/ tão/ tris/te/ que o/ sol/ da es/pe/ ran /ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Co ^o s/ ra/ios/ pro/pri/cios/ mal/ po/de a/que/ cer /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
São/ no/tas/ d ^u m/ can/to/ do/ri/do/, sau/ do /so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Por/ noi/tes/ si/len/tes/ de/ mor/no/ lu/ ar /,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Nas/ pra/ias/ de/ser/tas/, ao/ som/ ma/vi/ o /so	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Das/ ly/ras/ que/ ge/mem/ no/ fun/do/ do/ mar /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
São/ flo/res/ sil/ves/tres/, por/ en/tre/ ver/ do /res/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Bro/tan/do es/pon/ta/neas/, - das/ her/vas/ no/ mei /o/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Não/ or/nam/ as/ pal/mas/ dos/ nos/sos/ can/ to /res/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
De/ vir/gem/ for/mo/sa/ não/ dor/mem/ no/ sei /o/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	

São/ tê/nues/ re/fle/xos/ de/ luz/ in/de/ci/sa/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Nas/ lon/gas/ noi/ta/das/ do in/ver/no/ po/lar/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Sus/pi/ros/ que/ pas/sam/ nas/ a/zas/ da/ bri/sa/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
-Por/ções/ de/ minh“/al/ma/ – vo/an/do/ no/ ar/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Si/ al/guem/ sa/be/ da/ Ni/o/be/, dis/tan/te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Da/ cha/ra/ pa/tri/a, - as/ ma/go/as/ en/ten/der/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
- Ac/ca/so/ a/brin/do o/ li/vro/ so/lu/çan/te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Dos/ me/us/ pal/li/dos/ ver/sos/, - pó/de/ ler/!	B

O poema *Meus versos* apresenta 28 (vinte e oito) versos, sua estrutura com 7 (sete) estrofes, seus versos possuem 11 (onze) sílabas poéticas chamadas de hendecassílabos, e rimas do tipo externa, ou seja, as rimas acontecem no fim de cada verso. As rimas são pobres, pois a poeta usa a mesma classe gramatical e segue o padrão ABAB.

Quanto à temática, o poema trata sobre sobre o seus versos, como se utilizasse de uma metalinguagem, usando um poema para falar dos próprios poemas, assim como o fazer poético. Com muita humildade e zelo em sua escrita singela, revela muito de si com muita subjetividade como podemos ver o desde o título ao primeiro verso quando diz: *Me/us/ ver/sos/ são/ ro/sa/ do/ er/mo, es/que/ci/da/*, a subjetividade é marcada pelo pronome possessivo “meus”. Compara seus poemas a um murmúrio e como as queixas de uma criança, como vemos nos versos seguintes *São/ co/mo o/ mur/mu/rio/ de/ fon/te/ se/re/na/”* e *“São/ co/mo os/ quei/xu/mes/ de/ affli/cta/ cre/an/ça/*. Seus versos seguintes revelam uma melancolia e uma profunda introspecção sobre o fazer poético, a criança mencionado no pelo eu lírico não trata-se apenas de uma criança comum, mas uma criança que perdeu mãe, que passa fome, que não tem moradia e passa frio e que de tão triste, nem mesmo os raios do sol como sinal de esperança, podem aquecer seu corpo, ou até mesmo preencher seu vazio.

Na quarta estrofe do poema, o eu lírico compara os poemas a um canto sereno como

vemos no primeiro verso da estrofe, *São/ no/tas/ d"um/ can/to/ do/ri/do/, sau/do/so/*, e nos leva a lugares como as noite de luar, as praias desertas e os sons do mar, são como lugares que inspiram seus versos e sua melancolia. Na quinta estrofe os compara a flores, *São/ flo/res/ sil/ves/tres/*, *por/ en/tre/ ver/do/res/*, e que simplesmente brotam, em todo lugar, a qualquer momento. Na sexta estrofe, observa para o seu íntimo, e os compara a uma reflexão que não sabe bem para onde deve refletir, é puramente indeciso, *São/ tê/nues/ re/fle/xos/ de/ luz/ in/de/ci/sa/*. e nos revela como são produzidos quando diz *Nas/ lon/gas/ noi/ta/das/ do in/ver/no/ po/lar/... Sus/pi/ros/ que/ pas/sam/ nas a/zas/ da/ bri/sa/, -Por/ções/ de/ mi/nh"al/ma/ – vo/an/do/ no/ ar/!..* Encerra seu poema na sétima estrofe mencionando Niobe (personagem grega), e se o leitor entender sua dor, suas mágoas, e por assim abrir seu livro, soluçante, então assim poderá ler seus versos. Quase como um pré-requisito para a leitura de sua obra, acreditamos que não necessariamente soluçante, mas que de coração aberto a compreender e sentir seus escritos.

ADORATE DOMINUM

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/do/ro/-vos/, Se/nhor/, na/ man/sa/ fon/te; A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/do/ro/-vos/ no/ mar/ tem/pes/tu/o/so; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/do/ro/-vos/ no es/pa/ço/ gran/di/o/so; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/do/ro/-vos/ na/ luz/ do/ fla/vo E/lon/te/. A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/do/ro/-vos/ no/ pin/ca/ro/ do/ mon/te/; A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/do/ro/-vos/ no/ val/le/ tor/tu/o/so; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/do/ro/-vos/ no/ di/a /ne/bu/lo/so; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/do/ro/-vos/ no/ ru/bi/do ho/ri/zon/te/. A

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
A/do/ro/-vos/ dos/ ceos/ na/ ma/jes/ ta /de/;										A
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
A/do/ro/-vos/ da/ flor/ na/ gen/ti/ le /za/;										B
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
A/do/ro/-vos/ na/ voz/ da hu/ma/ni/ da /de/.										A
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
A/do/ro/-vos/ do/ ti/gre/ na/ fe/ re /za/;										A
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
A/do/ro/-vos/, di/vi/na/ Po/tes/ ta /de/;										B
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
A/do/ro/-vos/ em/ to/da a/ na/tu/ re /za/!										A

O poema *Adorate Dominum* possui 14 (quatorze) versos. O poema possui 4 estrofes, sendo que a primeira e a segunda estrofe são um quarteto (estrofe com quatro versos) e a terceira e a quarta são tercetos (estrofe com 3 versos), tal estrutura denominamos de soneto. Todos os versos são decassílabos. O tipo das rimas seguem a estrutura ABBA, são rimas intercaladas. Assim como outros poemas presentes no livro da autora.

O poema segue a temática religiosa, assim como os demais poemas presentes na primeira parte do livro (Livro nº 1). Por dividir os poemas religiosos dos demais poemas avulsos, não significa que os demais poemas não possuem traços religiosos. Em *Adorate Dominum*, o eu lírico exalta e adora a figura divina com toda a fervorosidade e devoção. Em seus versos, nota-se um lirismo confessional e um tom muito intimista bem comuns na tradição poética de oitocentista. O eu lírico afirma durante toda a estrutura que irá adorar ao senhor em todas as situações que surgirem em sua vida.

Meus Oito Anos Imitação

1	2	3	4	5	6	7	
Oh!/ que/ sau/da/des/ que eu/ te /nho/							A
1	2	3	4	5	6	7	
Do al/vo/re/cer/ da e/xis/ ten /cia/							B

1 2 3 4 5 6 7	
D ^{es} /sa/ qua/dra/ de in/no/ cen /cia/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ não/ vol/ta/rá/ ja/ mais /!	C
1 3 4 5 6 7 8	
Que a/mor/, que/ so/nhos/, que/ flo /res/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
N ^a /quel/las/ tar/des/ a/ me /nas/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
Ao/ cho/rar/ das/ can/ti/ le /nas/	E
1 2 3 4 5 6 7	
Da/ ro/la/, nos/ la/ran/ ja /es/!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Co/mo/ são/ bel/los/ os/ di /as/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Da/ vi/da/ na/ do/ce au/ ro /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7	
De/ pra/zer/ a/ al/ma/ cho /ra/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Co/mo as/ flo/res/ da/ ma/ nhã /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
O/ mar/ é/ – la/go/ se/ re /no/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
O/ céo/- um/ man/to/ de/ ro /sa/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
O/ mun/do/- vir/gem/ for/ mo /sa/	E
1 2 3 4 5 6 7	
A/ vi/da- um/ bei/jo/ de ir/ mã /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Que au/ro/ra/, que/ sol/, que/ vi /da/,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ noi/tes/ chei/as/ de en/ can /tos/,	B

1 2 3 4 5 6 7	
N ^o a/quel/les/ ri/so/nhos/ can /tos/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
N ^o a/quel/le in/ge/nuo/ fol/ gar /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
O/ céo/- a/zul/ de/ sa/ fi /ras/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
A/ ter/ra/-ver/gel/ flo/ ri /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
As/ on/das/-an/jo a/dor/ mi /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
Ba/nha/do/ pe/lo/ lu/ ar /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Oh!/ di/as/ da/ mi/nha in/ fan /cia/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Oh!/ pri/ma/ve/ra/ di/ to /sa/!	B
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ do/ce/ vi/da/ se/ go /sa/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Quan/do é/ pu/ro o/ co/ra/ ção /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Em/ vez/ das/ ma/goas/ d ^o a/ go /ra/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
Eu/ ti/nha/ n ^o es/sas/ ven/ tu /ras/	E
1 2 3 4 5 6 7	
Do a/mor/ de/ mãe/ as/ do/ çu /ras/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
-Ca/ri/cias/ de/ meu/ ir/ mão /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Tra/ves/sa/ fi/lha/ dos/ cam /pos/	A
1 2 3 4 5 6 7	
-Fe/liz/ co/mo u/ma/ ra/ i /nha/-	B

1 2 3 4 5 6	
Ia/ cor/ren/do/, so/ zi /nha/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Na/ li/sa/ prai/a/ brin/ car /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Guar/da/va as/ con/chas/ no/ sei /o/...	D
1 2 3 4 5 6 7	
Pai/ra/va a/ fa/zer/ cas/ tel /los/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
Tão/ in/no/cen/tes/, tão/ bel /los/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ já/mais/ hei/ de ol/vi/ dar /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
N ^ã a/quel/les/ tem/pos/ di/ to /sos/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Eu/ con/ver/sa/va/ c ^ã as/ flo /res/;	B
1 2 3 4 5 6 7	
Ia/ as/ a/zas/ mul/ti/ co /res/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Da/ bor/bo/le/ta/ se/ guir /...	C
1 2 3 4 5 6 7	
Ou/vi/a/ can/tos/ de/ fa /das/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
Da/ noi/te os/ as/tros/ fi/ tan /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
A/dor/me/ci/a/ can/ tan /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
E/ des/per/ta/va a/ sor/ rir /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Oh!/ que/ sau/da/des/ que/ te /nho/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Do al/vo/re/cer/ da e/xis/ ten /cia/,	B

1 2 3 4 5 6 7	
D ^{es} /sa/ qua/dra/ de in/no/ cen /cia/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ não/ vol/ta/rá/ ja/ mais /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Que a/mor/, que/ so/nhos/, que/ flo /res/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
N ^a /quel/las/ tar/des/ a/ me /nas/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
Ao/ cho/rar/ das/ can/ti/ le /nas/	E
1 2 3 4 5 6 7	
Da/ ro/la/, nos/ la/ran/ jais /!	C

O poema *Meus oito anos* (Imitação) possui 56 (cinquenta e seis) versos distribuídos em sua estrutura de 7 (sete) estrofes. Seus versos possuem 7 (sete) sílabas poéticas na maioria de seus versos, a qual chamamos de heptassílabos ou redondilha maior. Observamos que a poeta tenta manter a padronização dos versos, no entanto, como podemos ver tanto no quinto verso da primeira estrofe, *Que a/mor/, que/ so/nhos/, que/ **flo**/res/*, quanto no terceiro verso da quinta estrofe, *Ia/ cor/ren/do/, so/zi/nha/*, a autora não segue a padronização das sílabas poéticas estabelecidas o início e no decorrer do poema, fazendo com que o poema não siga uma versificação perfeita. No que se refere às rimas, o poema estabelece um padrão ABBCDEEC.

A temática presente no poema trata sobre as lembranças que a poeta tem de sua infância, e tomada por uma melancolia e uma saudade sem igual, retrata em cada verso seu sentimento nostálgico de sua bela infância recordando cenários e levando o leitor a adentrar junto com ela a boa época que foi a sua infância e que esse tempo não voltará mais. Sua temática não é tão diferente dos demais poemas presentes na segunda parte do livro (Livro Nº 2), que são poemas mais melancólicos e ao mesmo tempo alegres, pois diferente da primeira parte que, trata-se de poemas devotos e com tom confessional, os poemas presentes na segunda parte são dedicatórias por ocasiões especiais como vimos anteriormente e como podemos notar nos poemas anexos.

Angelita

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

E/ra em/ Mai/o/, ri/so/nho/, per/fu/ ma /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pe/las/ se/re/nas/ bri/sas/ cam/pe/ si /nas/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Im/preg/na/das/ de/ ce/les/te/ a/ ro /ma/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lon/ga e/ pe/za/da/ chu/va/ que/ ca/ hi /ra/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tor/na/va a/go/ra o/ di/a/ mais/ for/ mo /so/	E
1 2 3 4 5 6	
E/ te/pi/do e/ bri/ lhan /te/.	F

	1 2 3 4 5	
	O/ sol/ pro/pi/ ci /o	A
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- So/be/ra/no/ mu/ni/fi/co/ – re/ par /te/	B	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/ to/da a/ na/tu/re/za os/ seos/ the/ sou /ros/.	C	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nem/ ha/ na/ ter/ra hu/mil/li/mo/ vi/ ven /te/	D	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Que/ dos/ re/gi/os/ fa/vo/res/ se/ja ex/ clu /so/!	F	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mal/ das/ fa/xas/ pur/pu/reas/ do/ Le/ van /te/	A	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Se/ des/ta/cam/ seos/ ri/os/ co/ra/ li /nos/,	B	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ba/tem/ de/ cha/pa/ na/ ca/si/nha/ bran /ca/	C	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ su/a/ve e/mi/nên/cia al/li/ do/ mi /na/	D	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/tre/ flo/rí/das/ moi/tas/ a/vul/ tan /do/,	E	
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	

No/ pit/to/res/co/ si/ti/o/ da Es/me/ ral /da/!	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Des/te/ so/lar/ qui/e/to e/ ven/tu/ ro /so/	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Sob/ o/ tran/qui/lo/ tec/to/ vi/ vi /a/	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
An/ge/li/ta, a/ que/ri/da/ com/pa/ nhei /ra/	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Dos/ meos/ for/mo/sos/ di/as/ de/ ven/ tu /ra/	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
- Os/ bre/ves/ di/as/ da/ ri/so/nha in/fan/ ci /a/!	K
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
An/ge/li/ta e/ra en/tão/ a/ flor/ mais/ bel /la/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ na/ ver/de Es/me/ral/da/ vi/ce/ ja /va/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tre/ze/ lin/das/, ri/den/tes/ pri/ma/ ve /ras/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Con/ta/va a/pe/nas/; trin/ta e/ no/ve/ ve /zes/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ti/nham/ fruc/ti/fi/ca/do as/ bel/las/ vi /nhas/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ seo/ ri/co/ po/mar/; con/tem/po/ ra /neas/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Suas/ ha/vi/am/ de/se/seis/ ro/ sei /ras/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cem/ ve/zes/ de/ mil/ flo/res/ se a/dor/ na /do/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
De/ pois/ que el/la/ nas/ce/ra/; - el/la/, o en/ can /to/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
D"aq/nel/las/ sel/vas/; mais/ for/mo/so en/ can /to/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

D" a/vó/ ma/ter/na/ que a/ que/ri/a/ mui/to/!	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
In/fan/te/ ain/da/, no/ ber/ci/nho/ quen/te/ ,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ mor/te/ pae e/ mãe/ lhe/ ar/re/ba/ ta/ra/ ;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/vol/ven/do/-a/ no/ man/to/ luc/ to/so/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ tris/te/, me/lan/cho/li/ca or/phan/ da/de/!	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tal/vez/ por/ is/so uns/ to/ques/ in/de/ ci/sos/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
D" u/ma/ va/ga/ tris/te/za, in/de/fi/ni/ vel/	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lhe/ nu/bla/vam/ os /o/lhos/ scin/til/ lan/tes/ ;	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
E a/ ri/so/nha/ cre/an/ça/, - o/ lou/ro an/ ji/nho/ ,	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/tre os/ fol/gue/dos/ es/ta/ca/va ás/ ve/zes/	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Tão/ se/ri/a/, co/mo/ noi/va ap/pre/hen/ si/va/	K
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ fu/tu/ro en/tre/ven/do/ as as/pe/ re/zas/!	L
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- E/ram/ tal/vez/ sau/da/des/ ins/tinc/ ti/vas/	M
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Dos/ bei/jos/ ma/ter/na/es/ que/ não/ co/ lhê/ra/!	N
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/... e/ra um/ bel/lo/ di/a/ per/fu/ ma/do/ ,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fes/ti/vo e/ gra/to á/ cân/di/da a/mi/ gui/nha/ ;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

E/ co/mo um/ prei/to/ de/ sau/do/so af/fec/to/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ lem/bran/ça af/fec/ti/va e/ ca/ri/nho/sa/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ re/du/si/ ao/ me/tro/ – as a/le/gri/as/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
As/ im/pres/sões/ dul/cis/si/mas/ da/ fes/ta/.	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ na/ ly/ra/ can/tei/, - na/ po/bre/ ly/ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nun/ca/ do/ lou/ro A/pol/lo/ ba/fe/ja/da/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vi/bran/do/ só/ – ás/ com/mo/ções/ di/vi/nas/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ sau/da/de/..., do/ bel/lo e/ da/ vir/tu/de/!..	D

O poema *Angelita* é composto por 56 (versos) que são divididos em 7 (sete) estrofes. A poema não segue uma forma fixa em seus versos, nem mesmo na quantidade de sílabas poéticas, como podemos ver no poema acima, suas sílabas poéticas variam de 5 (cinco) a 11 (onze), sílabas poéticas chamados de pentasílabos e hendecassílabo, fazendo com que tivéssemos que a autora não seguia uma metrificacão e versificacão perfeita. A estrutura do poema segue uma métrica irregular, desde a construçã dos versos (versos irregulares), a construçã das estrofes. O poema não possui nenhuma rima, os poemas que não possuem rimas em sua versificacão chamamos de verso branco.

O poema trata-se de uma homenagem a sua amiga, o qual foi carinhosamente batizado de Angelita, referênci a sua amiga. Em sua narrativa a poeta inicia o poema descrevendo um cenário camponês e com o cotidiano bastante comum para a regiã, a partir de impressões que ela mesmo teve, já na segunda estrofe, sua escrita continua descritiva, mas desta vez focada na casa em que Angelita morava, assim como seus arredores, com sua descriçã podemos identificar que sua amiga morava em um ambiente rural e que se aproximava da natureza, isso é visto quando a poeta escreve sobre moitas, flores e rio em seus versos. Nos próximos versos, segue a narrativa, mas focada em sua amiga, tecendo elogios e contando um pouco de sua história, como o fato de Angelita ter perdido os pais quando ainda era criança. E que essa

parte fizesse com que Angelita carregasse consigo uma melancolia, por assim dizer um vazio gerado pela saudade de um aconchego materno, e que muitas das vezes esse vazio surgia em momentos de alegria e festa. A poeta ainda descreve, que ao observar sua amiga com sua melancolia, buscava animar e festejar com a amiga para que não caísse em desânimo, mas buscasse estar alegre e feliz naquele momento de diversão. Assim, a amizade da poeta Alcina Leite e de sua querida amiga, Angelita, é retratada no poema que carrega seu nome, em sua homenagem, com muito zelo, e muitos elogios.

3.3.1 DISCUSSÃO

O livro *Campesinas* foi publicado em 1889 e para que pensemos em uma possível classificação da obra em uma escola literária no panorama da História da Literatura brasileira, devemos considerar o que era produzido tanto na época de publicação dos poemas quanto de vida da autora.

Alcina Leite nasceu em 1854 e faleceu em 1939, fato que a projeta em, pelos menos, três escolas literárias vigentes na literatura nacional: (i) Romantismo, que tem como marco inicial a publicação, em 1836, do livro *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, vigorando até 1881 quando ocorre a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, responsável pelo início do Realismo no Brasil.

É importante, entretanto, que ressaltemos que a obra de Alcina Leite é essencialmente poética e, por isso, desconsideramos, para este trabalho, o que fora produzido em prosa tanto no Romantismo quanto no Realismo.

Consideramos, então, autores como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves como parâmetro de comparação entre o que fora produzido pelos românticos e as poesias da poeta que analisamos. Quando se trata da poesia produzida no Realismo, deparamo-nos com o que a História da Literatura Nacional nomeia como um movimento à parte, o Parnasianismo e, deste movimento, optamos por tratar com as poesias de Olavo Bilac que não somente compõe a chamada *tríade parnasiana* como também tem escritos sobre versificação em poemas e textos que tratam sobre como o poeta parnasiano trabalha para a produção em versos.

Além do Romantismo e do Parnasianismo, dada a época na qual a poeta viveu, não podemos deixar de considerar o movimento do Simbolismo que, no Brasil, tem início em 1893, com a publicação das obras *Missal e Bróqueis*, de Cruz e Sousa.

Seria ainda interessante considerar o período de transição entre o Simbolismo e o

Modernismo, conhecido como Pré-Modernismo, que tem como marco inicial a publicação da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902, mas que desconsideramos por se tratar de um movimento majoritariamente de textos em prosa e que tem um único poeta reconhecido pela historiografia literária.

Augusto dos Anjos publicou, em 1912, seu único livro, *Eu*, que é reconhecidamente uma obra de transição por apresentar, em seus poemas, características românticas, parnasianas e simbolistas, o que nos remete às escolas literárias anteriormente citadas como importantes para nosso estudo.

Como nosso objetivo é enquadrar a obra *Campesinas*, de Alcina Leite, em uma escola literária e por se tratar sua obra de textos poéticos, usamos os seguintes parâmetros para cumprir nosso objetivo: (1) os tipos de poemas feitos pela autora, (2) a quantidade de sílabas poéticas dos versos, (3) os tipos de rimas que a autora faz e (4) a temática de seus textos.

A fim de facilitar a visualização de nosso trabalho de escansão dos 70 (setenta) poemas do livro *Campesinas*, optamos pela disposição de tal informação no quadro abaixo, que compila as informações encontradas, de acordo com a separação da obra em 03 (três) livros. Os poemas seguem a sequência, de acordo com a disposição na obra.

QUADRO 1 - POEMAS ANALISADOS

Livro 1	Livro 2	Livro 3
<p><i>Meus versos</i></p> <ol style="list-style-type: none"> versos livres (28 versos) versos endecasílabos (11 sílabas poéticas) rimas alternadas e pobres. o poema descreve como os poetas seus poemas são, então usa da comparação para falar sobre o fazer poético. 	<p><i>Á Memório de minha querida Mãe</i></p> <ol style="list-style-type: none"> Verso regular (16 versos) Redondilha maior ou heptassílabo (versos com 7 sílabas poéticas) Rima misturada Poema dedicado à memória de sua mãe. 	<p><i>Invocação</i></p> <ol style="list-style-type: none"> Verso regular (26 versos) Decassílabo (10 sílabas poéticas) Rima alternada. O eu lírico invoca sua musa inspiradora para que assim possa poder falar o nome de sua amiga, Angelita, e assim poder tecer versos em sua homenagem.
<p><i>Musa Christã</i></p> <ol style="list-style-type: none"> versos livres (9 versos) o poema apresenta versos com 7, 9, 10 e 11 sílabas poéticas. versos brancos poema dedicado à avó da poeta, a quem ela atribui sua 	<p><i>A Noite (Fragmento)</i></p> <ol style="list-style-type: none"> Verso regular (16 versos) Dodecassílabo (12 sílabas poéticas) Rima misturada O eu lírico em meio a um devaneio ao contemplar a escuridão da noite. 	<p><i>Esmeralda</i></p> <ol style="list-style-type: none"> Verso livre (40 versos) O poema possui versos decassílabos e hexassílabos. (10 e 6 sílabas poéticas) Rima externa. O eu lírico recorda suas

<p>inspiração religiosa.</p> <p style="text-align: center;"><i>Deos</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Versos livres (24 versos) 2. Versos com 6, 7 e 8 sílabas poéticas. 3. versos com rima... 4. poema religioso, exalta e louva a Deus. <p style="text-align: center;"><i>Adorate Dominum</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos). 2. 10 sílabas poéticas (decassílabo). 3. Rimas interpoladas. 4. O poema trata-se de um louvor de adoração e contemplação a Deus. <p style="text-align: center;"><i>Ao Senhor Crucificado</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos). 2. 10 sílabas poéticas (decassílabo) 3. Rimas intercaladas e alternadas 4. Devoção e adoração a Deus <p style="text-align: center;"><i>Hosanna!</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Versos livres (32 versos). 2. Versos com 5, 6, 7 9 e 10 sílabas poéticas. 3. Rimas alternadas. 4. Poema devocional em honra a Jesus entrando em Jerusalém antes de ser crucificado. <p style="text-align: center;"><i>Maria</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (20 versos). 2. 10 sílabas poéticas (decassílabo). 3. Rima externa 4. Poema devocional em 	<p style="text-align: center;"><i>A meu querido irmão Antonio Pindahyba No dia de seus annos</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (16 versos) 2. Dodecassílabo (12 sílabas poéticas) 3. Rima alternada e externa 4. Poema em homenagem a seu irmão, Antonio, por seu aniversário. <p style="text-align: center;"><i>Meus oito annos Imitação</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Predomina-se o verso regular, e um único verso irregular. (56 versos). 2. 7 sílabas poéticas, e um único verso com 6 sílabas poéticas. (Heptassílabo e Hexassílabo). 3. Rima misturada. 4. Memórias de uma infância que não voltará, cheio de melancolia e nostalgia. <p style="text-align: center;"><i>Meu Anjo Inspirador</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (28 versos) 2. 6 e 10 sílabas poéticas. (Hexassílabo e Decassílabo). 3. Rima alternada. 4. O sentimento de saudade é sua fonte de inspiração, chamando de Anjo Inspirador. <p style="text-align: center;"><i>Alice (Impressões de leitura)</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Predomina-se o verso regular, e um único verso irregular. (56 versos) 2. 10 sílabas poéticas e um único verso com 9 sílabas poéticas. (Eneassílabo e 	<p>boas lembranças sobre o ambiente em que convivia com sua amiga e apresenta ao leitor um sentimento de saudade de tudo que viveu.</p> <p style="text-align: center;"><i>Angelita</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (56 versos) 2. O poema possui, na maioria dos seus versos, 10 sílabas poéticas, e tento apenas 1 verso com 6, outro com 5 e outro com 9 sílabas poéticas. (decassílabo, hexassílabo, pentassílabo e eneassílabo) 3. Verso branco (sem rima) 4. Lembranças de sua amiga, e honras a Angelita. <p style="text-align: center;"><i>Ave ou Anjo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (30 versos). 2. Versos com 6, 10 e 11 sílabas poéticas. (Hexassílabo, Decassílabo e Hendecassílabos) 3. Rima externa e alternada. 4. O Poema retrata a simplicidade e a humildade de Angelita. <p style="text-align: center;"><i>Noiva de Christo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (94 versos). 2. Versos com 6 e 10 sílabas poéticas. (Hexassílabo e Decassílabo) 3. Rima externa e misturada 4. Com muitos detalhes sobre o ser noiva, e também cheio de descrições sobre a virtude da pureza, o poema é cheio de símbolos que buscam apresentar ao leitor como é uma noiva de Cristo, em seu significado mais espiritual possível.
--	---	--

<p>honra ao santo nome de Maria.</p> <p><i>Hymno a Nossa Senhora</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (20 versos) 2. 10 sílabas poéticas (decassílabo) 3. Rima alternada. 4. Hino devocional em louvor e honra à Maria. <p><i>Stabat Mater</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (48 versos) 2. 10 sílabas poéticas (decassílabo) 3. Rima externa. 4. Poema devocional a Virgem Maria aos pés da cruz. <p><i>Supplica</i> <i>Anos das Dores</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (96 versos) 2. Sílabas poéticas variam entre 8, 9 e 10. 3. Rima externa 4. Poema de súplica, confessional e melancólico, o eu lírico recorre à Virgem Maria em meio as dores. <p><i>Tota Pulchra</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas (decassílabo) 3. Rimas alternadas e intercaladas. 4. Poema em prelúdio a vida da Virgem Maria <p><i>Himno à Providencia</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (68 versos) 2. 9 sílabas poéticas (Eneassílabo) 	<p>Decassílabo).</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Rima misturada. 4. Impressões poéticas sobre a personagem <i>Alice</i>, do livro <i>Alice no país das Maravilhas</i>. <p><i>Ante o cadaver de uma criancinha</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (24 versos) 2. 10 sílabas poéticas (decassílabo). 3. Rima externa 4. Poema mórbido, o qual faz recordações sobre a brevidade da vida e a conformidade com a vontade de Deus. <p><i>Recuerdo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (48 versos) 2. 6 a 10 sílabas poéticas. (Hexassílabo e Decassílabo) 3. Rima misturada. 4. O eu lírico faz breve recordações de sua vida, principalmente quando ainda era criança, o sentimento de nostalgia e melancolia é bastante presente. <p><i>Ao Relento</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (72 versos) 2. 6 e 10 sílabas poéticas. (Hexassílabo e Decassílabo) 3. Rimas alternadas. 4. Devaneios sobre um possível amor e uma saudade. <p><i>Meu Noivo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (32 versos) 2. 10 e 11 sílabas poéticas. (Decassílabo e Dendecassílabo) 	<p><i>Hymno</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (67 versos) 2. Versos com 6, 7, 8, 9, 10 e 11 sílabas poéticas. 3. Rima misturada 4. O poema possui tom devocional e de súplica, seguido por memórias do cotidiano de sua vida. <p><i>No Azul</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (32 versos). 2. Poema com 6 e 10 sílabas poéticas. (Hexassílabo e Decassílabo) 3. Rima misturada 4. O poema relata o sentimento de saudade e melancolia devido a morte de Angelita e sua passagem para o Céu azul.
---	--	--

<p>3. Rima misturada 4. Hino em honra à divina providência que tem a Deus como fim último de todas as coisas.</p> <p style="text-align: center;"><i>Assumpção de Maria</i></p> <p>1. Verso livre (48 versos) 2. versos com 8 a 9 sílabas poéticas. (Octossílabo e Eneassílabo) 3. Rima misturada 4. poema dedicado em honra da Assunção de Maria aos céus.</p> <p style="text-align: center;"><i>Ave</i></p> <p>1. Verso regular (28 versos) 2. 10 sílabas poéticas (Decassílabo) 3. Rima misturada 4. Poema dedicado a Virgem Maria, honra seus atos, e os glorifica.</p> <p style="text-align: center;"><i>Pão Vivo</i></p> <p>1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas (decassílabos) 3. Rima intercalada 4. Poema devocional, a qual relata, com intimidade, a experiência da comunhão da eucaristia.</p>	<p>3. Rima alternada e misturada. 4. O eu lírico revela um sentimento de saudade seguido de uma ansiedade pela vinda de seu noivo. E com ar de súplica, pede para que logo o venha.</p> <p style="text-align: center;"><i>A' Minha Estrella</i></p> <p>1. Verso livre (40 versos) 2. 6 e 10 sílabas poéticas. 3. Rima alternada. 4. O poema apresenta um eu lírico apaixonado e triste ao contemplar o céu escuro e as estrelas.</p> <p style="text-align: center;"><i>Minha Alma E' Triste</i></p> <p>1. Verso livre (32 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (decassílabo) 3. Rimas alternadas 4. O eu lírico mostra sua profunda tristeza comparando com diversas situações.</p> <p style="text-align: center;"><i>Presentimento</i></p> <p>1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (decassílabo) 3. Rimas intercaladas. 4. O eu lírico apresenta sua inquietação em meio aos seus sentimentos.</p> <p style="text-align: center;"><i>N'um Album</i></p> <p>1. Verso livre (44 versos) 2. 6, 7 e 8 sílabas poéticas. (hexassílabo, heptassílabo, octossílabo) 3. Rimas misturadas 4. O eu lírico faz breve reflexões sobre o comum da</p>	
---	---	--

	<p>vida, como memórias guardadas sendo recordadas.</p> <p style="text-align: center;"><i>Bem Vindo!</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (24 versos) 2. 5, 6 e 10 sílabas poéticas. 3. Rima alternada. 4. O eu lírico busca formas alegres e gentis para dar as boas vindas ao irmão, mas seu coração melancólico não consegue expressar a devida alegria. <p style="text-align: center;"><i>Canta</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (44 versos) 2. 7 sílabas poéticas. (redondilha maior ou heptassílabo) 3. Rima alternada. 4. O eu lírico mostra toda sua melancolia. <p style="text-align: center;"><i>Flor de Amisade</i> <i>A um poeta</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (44 versos) 2. 10 sílabas poéticas (decassílabo) 3. Rimas alternadas. 4. O eu lírico, de forma poética e harmoniosa, dedica suas palavras a um poeta, e assim, também oferta sua amizade. <p style="text-align: center;"><i>Innocencia</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (decassílabo) 3. Rimas alternadas. 4. O poema retrata uma memória sobre Angelita, quando criança caíra e machucou a cabeça, mas sua mãe estava lá para cuidar 	
--	---	--

	<p>dela. Recorda a infância de Angelita.</p> <p style="text-align: center;"><i>Tota Pulchra</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas (Decassílabo) 3. Rimas alternadas e intercaladas. 4. Poema em prelúdio a vida da Virgem Maria <p style="text-align: center;"><i>13 de Maio</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (decassílabo) 3. Estrofes com rimas alternadas e emparelhadas. 4. O poema trata de um dia histórico, a abolição da escravatura no Brasil. <p style="text-align: center;"><i>A primeira lição</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (decassílabo) 3. Estrofes com rimas alternadas, intercaladas e emparelhada. 4. O poema apresenta a personagem Laura e sua alegria em aprender sua primeira lição. Possivelmente mais uma recordação de memórias da poeta. <p style="text-align: center;"><i>Caridade</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 12 e 13 sílabas poéticas. 3. Estrofes com rimas intercaladas e emparelhadas. 4. O soneto é uma homenagem às vítimas do terremoto que aconteceu na 	
--	--	--

	<p>Espanha em 1885.</p> <p style="text-align: center;"><i>Alvorada</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 7 sílabas poéticas. (Heptassílabo) 3. Estrofes com rimas intercaladas e emparelhadas. 4. O despertar da manhã e as lembranças do campo. <p style="text-align: center;"><i>Nocturno</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 6 sílabas poéticas. (Hexassílabo) 3. Estrofes com rimas intercaladas e emparelhadas. 4. Soneta trata sobre o crepúsculo da tarde que traz a noite e de forma poética trata sobre a brevidade da vida. <p style="text-align: center;"><i>As Rolas</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 7 sílabas poéticas e 1 único verso com 6 sílabas poéticas. 3. Rima alternada. 4. O eu-lírico descreve de forma poética o voar das rolas no céu até ao seu ninho. <p style="text-align: center;"><i>Um voto</i> <i>À minha amiga M...</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (Decassílabo) 3. Rima alternada. 4. O eu-lírico deseja felicidades a sua amiga que se apresenta apenas por M no título, por ocasião de seus votos que não são claros, 	
--	--	--

	<p>mas pressupomos ser de seu batismo.</p> <p style="text-align: center;"><i>Celeste</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (Decassílabo) 3. Estrofes com rimas intercaladas e emparelhadas. 4. Poema dedicado a sua amiga e tece elogios sobre ela. <p style="text-align: center;"><i>Desilusões</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (16 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (Decassílabo) 3. Rima alternada. 4. O poema traz uma reflexão sobre as desilusões que perpassam nossa vida, que durante o caminho podemos encontrar flores e muitas das vezes também encontramos espinhos. <p style="text-align: center;"><i>Mimo do céu</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (32 versos) 2. 7 sílabas poéticas. (Heptassílabo) 3. Rima misturada. 4. Poema com fundo religioso e devocional, mas que revela uma simplicidade poética sobre seres angelicais e seu amor por Maria. <p style="text-align: center;"><i>Quatorze Anos</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (24 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (Decassílabo) 3. Rima alternada. 4. Poema dedicado ao seu amigo, Antonio, por seus 	
--	--	--

	<p>quatorze anos.</p> <p style="text-align: center;"><i>Outr'ora e Hoje</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (8 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (Decassílabo) 3. Rima alternada. 4. O Eu-lírico compara sua vida do passado ao agora. E de forma melancólica observa que os sentimentos já não são os mesmos diante da vida. <p style="text-align: center;"><i>A inocente Filhinha</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (8 versos) 2. 10 sílabas poéticas. 3. Rima alternada. 4. Poema dedicado a filha de sua amiga, que goza da juventude e da sua liberdade. <p style="text-align: center;"><i>A Lua</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (56 versos) 2. 4 sílabas poéticas e um unico verso com 3 sílabas poéticas 3. Rima misturada 4. O poema tem como inspiração a lua, o qual o eu-lírico cria um diálogo sobre sua tristeza e solidão. <p style="text-align: center;"><i>Ave Maria</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Versos livres e brancos (108 versos) 2. 10 e 6 sílabas poéticas. (Decassílabo e hexassílabo) 3. Estrofes com rimas intercaladas e misturadas. 4. O poema com teor religioso, evoca a Virgem Maria, e com tom confessional expressa sua devoção. 	
--	---	--

	<p style="text-align: center;"><i>Scismando a meu choro</i> <i>irmão Olympio Augusto</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (40 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (Decassílabo) 3. Estrofes com rimas intercaladas e alternadas. 4. O poema traz um sentimento melancólico devido às recordações que o eu-lírico tem durante o decorrer do poema, ocasionado pelas lembranças do irmão. <p style="text-align: center;"><i>A' Solidão</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (81 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (Decassílabo). 3. Sem rima 4. Poema em louvor a solidão, de forma poética o eu-lírico trata da solidão uma amiga sempre presente. <p style="text-align: center;"><i>Tempestades</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (76 versos) 2. 10 sílabas poéticas. (Decassílabo) 3. Rima misturada. 4. Poema dedicado ao seu amigo Dr. Raimundo da Fonseca. <p style="text-align: center;"><i>Paralelo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (8 versos) 2. 13 sílabas poéticas e 1 verso com 12 sílabas poéticas. (Bárbaro e Dodecassílabo) 3. Rima alternada. 4. Poema melancólico sobre o tempo que se esvai e o sentimento de solidão que é 	
--	---	--

	<p>presente.</p> <p style="text-align: center;"><i>Desalento</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (30 versos) 2. 10 e 6 sílabas poéticas. (Decassílabo e Hexassílabo) 3. Rima misturada 4. O poema trata sobre os seus lamentos e sua falta de esperança diante das situações do eu-lírico. <p style="text-align: center;"><i>Coqueiro secco</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso livre (30 versos) 2. 10 e 6 sílabas poéticas. (Decassílabo e hexassílabo) 3. Rima misturada. 4. Poema carrega o nome da cidade natal da poeta, o eu-lírico retrata as lembranças da cidade diante do fim da tarde, do crepúsculo e das gaivotas que pairam o horizonte sereno. <p style="text-align: center;"><i>Meo Ideal</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (32 versos) 2. 10 sílabas poéticas e um verso com 9 sílabas poéticas. (Decassílabo e Eneassílabo) 3. Rima alternada. 4. O eu-lírico apresenta ao leitor o seu amor ideal, e o descreve como loiro com olhos azuis. <p style="text-align: center;"><i>O Livro</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (56 versos) 2. 6 sílabas poéticas. (Hexassílabo) 3. Rima misturada. 4. O eu-lírico perpassa pelas várias sensações poéticas e inspiradoras proporcionadas 	
--	---	--

	<p>por um livro a qual não se sabe bem qual seja, se refere-se a um único livro, ou usa do livro pra falar de todos.</p> <p style="text-align: center;"><i>Malmequer</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Soneto (14 versos) 2. 6 sílabas poéticas. 3. Estrofes com rimas alternadas e emparelhadas. 4. O poema trata sobre uma flor que fora encontrada no caminho e assim reflete o seu destino. <p style="text-align: center;"><i>Angelica</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (48 versos) 2. 6 sílabas poéticas (Hexassílabo) 3. Rima emparelhada. 4. Poema com tom sentimental dedicado a Angelica, possivelmente uma dedicação a Maria, por possuir traços religiosos e devocionais ou a sua amiga Angelita, por ter traços de memórias. <p style="text-align: center;"><i>Martyrio</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (40 versos) 2. 7 Sílabas poéticas. (Heptassílabo) 3. Rima misturada. 4. Poema dedicado a campestina que com martírio sente as dores da saudade, do amor e da solidão, poema com teor melancólico. <p style="text-align: center;"><i>Flor Pendida</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Verso regular (47 versos) 2. 7 sílabas poéticas. (Heptassílabo) 	
--	---	--

	<p>3. Rima misturada. 4. Poema com tom melancólico o eu-lírico fala sobre suas dores e sua tristeza.</p> <p style="text-align: center;"><i>O Anjo da Innocencia</i></p> <p>1. Verso regular (32 versos) 2. 10 sílabas poéticas (Decassílabo) 3. Rima alternada. 4. O poema tem como inspiração um ser místico, o anjo da guarda, o narrador faz uma leve descrição sobre suas ações, e com tom sentimental passa suas lições, como se estivesse a falar com uma criancinha.</p> <p style="text-align: center;"><i>Anniversario</i></p> <p>1. Verso regular (28 versos) 2. 12 sílabas poéticas (Dodecassílabo) 3. Rima alternada. 4. Poema dedicado ao irmão de Marroquinhas Farias, amiga de Alcina Leite, por ocasião do aniversário de Alves de Farias.</p> <p style="text-align: center;"><i>Campesina</i></p> <p>1. Soneto (14 versos) 2. 10 sílabas poéticas e 1 verso com 11 sílabas poéticas. (Decassílabo e Hendecassílabo) 3. Rima intercalada e emparelhada. 4. Poema dedicado a sua musa, a Exm^a D. Maria Jucá, sua poeta contemporânea, a qual foi, possivelmente, sua musa inspiradora. O eu-lírico se apresenta como a própria campesina e</p>	
--	---	--

	descreve o encontro com sua musa.	
--	-----------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Como se pode observar no quadro acima, a autora não apresenta o rigor formal proposto por parnasianos e preconizado por Olavo Bilac em seu Tratado de Versificação (1905) ou em poemas que viraram verdadeiras cartilhas poéticas para aqueles que buscavam se enquadrar em tal movimento, como o poema *Profissão de Fé*.

Para os parnasianos, o trabalho do poeta é ter a sua disposição palavras da língua que funcionam, da maneira que são usadas no dia a dia, como diamantes brutos, sendo a função do autor trabalhar com essa pedra de maneira a transformá-la em uma peça apreciável e bela ou, nas palavras do próprio Bilac, em “verso de ouro”.

Com tantas propostas voltadas para a construção do verso perfeito, o que inclui rimas externas e/ou internas, temos a percepção de que os parnasianos partiam do princípio da refacção do verso, pois tinham versões das mais simples até a que fosse considerada perfeita e, somente após atingido tal patamar, o verso via a luz da publicação, quando acontecia.

Isso nos leva a compreender a grande quantidade de poetas parnasianos que temos no Brasil, pois, neste movimento literário, não se torna um poeta importante pelo conteúdo dos versos, mas sim pela capacidade de o poeta ser um “ourives”. Assim, quanto mais bem metrificado em quantidade de sílabas poéticas, quanto mais rimas padronizadas e ricas, em formato de sonetos, o poeta for capaz de produzir, mostrando domínio sobre a técnica, mais parnasiano ele é.

Além disso, vimos que, no Parnasianismo o conteúdo esperado em poemas que fazem parte desta escola literária remetem à oposição do subjetivismo exacerbado do Romantismo, tendo o poeta, à sua disposição, temas que remetem ao paganismo greco-latino, elementos ligados à tradição clássica e contenção dos sentimentos do *eu* na poesia.

Com relação à questão do conteúdo dos poemas, não podemos deixar de citar que Olavo Bilac destoa da grande maioria dos parnasianos neste ponto, pois o autor, em sua produção poética, apresenta poemas parnasianos com subjetividade e religiosidade que não remete ao paganismo greco-latino, mas se compararmos sua subjetividade com a subjetividade dos poemas românticos, fica claro que seus textos, junto a questões do fazer do verso são essencialmente parnasianos e não românticos.

Considerando esses pontos - a metrificação dos versos, a quantidade de sílabas poéticas, as rimas e o conteúdo - percebemos que Alcina Leite não se enquadra no

Parnasianismo, uma vez que os poemas da autora, de modo geral, não apresentam quantidade fixa de versos, enquanto os parnasianos valorizavam o soneto, sendo versos com medidas irregulares quanto à quantidade de sílabas poéticas, contendo um padrão de rimas em alguns e em outros não. Além disso, a temática de seus poemas apresenta subjetividade e, em boa parte deles, de caráter religioso ligado ao catolicismo.

Levando em conta que os movimentos literários do Parnasianismo e do Simbolismo aconteceram no Brasil de forma concomitante, aproveitamos os comentários acima para averiguar a possibilidade de Alcina Leite ser uma simbolista.

Para tal, importante é retomar aos pontos característicos do movimento simbolista na poesia que, no nível da forma, preferia ainda os poemas em forma fixa, sobretudo em formato de sonetos, com a musicalidade como uma das premissas básicas do movimento, o que levava os autores a darem atenção especial às rimas tanto externas quanto internas.

Para deixar a poesia ainda mais musical, era comum que os poetas simbolistas fizessem uso de repetições vocálicas (assonância) ou consonantais (aliterações). Além disso, por ser um movimento que, no que tange à forma, lembra o Parnasianismo, foi bastante comum que autores como Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, nossos dois representantes da poesia simbolista, trabalhassem com quantidade de sílabas poéticas fixas.

Já no que tange ao conteúdo dos poemas simbolistas, encontramos o chamado “retorno ao Romantismo” pelo fato de a subjetividade nos poemas ser ponto de inspiração para textos que remetem a questões religiosas, místicas e que transcendem a racionalidade humana. Tais questões podem ter tido a influência da teoria da psicanálise freudiana na realidade de muitos poetas, fazendo com que a subjetividade deste movimento literário seja diferente do que é encontrado nos poemas românticos.

De toda maneira, por tomarmos 04 (quatro) parâmetros de comparação entre a obra de Alcina Leite e dos poetas simbolistas, como pode ser contemplado no poema *Ismália*, de Alphonsus de Guimaraens, não podemos enquadrá-la no Simbolismo.

Pensando, então, que a poeta apresenta em seus textos a quantidade de versos variável, a quantidade de sílabas poéticas variável dentro de diversos poemas, mesmo que obedeça regras em uns e em outros não, que há poemas com rimas alternadas, intercaladas ou emparelhadas, enquanto outros são caracterizados como versos brancos e que a temática da autora é completamente voltada para a subjetividade ou para temas religiosos, devemos classificá-la como pertencente ao Romantismo. Mas dentro de qual geração romântica?

Ao classificar a obra *Campesinas* dentro do Romantismo, levamos em conta que autores como Álvares de Azevedo, da chamada Segunda Geração Romântica fazem uso de

versos dos mais variados tipos, ora obedecendo regras preestabelecidas, ora violando-as em busca da melhor forma de expressar sua subjetividade. Além disso, Azevedo recorre também à temática da religião católica como forma de exprimir suas emoções.

Tomando como base a temática e a forma dos poemas de Alcina Leite, percebemos que, ao comparar a produção dela com a de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e de Castro Alves, a autora se encontra mais próxima do segundo do que dos demais e isso nos leva a considerar outros autores estudados na geração de Azevedo.

Entendendo que a temática da Segunda Geração Poética tem como base temas ligados ao sofrimento, à angústia e à dor existencial, é comum encontrar em textos desta geração a recorrência de questões do catolicismo, seja como forma de absorção para pecados, seja como forma de punição para eles, o que é comum, por exemplo, nos poemas de Casimiro de Abreu e de Junqueira Freire.

Quando levados em conta os poemas de Gonçalves Dias, poeta da Primeira Geração Romântica, encontramos a predominância da forma ainda rígida, o que pode ser resquício da escola literária anterior, sendo comum encontrar, nos textos do autor, tanto quantidade sílabas poéticas idênticas nos versos quanto versos rimados, com a ressalva de que o autor não se apega à quantidade de versos do poema, o que destaca sua característica romântica, partindo do princípio de que o poema está a serviço da subjetividade do poeta.

Na parte temática, por Gonçalves Dias ser o representante mais conhecido da chamada “poesia indianista”, é comum encontrar nos versos do poeta temas ligados à causa indianista, tendo o índio como principal personagem, a natureza e o amor descritos de forma idealizada, com valores medievais como parte dos costumes dos personagens que permeiam seus poemas.

Já quando observamos a produção literária de Castro Alves, percebemos que o autor, na parte formal, faz uso constante das regras de versificação do poema, como podemos contemplar no trecho apresentado no capítulo anterior de *Navio Negreiro*, recorrendo não somente à quantidade exata de sílabas poéticas, mas também aos versos rimados.

A temática do poema analisado no capítulo anterior é um pequeno recorte do que é trabalhado por Castro Alves na maioria de seus textos literários: a liberdade.

Em *Navio Negreiro*, podemos ver o poeta descrevendo a dura realidade da travessia clandestina dos negros africanos para o Brasil e, assim, é esperado que o leitor da época se compadescesse do que aquelas pessoas enfrentavam e ajudassem na causa abolicionista, pois Castro Alves é o principal representante da Terceira Geração Romântica.

Na poesia de Castro Alves, encontramos poemas de cunho social, voltando-se para a

exposição de temas sociopolíticos que mereciam ser discutidos na sociedade da época, sem fuga da realidade ou recorrência de uma subjetividade que se refugiava na religiosidade acalentadora ou punitiva, mas sim buscando uma linguagem que chegasse a um grande número de pessoas que pudesse se juntar às causas sociais e lograr mudanças no quadro político-social brasileiro do século XIX.

Vemos, portanto, que comparando os poemas da obra *Campesinas*, de Alcina Leite, com o que fora produzido pelos autores da Primeira, da Segunda e da Terceira Geração Romântica, é mais plausível enquadrá-la na Segunda Geração Romântica do Brasil tanto por questões formais quanto por questões temáticas.

Faz ainda necessário advertir que a obra *Campesinas* foi publicada em 1889, mas reúne poemas escritos pela poeta ao longo de sua vida, sendo alguns datados dos anos 1870 e outros sem menção à data, o que nos leva a crer que a autora tinha acesso às leituras dos poetas da época, ou seja, de antes do Parnasianismo e do Simbolismo, o que reforça nossa crença de que Alcina Leite não pode ser enquadrada em outra escola literária brasileira além do Romantismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu classificar a obra *Campesinas*, de Alcina Leite, em uma escola literária do Brasil. A fim de colaborar com os estudos teóricos de literatura, buscamos responder neste trabalho a seguinte pergunta: em qual escola literária do Brasil se encontra a produção literária de Alcina Leite?. Para tal, levamos em consideração analisar as características de seu fazer poético e as temáticas que permeiam sua obra, bem como o período de publicação. Com o embasamento teórico pautado em críticos literários como Candido (2013), Bosi (1936) e Moisés (2001), selecionamos as escolas literárias do Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo, por serem cronologicamente próximas da época na qual a autora viveu, o que poderia ter tido algum tipo de reflexo em sua produção poética.

Percebemos que os poemas de Alcina Leite tem sido, até agora, desconhecidos ou negligenciados pelos críticos literários e pela grande maioria dos estudiosos da literatura, o que pode ser visto pela escassez de artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que tenham como objeto de estudo sua produção literária. Essa falta de produção acadêmica sobre a autora resulta na falta de classificação dos textos dela em uma escola literária nacional, considerando características marcantes de seus poemas e o contexto histórico no qual foram produzidos.

Esta pesquisa foi desenvolvida, em sua maior parte, por meio do método hipotético-dedutivo que, por natureza, é um método que prevê o uso de referencial bibliográfico, podemos afirmar que nossa investigação dar-se-á por meio do método monográfico, especificamente como uma pesquisa bibliográfica. Assim consideramos pelo fato de que partimos da análise de uma obra literária em específico para compará-la com outras e, a partir disto, propor uma classificação da obra estudada por nós dentro de uma escola da literatura brasileira. Ademais, trata-se de uma pesquisa aplicada e de caráter descritivo-explicativo, que teve como vista descrever em qual escola literária se encontra a obra *Campesinas*, de Alcina Leite.

Para se atingir uma compreensão do nosso objetivo central que foi propriamente, classificar a obra *Campesinas*, de Alcina Leite, em uma escola literária do Brasil. Definiu-se três objetivos específicos. O primeiro: sintetizar o conceito e as características do Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo a partir de autores como Candido (2013), Bosi (1936) e Moisés (2001), verificou-se que, ao analisar as características de cada escola literária, a poeta possuía características do romantismo, mais especificamente da segunda geração romântica do Brasil, tanto por questões formais de escrita, quanto por temáticas

abordadas; O segundo: analisar a temática, a métrica e a rima dos poemas presentes na obra *Campesinas*; após compará-la a outros autores de diferentes épocas e escolas literárias, tivemos como resultado mais características de autores românticos entre Alcina Leite, que os demais autores, desde sua forma de escrever considerando métrica e forma, mas sem necessariamente segui-lá e se manter presa a ela, e temáticas mórbidas, subjetivas e sentimentais a fizeram mais uma vez ser uma romântica. por fim, o terceiro: Investigar quais influências de escolas literárias do Brasil estão presentes nos poemas de Alcina Leite. Permitiu concluir que a poeta possui mais características românticas, que parnasiana e simbolista. Pois não poderia ser parnasiana cronologicamente, muito menos simbolista. Logo, ambas as escolas literárias possuem uma metrificação e musicalidade perfeita, característica que faltam em seus poemas. No mais, a poeta faz menções ao longo de sua obra a autores do romantismo, como inspirações para seus poemas.

Sendo assim, de acordo com nossos estudos, observações e análises, podemos classificar a poeta Alagoana, Alcina Leite, como uma romântica, pertencente à segunda geração do romantismo nacional, por questões formais, estéticas e temáticas como fora analisado.

Portanto, convido ao leitor e aos interessados, conhecerem um pouco de sua escrita além dos estudos aqui presente, que possam buscar aproximar-se da poeta como ela é, em sua poesia humilde, cotidiana, profunda e cheia de sentimentos, sentimentos esses que passam despercebidos em nosso dia a dia. Que possamos ver a beleza no ordinário da vida, pois o que Alcina Leite faz com seus poemas e transformar o comum e ordinário, em algo belo e significativo, pois assim são os poetas, sejam os que estão na memória e nas livrarias, sejam os que vivem em silêncio no campo.

Em suma, após classificarmos a autora como uma romântica, observamos que faz-se necessário responder alguns questionamentos que foram levantados ao longo desta pesquisa, bem como recomendar a divulgação do trabalho que Alcione Leite tem com sua obra poética, para isso, vejamos algumas recomendações de pesquisas futuras:

Primeira proposta: Por que na literatura alagoana temos uma obra poética escrita por uma mulher, mas só conhecemos autores homens na literatura a partir de sua origem. Seria um indício de uma sociedade machista, que não via a mulher ocupando determinados espaços que eram majoritariamente ocupados por homens?.

Segunda proposta: Aprofundar os estudos sobre metrificação/criação de versos a partir dos teóricos já apresentados, com o intuito de atualizar os estudos de metrificação em língua portuguesa, e assim contribuir com material bibliográfico atualizado.

Por fim, terceira proposta: Elaboração e reedição dos poemas de Alcina Leite, contendo todos os seus poemas originais, seguido de uma possível biografia da autora que seja realizada junto dos responsáveis pelos direitos autorais da obra. Logo, a publicação do material apresentando no apêndice A, a fim de contribuir com os conhecimentos sobre metrificção, e também sobre a poeta e que seja distribuído entre a academia, para maiores estudos futuros na literatura Alagoana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. **Versificação portuguesa**. Edusp, 1999.

BILAC, Olavo. PASSOS, Guimaraens. **Tratado de metrificação**. 1905.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. 52 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BOTO, Carlota. **O professor primário português como intelectual**: Eu ensino, logo existo. Revista da História das Ideias, v. 24, pp. 85-134, Faculdade de Letras de Coimbra, 2003.

BUNGE, Mário. **Teoria y realidad**. Barcelona: Ariel, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 14 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2013.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 2 vol. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

DUQUE-ESTRADA, Osório. **A arte de fazer versos**: com um dicionário de rimas ricas. 1914.

GAUTIER, Théophile. **Mademoiselle de Maupin**. Paris: Charpentier et Cie, 1876.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas. 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, Alcina. **Campesinas**. Maceió: Typographia de Amintas de Mendonça, 1889.

LIMA, Mariana. **Alcina Carolina Leite Pindahíba**. 2019. Disponível em:
<http://www.cedu.ufal.br/grupopesquisa/gephecl/livros-fragmentos/>

MADEIRA, Maria das graças de Loiola. Magistério e literatura em periódicos alagoanos da década de 1880: as composições poéticas de Alcina Leite e Maria Lucia Romariz. *In*: SILVA, Edgleide de Oliveira Clemente da. SANTOS, Ivanildo Gomes dos. ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. Orgs. **A história da educação em manuscritos, periódicos e compêndios do XIX e XX**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira, volume II**: do Realismo à Belle Époque. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 2016.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**: das origens ao romantismo. São

Paulo: Cultrix. 2012.

POPPER, Karl S. **A lógica da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SANTOS, Maria de Fátima Ribeiro dos; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. **Metodologia da pesquisa em educação**. São Luís: UemaNet, 2010.

**APÊNDICE A - POEMAS DO LIVRO *CAMPESINAS*, DE ALCINA
LEITE, ESCANCIONADOS**

MEUS VERSOS

Nem são versos- menti são ais sentidos.
As vezes sem querer d' alma exalados!
L. RABELLO.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Me/us/ ver/sos/ são/ ro/sa/ do er/mo, es/que/ci/da,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Sem/ gra/to/ cul/ti/vo/ de/ pro/vi/da/ mão ;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
D'au/ro/ra aos/ ful/go/res/ já/ qua/se/ pen/di/da/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Da/ tar/de às/ a/ra/gens/ – ro/jan/do/ no/ chão !	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
São/ co/mo o/ mur/mu/rio/ de/ fon/te/ se/re/na/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Em/ mei/o/ das/ sel/vas/ cor/ren/do a/ cho/rar/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Não/ bei/ja/-lhe a/ fa/ce/ dou/ra/da/ pha/le/na/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Nem/ pal/li/da on/di/na/ vem/ n°el/la/ brin/car/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
São/ co/mo os/ quei/xu/mes/ de/ affli/cta/ cre/an/ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Sem/ mãe/, sem/ a/bri/go/, - de/ fri/o a/ tre/mer/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Tão/ no/va! e/ tão/ tris/te/ que o/ sol/ da es/pe/ran/ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Co°os/ ra/ios/ pro/pri/cios/ mal/ po/de a/que/cer/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
São/ no/tas/ d°um/ can/to/ do/ri/do/, sau/ do /so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Por/ noi/tes/ si/len/tes/ de/ mor/no/ lu/ar/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Nas/ pra/ias/ de/ser/tas/, ao/ som/ ma/vi/o/so	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Das/ ly/ras/ que/ ge/mem/ no/ fun/do/ do/ mar !	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
São/ flo/res/ sil/ves/tres/, por/ en/tre/ ver/ do /res/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Bro/tan/do es/pon/ta/neas/, - das/ her/vas/ no/ mei /o/:	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 Não/ or/nam/ as/ pal/mas/ dos/ nos/sos/ can/to/res/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 De/ vir/gem/ for/mo/sa/ não/ dor/mem/ no/ sei/o/!.. B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 São/ tê/nues/ re/fle/xos/ de/ luz/ in/de/ci/sa/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 Nas/ lon/gas/ noi/ta/das/ do in/ver/no/ po/lar/... B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 Sus/pi/ros/ que/ pas/sam/ nas a/zas/ da/ bri/sa/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 -Por/ções/ de/ mi/nh*al/ma/ - vo/an/do/ no/ ar/!.. B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 Si/ al/guem/ sa/be/ da/ Ni/o/be/, dis/tan/te/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 Da/ cha/ra/ pa/tri/a, - as/ ma/go/as en/ten/der/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 - Ac/ca/so/ a/brin/do o/ li/vro/ so/lu/çan/te/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
 Dos/ me/us/ pal/li/dos/ ver/sos/, - pó/de/ ler/! B

1888

LIVRO Nº 1

MUSA CHRISTÃ

À MEMÓRIA DE MINHA SANTA AVÓ.
D. THEREZA MARIA DE JESUS.

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
“Quan/do/ ro/ja/ meu/ cor/po/ so/bre a/ **ter**/ra/. A
- 1 2 3 4 5 6 7
Quan/do/ me/ af/fli/ge a/ **dor**/. B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mi/nh^oal/ma aos/ ceos/ se e/le/va/ co/mo o in/**cen**/so/. C
- 1 2 3 4 5 6 7
Co/mo o /a/ro/ma/ da/ **flor**/.” B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
“Só/ tú/, Se/nhor/, só/ tú/ no/ meu/ de/**ser**/to/ A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Es/cu/tas/ mi/nha/ voz/ que/ te/ sup/**pli**/ca/, B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Só/ tu/ nu/tres/ mi/nh^oal/ma/ de es/**pe**/**ran**/ça;/ C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9
Só/ tú, o/ meo/ Se/nhor/, em/ mim/ der/**ra**/mas/ D
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tor/ren/tes/ de har/mo/ni/a/ que/ me a/**bra**/zam/.” C

GONÇALVES DIAS.

**DEOS
(IMITAÇÃO)**

1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o/ per/fu/me/ do/ ly /rio	A
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o/ mur/mú/rio/ da/ fon /te/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é a/ po/e/sia/ da/ tar /de/	C
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o/ sol/ no/ ho/ri/ zon /te/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o/ gor/gei/o/ das/ a /ves/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/é o or/va/lho/ ma/ti/ nal /	B
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é a/ voz/ da/ na/tu/ re /za/	C
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o/ no/me/ sem/ i/ gual /	B
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o/ di/a al/vo/re/ cen /do/;	A
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é a/ bri/sa/ ci/ci/ an /te/;	B
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é a esp ^{ca} /ran/ça im/mor/re/ dou /ra;	C
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é a/ fê/ sem/pre/ cons/ tan /te/.	B
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o/ sor/ri/so/ da in/ fan /cia/;	A
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o a/mor/, a/ ca/ri/ da /de/;	B
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é a a/le/gri/a/ dos/ an /jos/;	C
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é a/ mes/ma im/men/si/ da /de/.	B
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é o/ mys/te/rio/ da/ noi /te/;	A
1 2 3 4 5 6 7	
Deos/ é a/ do/çu/ra/ da/ vi /da/;	B

1 2 3 4 5 **6**
Deos/ é a/ pre/ce/ do/ **jus**/to/; C

1 2 3 4 5 **6 7**
Deos/ é a/ cren/ça in/de/fi/**ni**/da/. B

1 2 3 4 5 6 **7**
Deos/ é a/ for/te/ ca/ta/**du**/pa/; A

1 2 3 4 5 **6**
Deos/ é a/ fhria/ do a/qui/**lão**/; B

1 2 3 4 5 **6**
Deos/ é o/ mar/ em/bra/**ve**/do/; C

1 2 3 4 5 **6**
Deos/ é a/ voz/ da/ crea/**ção**/. B

Mundahú-Meirim, 9 de março de 77.

**ADORATE DOMINUM
(IMITAÇÃO)**

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/, Se/nhor/, na/ man/sa/ fon /te;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ no/ mar/ tem/pes/tu/ o /so/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ no es/pa/ço/ gran/di/ o /so/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ na/ luz/ do/ fla/vo E/ lon /te/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ no/ pin/ca/ro/ do/ mon /te/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ no/ val/le/ tor/tu/ o /so/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ no/ di/a /ne/bu/ lo /so/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ no/ ru/bi/do ho/ri/ zon /te/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ dos/ ceos/ na/ ma/jes/ ta /de/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ da/ flor/ na/ gen/ti/ le /za/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ na/ voz/ da hu/ma/ni/ da /de/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ do/ ti/gre/ na/ fe/ re /za/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/, di/vi/na/ Po/tes/ ta /de/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/do/ro/-vos/ em/ to/da a/ na/tu/ re /za/!	A

AO SENHOR CRUCIFICADO

Mueve me enim tu amor de tal manera,
Que dunque no hubiera cillo yo te amara.
S. THEREZA DE JESUS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te, ó/ Chris/to, os/ o/lhos/ ma/ce/ ra /dos/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te os/ la/bios/ rô/xos/, de/ne/ gri /dos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te os/ ner/vos/ pe/la/ dor/ to/ lhi /dos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te a/ fa/ce e o/ pei/to en/san/guen/ ta /dos/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te as/ mãos/ e/ pés/ na/ cruz/ cra/ va /dos/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te os/ bra/ços/ de/beis/, es/ten/ di /dos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te a/ fron/te e o/ co/lo es/car/ne/ ci /dos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te os/ mem/bros/ nós/, di/la/ce/ ra /dos/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te, ó/ Chris/to, o/ to/do/ de a/mar/ gu /ras/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te as/ do/res/ cru/ci/an/tes/ d '' al /ma/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te o/ sei/o – a/bys/mo/ de/ do/ çu /ras/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te o/ no/me/, que o/ sof/frer/ a/ cal /ma/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te a/ cruz/ que/ ri/me as/ cri/a/ tu /ras/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/mo/-te/! ... da/-me/ d''es/te a/mor/ a/ pal /ma/!	A

4 de janeiro de 78.

HOSANNA!

Bemdito seja o rei de Israel
 Quem vem em nome do Senhor.
 S. LUCAS.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Eil/-o, o/ Se/nhor/ da/ ter/ra/; tri/un/**phan**/te, A

1 2 3 4 5 **6**
 Lá/ vae/, no/ ju/men/**ti**/nho/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Im/men/sa/ mul/ti/dão/ bor/da/-lhe, o/**van**/te/, A

1 2 3 4 5 **6**
 De/ flo/res/ o/ ca/**mi**/nho! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Dos/ le/ques/ da/ pal/mei/ra as/ ver/des/ **pal**/mas/ A

1 2 3 4 6 7
 Tre/mu/lam/ n^oam/pli/**dão**/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Do/ fes/ti/vo/ pra/zer/ de/ su/as/ **al**/mas/ A

1 2 3 4 5 6 7
 Sym/bo/li/ca/ ex/pres/**são**! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 “Ho/sa/na/ nas/ al/tu/ras”! São/ cla/**mo**/res/ A

1 2 3 4 5
 Que o ar/ fe/rem/ se/**re**/no.. B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Bon/do/so a/cei/ta os/ can/di/dos/ lou/**vo**/res/ A

1 2 3 4 5 6
 O/ mei/go/ na/za/**re**/no! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 “Ho/sa/na”! Bra/da a/ tur/ba/ que/ por/**fi**/a A

1 2 3 4 5 **6**
 Em/ lou/vor/ o/ Se/**nhor**/. B

1 2 3 4 5 6 7 8 **9**
 Em/ ca/da/ pei/to um/ echo/ de a/le/**gri**/a/, A

1 2 3 4 5 **6**
 Um/ can/ti/co/ de a/**mor**! – B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Tu/do/ se ex/pan/di e/ ri/... to/da a/ na/**tu**/ra/ A

1 2 3 4 5 **6**

Se/ re/flo/res/ce, u fa /na/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Des/d ^o /o/ mus/go/ ras/tei/ro à im/men/sa al/ tu /ra/	A
1 2 3 4 5 6	
U/ma/ só/ phra/se: - Ho/ sa /na/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/.. Por/que/ de/ tris/te/za es/ses/ re/ sa /bios/,	A
1 2 3 4 5 6	
Na/ fa/ce/ do/ Se/ nhor /?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/que um/ sor/ri/so/ não/ lhe as/so/ma aos/ la /bios,	A
1 2 3 4 5 6	
Con/vul/sos/ pe/la/ dor /?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
A ex/pres/são/ do/ po/vo é/ tão/ sin/ ce /ra/	A
1 2 3 4 5	
E o he/róe/- la/cri/ mo /so/?!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que/ fun/da/ ma/goa an/nu/viar/ po/ de /ra/	A
1 2 3 4 5 6	
O/ tri/um/pho/ pom/ po /so/? ...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ai/! .. Elle o/ sa/be/! Si/ ho/je/ pres/su/ ro /sos/	A
1 2 3 4 5 6	
Lhe/ ren/dem/ o/va/ ções /,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ma/nhã/.. de/ seo/ san/gue/ se/qui/ o /sos/,	A
1 2 3 4 5 6	
A/ti/ram/-lhe/ bal/ dões /..	B

MARIA

“Mais doce aos lábios que um favo de mel, mais apreciável ao ouvido que um cântico suave, mais delicioso ao coração que a alegria mais pura”.

S. ANTONIO DE LISBOA.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sin/to/ mi/nh ^{al} /ma alar/-se/ ao/ in/fi/ni/to,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Un/gi/da/ de i/nef/fa/vel/ a/le/gria/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/do es/cu/to/ nos/ can/ti/cos/ sa/gra/dos/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ no/me/ so/be/ra/no/ de/ Ma/ria!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ co/ra/ção/ no/ pei/to/ se ac/ce/le/ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Re/sur/ge/ n ^{al} /ma a/ fé/ que es/mo/re/cia/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Si/ re/pe/tem/ os/ lábios/ fer/vo/ro/sos/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ dul/cis/si/mo/ no/me/ de/ Ma/ri/a!	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ma/ri/a! que/ te/sou/ros/ não /en/ce/ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ su/bli/me ex/pres/são/ que/ te/ an/nun/cia/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ su/a/ve/ pra/zer/, que/ do/ce en/can/to/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ san/tis/si/mo/ no/me/ da/ Ma/ri/a!	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ que/ de/ mil/ flo/res/ re/cen/den/tes/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
To/do o/ per/fu/me as/ al/mas/ i/ne/bri/a/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/do/ no/ tem/plo/ do/ Se/nhor en/to/am/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sa/cros/ hym/nos/ ao/ no/me/ de/ Ma/ri/a!	D

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Sal/ve, ó/ no/me/ for/mo/so/, por/ quem/ **sin**/to/ A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mi/nh/“al/ma/ re/vi/ver/, que/ se/ **per**/dia! B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
No/ ceo/, na/ ter/ra, em/ to/da/ par/te/, **sem**/pre/, C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
-Bem/di/to/ se/ja o/ no/me/ de/ Ma/**ri**/a! D

4 de maio de 78.

HYMNO A NOSSA SENHORA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ès/, ó/ Ma/ri/a! o/ ra/mo/ de o/li/vei/ra	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ paz/ e/ da/ bo/nan/ça/ pre/cur/sor/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Au/ro/ra/ que il/lu/mi/na a/ vi/da in/tei/ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ce/ mi/mo/ das/ gra/ças/ do/ Se/nhor/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fi/lha/ de A/dão/ e/ sem/pre im/ma/cu/la/da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ser/ tu/ só/, vir/gem/ – Mãe/, tu/ só/ po/des/te/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pe/ro/la/ fi/na/ bri/lhas/ en/gas/ta/da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ c* rô/a/ do/ Se/nhor/ com/ luz/ ce/les/te/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ly/rio en/tre es/pi/nhos/ nos/ jar/dins/ da/ ter/ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ Deos/ bro/tan/do ao/ po/de/ro/so a/ce/no/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ glo/ria hu/ma/na o/ teu/ lou/vor/ en/cer/ra/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O*/ do/ce, ó/ ter/na/ mãe/ do/ Na/za/re/no/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ nos/ des/pre/zes/ pois/ no e/xi/lio/ du/ro/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ que/ lon/ge/ da/ Pa/tria as/sim/ ge/me/mos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E*s/ ca/mi/nho/ do/ céu/ bre/ve e/ se/gu/ro/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sê/ nos/sa/ gui/a e/ não/ nos/ per/de/re/mos/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/cei/ta, ó/ do/ce/ Mãe/, nos/sos/ lou/vo/res/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ do/ in/ti/mo aos/ la/bios/ vem/ a/ flux/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

E/ fa/ze/-nos/, de in/gra/tos/ pec/ca/**do**/res/,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Fi/lhos/, ser/vos/ fi/eis/ do/ teu/ Je/**sus**/!

A

C

1º de Fevereiro de 79.

STABAT MATER

Seccos os olhos seus, sereno o rosto
 Como um rochedo ao mar e ao vento exposto.
 S. CARLOS (FR. FRANCISCO)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ao/ pé/ da/ cruz/ a/on/de ex/pi/ra um/ ho /mem	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ flor/ dos/ an/nos/ seus/ lê/da e/ pom/ po /sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ba/nha/do em/ on/das/ de/ seu/ pro/prio/ san /gue/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Es/cu/re/ci/da a/ fa/ce/ côr/ de/ ro /sa/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ vul/to/ de/ mu/lher/ al/li/ des/ ta /ca/-se/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ pé/, em/ mei/o/ do/ pai/nel/ me/ do /nho:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Na/ ter/ra, - in/sul/tos/, o/dio, ar/mas/ e/ san /gue/;	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ ceo/, - o/ sol/ que es/con/de/-se/ tris/ to /nho/..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ faz/ al/li/ as/sim/? Por/que/ não/ fo /ge/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lon/ge/, bem/ lon/ge/, des/sa es/tra/nha/ sce /na/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ trans/luz/ a/in/da/ no/ seu/ ros /to/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ paz/ do/ co/ra/ção/, do/ce/, se/ re /na/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fu/gir/!..fu/gir/ do/ fi/lho/ que a/go/ ni /sa/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/do/ não/ pó/de a/ mãe/ cer/rar/-lhe os/ o /lhos/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ re/cli/na/do/ n ^o um/ ma/ci/o en/ cos /to/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/ em/ lei/to/ mais/ du/ro/ que/ de a/ bro /lhos/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nem/ des/mai/ar/ tam/pou/co. A/ mãe/ di/ vi /na/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

Em/ tran/ces/ tão/ cru/eis/ não/ per/de a/ **cal**/ma/: B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Si/ seu/ sei/o a/bran/geu/ mais/ que/ um/ **mun**/do/, C
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Mais/ que um/ mun/do/ de/ dor/ ca/be em/ sua/ **al**/ma/. B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Bran/ca/, bran/ca/ de/ mar/mo/re/... mas/ **fir**/me/ A
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Sem/ la/gri/mas/, sem/ ais/ em/ pe/na/ **tan**/ta/, B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

O/lhos/ ple/nos/ de/ dor/ – dous/ o/ce/a/nos/- C
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Pa/ra em/be/ber/ no/ Fi/lho, à/ cruz/ le/**van**/ta/. B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 E/ mui/ta/ vez/ de/bal/de/! que/ não/ **po**/dem/ A
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Seus o/lhos/ ma/ter/nos/ fi/tal/-os/ as/**sim**/! B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Ai/! Se/ri/a/ di/to/sa/, se/ po/**des**/se/ C
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Che/gar/ tam/bem/ al/li/ da/ vi/da ao/ **fim**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Não/ quis/ Deos/ con/ce/der/-lhe es/sa/ ven/**tu**/ra/ A
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

E um/ ai/ do/ pei/to/ seu/ se/ não/ des/**pren**/de/; B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Seus/ pu/ros/ la/bios/ não/ mur/mu/ram/ **quei**/xas/; C
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

- Aos/ de/cre/tos/ do/ cêo/ se hu/mi/lha e/ **ren**/de/. D

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Oh/! Vir/tu/de/ su/bli/me, i/nex/ce/**di**/vel/ A
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Dor/ sem/ i/gual/ nos/ pa/ra/mos/ ter/**res**/tres/! B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

- Que o/ mun/do/ fer/va/, que/ se/ vo/la/**ti**/se/, C
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

Não/ cres/ta a/ flor/ dos/ es/qua/drões/ ce/**les**/tes/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**

E o fi/lho al/çan/do a/ voz/ dei/xa es/co/ ar /-se/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
No ul/ti/mo/ gri/to o/ der/ra/dei/ro a/ len /to/... 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
E a/ ter/ra, o/ mar/, os/ ceos/, a/ na/tu/ re /za/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
Tu/do/ tre/meu/ de hor/ror/ nes/se/ mo/ men /to/! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	D
E a/ vir/gem/ que/ sen/tio/? Oh! re/ve/ ren /tes/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9	A
Não/ er/ga/mos/ o/ veo/ de/ suas/ dô /res/... 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Tu/do/ per/de/ra/; que/ per/de/ra o/ Fi /lho/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
Seu/ co/ra/ção/, su/*al/ma/, seus/ a/ mo /res/... 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Mor/to/! sem/ dar/-lhe o/ der/ra/dei/ro os/ cu /lo/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
Sem/ a/lim/par/-lhe o/ san/gue/ que/ cor/ ri /a! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Sem/ re/ce/ber/-lhe os/ ul/ti/mos/ sus/ pi /ros/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
Nem/ sus/ten/tar/-lhe/ a/ fron/te/ que/ pen /dia/. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B

Mundahú-Meirim-1879

**SUPPLICA
ANOS DAS DORES**

1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Mi/nha/ mãe/, é/ a/ tí/ que/ re/ cor /ro	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Na/ tris/te/za/, na/ dôr/ que/ me op/ pri /me/!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Vir/gem/ san/ta, en/tre as/ vir/gens/ su/ bli /me/,	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Não/ des/pre/zes/ a/ mi/nha o/ra/ ção /!	C	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Nun/ca/, nun/ca es/que/ceu/-me o/ teu/ no /me/!	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
No/ re/ga/ço/ da/ paz/, da a/le/ gri /a/,	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Não/ dei/xei/ de in/vo/car/ um/ só/ di /a/	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Tu/a/ do/ce e/fi/caz/ pro/tec/ ção /!...	C	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Ho/je eu/ sof/fro/.. meu/ cor/po/ pa/ de /ce/	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
E/ suc/cum/be/ na/ lu/ta/ gi/ gan /te/!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Uma/ on/da/ me/do/nha/, u/lu/ tan /te/,	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
M ^{en} /vol/veu/ nos/ teus/ gi/ros/ de/ mor /te/!...	C	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Só/ tu/ vês/ nos/ meus/ o/lhos/ nu/ bla /dos/	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Que/ de/ pran/tos/ de a/cer/ba a/mar/ gu /ra/...	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Só/ tú/ vês/ de/ mi/nh ^{al} /ma a/ tor/ tu /ra/	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Só/ tú/ pó/des/: trans/mu/da/-me a/ sor /te/!	C	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Mas/, que/ di/go? O/ Ma/ri/a, eu/ te/ ve /jo/	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
Jun/to á/ cruz/ do/ mar/ty/rio af/fron/ to /so/...	B	

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Não/ se/ cur/va/ teu/ cor/po/ mi/**mo**/so/ B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Aos/ em/ba/tes/ cru/éis/ do/ tu/**fão**/!. C

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Tens/ na/ fá/ce o/ pal/lor/ do/ se/**pul**/chro/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 N^oal/ma/, fun/da a/go/ni/a/ la/**ten**/te/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Mas/ dos/ lá/bios/ ma/ter/nos/, pen/**den**/te/ B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 In/da es/cu/to a/ pa/la/vra/- per/**dão**/!. C

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 O^o/ Ma/ri/a! quem/ ou/sa/ quei/**xar**/-se/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Se/ com/pa/ra/ seus/ ma/les/ co^os/ **teus**? B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 E/ tu e/ras/, mu/lher/, mãe/ de/ um/ **Deos**/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 E/ do im/pé/rio/ ce/les/te/, ra/**i**/nha! C

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 E/ sof/fres/te/ tor/men/tos/ sem/ **con**/to/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 E/ fe/rio/-te o/ pu/nhal/ per/fu/**ran**/te/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 De/ uma/ dôr/ que/ não/ tem/ se/me/**lhan**/te/, B

1 2 3 4 5 6 7 8
 An/te a/ qual/ é/ dôr/ es/ta/ **mi**/nha! C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Mas/, se em/ tran/ses/ hor/ri/veis/ in/co/**lu**/me/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 (Qual/ ro/bus/ta/ co/lum/na/ da/ **Fé**/) B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Per/ma/ne/ces/ se/re/na/, de/ **pé**/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Quan/do a/ vi/da à/ Je/sus/ s^e/va/**po**/ra/; C

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Eu/ pa/de/ço/ tor/men/tos/ sem/ **con**/to/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Eu/ me es/for/ço em/ an/gus/tias/ mor/**ta**/es, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Eu/ não/ te/nho um/ con/so/lo/ ja/**mais** B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Nes/ta/ dôr/ que a/ mi/nh'al/ma/ de/**vo**/ra! C

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Dá/-me/, pois/ um/ re/cur/so à/ tris/**tu**/ra/, A
 1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Que/ me/ gas/ta a e/xis/ten/cia/ no/ **sei**/o/... B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9
 D'es/tas/ tre/vas/ hor/ri/veis/ no/ **mei**/o/ B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Tu/a i/dei/a/. qual/ as/tro/, re/**luz**! C

1 2 3 4 5 6 7 8
 E' aos/ tris/tes/- su/pre/mo/ con/**for**/to/, A
 1 2 3 3 4 5 6 7 8
 -Flor/ vi/tal/ que os/ sen/ti/dos/ a/**cor**/da/ – B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Quan/do a/ ta/ça/ das/ dô/res/ trans/**bor**/da/, B
 1 2 3 4 5 6 7 8
 Tua i/ma/gem/, de/ pé/, jun/to a/ **cruz**! C

Mundahú-Meirim- 78.

TOTA PULCHRA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ é/ tão/ bel/lo o/ so/nho al/vi/ni/ ten /te	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
D'ú/ma/ cre/an/ça/ lou/ra, a/dor/me/ ci /da/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Brin/can/do/-lhe/ nos/ la/bios/ de in/no/cen/te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ do/ce/ no/me/ da/ ma/mãe/ que/ ri /da/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ for/mo/sa e/ pu/ra, à/ luz/ da/ vi /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bro/ta/, - de/ deus/ n'um/ ri/so/ com/pla/ cen /te/ –	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
A/ flor/ di/vi/na/ dos/ jar/dins/ do o/ri/ en /te/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Des/de os/ pri/mei/ros/ tem/pos/ pro/met/ ti /da/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pas/sam/ os/ an/nos/ que a/ ven/tu/ra en/ flo /ra/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vem/ do/ cal/va/rio a/pós/ a/ des/ven/ tu /ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ dor/, o/ luc/to, a/ noi/te/ sem/ au/ ro /ra/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lu/ci/do es/pe/lho/ de/ su/a al/ma/ pu /ra/-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ne/nhum/ mar/ty/rio a/quel/la/ flor/ des/ co /ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ lh'em/mur/che/ce a/ ma/ti/nal/ fres/ cu /ra/!	A

1888.

HIMNO À PROVIDENCIA

1 2 3 4 5 6 7 8 9	
A/bre a/ flor/ o/ bo/tão/ per/fu/ mo /so,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tú/, ó/ bri/sa/, pas/san/do/, mur/ mu /ras/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Mol/le/ cor/re o/ re/ga/lo/ na/ sel /va/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Li/vre a/de/ja o/ con/dor/ nas/ al/ tu /ras/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lei/o em/ tu/do uma his/to/ri/a/ sin/ ge /la/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Um/ po/e/ma/ na/ ter/ra ou/ nos/ cé os/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/ diz/-me/ que e/xis/te a/ ven/ tu /ra/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/, tu/do/ me/ fal/la/ de/ De os/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Cho/ve o/ céo/ or/va/lho/so/ se/ re /no/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que/ da/ ter/ra as/ en/tra/nhas/ fe/ cun /da/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lou/re/jan/do as/ se/á/ras/ os/ ten /tam/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Fruc/tos/ mil/, de/ que/ Ce/res/ a/ bun /da/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lei/o em/ tu/do uma his/to/ri/a/ sin/ ge /la/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Um/ po/e/ma/ na/ ter/ra ou/ nos/ cé os/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/ diz/-me/ que e/xis/te a/ ven/ tu /ra/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/, tu/do/ me/ fal/la/ de/ De os/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Sur/ge a/ lu/a/, prin/ce/za en/can/ ta /da/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ das/ noi/tes/ o im/péri/o/ do/ mi /na/?	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que, em/pu/nhan/do a/ va/ri/nha/ fa/ti/di/ca/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/ mu/da/, trans/for/ma, i/lu/mi/na/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lei/o em/ tu/do uma his/to/ri/a/ sin/ge/la/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Um/ po/e/ma/ na/ ter/ra ou/ nos/ céos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/ diz/-me/ que e/xis/te a/ ven/tu/ra/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/, tu/do/ me/ fal/la/ de/ Deus/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Es/sa/ flor/ per/fu/ma/da e/ mi/mo/sa/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
-Do/ce em/ble/ma/ de/ pu/ra a/mi/sa/de/-	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que é/ de/li/cia/ do ol/pha/to e/ dos/ o/lhos/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Al/to/ pro/va/ de um/ Deus/ a/ bon/da/de/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lei/o em/ tu/do uma his/to/ri/a/ sin/ge/la/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Um/ po/e/ma/ na/ ter/ra ou/ nos/ céos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/ diz/-me/ que e/xis/te a/ ven/tu/ra/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/, tu/do/ me/ fal/la/ de/ Deus/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que/ m'impor/ta a in/jus/tiça/ dos/ ho/mens/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
D'a/mi/sa/de a/ fal/laz/ i/lu/são/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Te/nho um/ mun/do/ de a/mor/ na/ mi/nh'al/ma	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
E aos/ in/jus/tos/ dou/ fa/cil/ per/dão/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Ve/jo os/ mun/dos/ ro/la/rem/ no es/paço/	A

1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Sem/ ja/mais/ o e/qui/li/brio/ per/ der /:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lei/ su/pre/ma/ que os/ re/ge, in/fal/li/vel/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Cla/ra a/tes/ta/ de/ Deus/ o/ po/ der /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lei/o em/ tu/do uma his/to/ri/a/ sin/ ge /la/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Um/ po/e/ma/ na/ ter/ra ou/ nos/ cé os/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/ diz/-me/ que e/xis/te a/ ven/ tu /ra/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/, tu/do/ me/ fal/la/ de/ Deus /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Ve/jo a/pós/ a/ tor/men/ta/ me/ do /nha/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Suc/ce/der/-se au/reo/ di/a/ de a/ bril /;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
D ^o u/ma/ lar/va as/que/ro/sa e/ pe/ sa /da/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Vir/ á/ luz/ bor/bo/lê/ta/ gen/ til /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lei/o em/ tu/do uma his/to/ri/a/ sin/ ge /la/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Um/ po/e/ma/ na/ ter/ra ou/ nos/ cé os/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/ diz/-me/ que e/xis/te a/ ven/ tu /ra/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tu/do/, tu/do/ me/ fal/la/ de/ Deus /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8	
Quem/ do/ sol/ nas/cer/ ob/ser/va/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
N ^o a/pa/thi/a en/vol/vi/do/? Não/ sei /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Co/mo é/ gran/de/! Que au/gus/to/ des/ ti /no/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Tra/çou/ Deus/ ao/ for/mo/so as/tro/- rei /!	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Lei/o em/ tu/do uma his/to/ri/a/ sin/**ge**/la/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Um/ po/e/ma/ na/ ter/ra ou/ nos/ **cé**os/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Tu/do/ diz/-me/ que e/xis/te a/ ven/**tu**/ra/, C

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Tu/do/, tu/do/ me/ fal/la/ de/ **Deus**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Que/ m^{im}/por/ta/ que/ ca/da/ pa/**la**/vra/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Me ar/re/ba/te/ da/ vi/da um/ mo/**men**/to/? B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 - De ou/tra/ vi/da/ me/lhor/ e/ mais/ **bel**/la/ C

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 A/ ri/so/nha es/pe/ran/ça a/li/**men**/to/!... B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Lei/o em/ tu/do uma his/to/ri/a/ sin/**ge**/la/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Um/ po/e/ma/ na/ ter/ra ou/ nos/ **cé**os/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Tu/do/ diz/-me/ que e/xis/te a/ ven/**tu**/ra/, C

1 2 3 4 5 6 7 8 9
 Tu/do/, tu/do/ me/ fal/la/ de/ **Deus**/! B

1883.

ASSUMPCÃO DE MARIA

Abri-vos; ó sion portas eternas Salas das alegrias sempiternas, Abri-vos: dai lugar romper-se a estrada A" princeza por vós tão suspirada.

S. CARLOS (FR. FRANCISCO).

1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Ba/te as/ a/zas/, ó/ pom/ba, es/vo/a/ça;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Dei/xa o/ pe/so/ do/ mun/do/ de/ fer /ro/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
E/" já/ fin/do/ teu/ lon/go/ des/ ter /ro/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
A/ sen/ten/ça a/fi/nal/ a/ca/ bou /!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Au/ras/ pu/ras/, di/vi/nas/, e/ le /vem/-te/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
On/de a/ Pa/tria/ fa/guei/ra/ te a/ ce /na/;	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Da/ ven/tu/ra i/nef/fa/vel/, se/ re /na/,	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Co/lhe o/ pre/mio/ que o/ céo/ te/ le/ gou /!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Au/rea/ nu/vem/ de a/zul/ e/ de/ ro /sa/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Te en/vol/ven/do/ nas/ ru/ti/las/ cô /res/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Fur/te aos/ o/lhos/ do/ mun/do/, trai/ do /res/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
O/ cor/te/jo/ da/ pom/ba/ re/ al /.	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
So/bre os/ hom/bros/ e/bur/neos/ dos/ an /jos/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que/ de a/le/gres/ não/ sen/tem/ o/ pe /so/.	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Pa/ra o/ po/lo es/tel/li/phe/ro, ac/ ces /so/,	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Su/ba o/ car/ro/ gen/til/, tri/um/ phal /.	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
So/be/ vir/gem/! A au/gus/ta/ trin/ da /de/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Já/ des/cen/do/ te il/lus/tra a/ vic/ to /ri/a:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Traz/ nas/ mãos/ a/ co/rô/a/ de/ glo /ri/a	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que ha/-de a/ fron/te in/nun/dar/-te/ de/ luz /!	C

1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Vê/ no/ pai/: - que i/nef/fa/vel/ bon/ da /de/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
E/ no es/po/so/: - que/ do/ce/ ven/ tu /ra/!	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
E/ no/ fi/lho/: - que im/men/sa/ ter/ nu /ra/!	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
- Deus/ e/ fi/lho/ se/ mos/tra/ Je/ sus /!...	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Pom/ba, e/xul/ta/!.. mas/ des/ça à/ nos/s ^o / al /ma/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Ne/gro/ man/to/ de a/cer/ba/ tris/ tu /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Mur/chem/ flo/res/, so/lu/ce a/ na/ tu /ra/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Pe/la au/sên/cia/ de/ cân/di/da/ flôr /:	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que/ de/ser/to/ nos/ fi/ca es/te/ mun /do/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Que/ pri/são/ so/li/tá/ria e/ sem/ ter /mos/!	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Não/ mais/ dou/res/, ó/ sol/, nos/sos/ er /mos/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Com/ teus/ rai/os/ de in/ten/so/ ca/ lor /,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
E/ra/ jus/to/ que o/ céo/ ter/mi/ nas /se/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Lon/go o/ pra/zo/ de/ seu/ cap/ti/ vei /ro/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Mas/, ó/ Deos/! Não/ po/de/ras/ pri/ mei /ro/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Nos/sas/ al/mas/ ao/ mun/do/ ti/ rar /?	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Sem/ a “es/trel/la/ de/ luz/” que/ nos/ gui /e	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Co/mo as/sim/ vi/ve/re/mos/ so/ si /nhos/?	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Quem/ da/ vi/da/ nos/ du/bios/ ca/ mi /nhos/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Po/de a/go/ra o/ “ca/mi/nho” a/cer/ tar /?	C
1 2 3 4 5 6 7 8	
Tú és/ gran/de/, Se/nhor/!.. Si a/ le/ vas /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Si a/ le/ vas /te/ do/ mun/do in/di/ to /so/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Dá/ que ao/ pé/ do/ teu/ thro/no/ for/ mo /so/	B

1 2 3 4 5 6 7 8	
Ella/ ro/gue/ por/ nós/ in/ces/ san /te/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Dá/ que o e/xem/plo/ de/ su/as/ vir/ tu /des/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Nos/ a/pon/te a/ man/são/ ver/da/ dei /ra/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Té/ que o/ gol/pe/ da/ mor/te/ cer/ tei /ra/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Nos/ a/pres/se/ de/ Ve/l-a o /ins/ tan /te/!..	C

15 de agosto de 79.

AVE

Salve, Branco Lyrio,
 Candida açucena,
 Ramo de Verbena
 Dos jardins de Deus:
 Teu olhar materno
 Sobre os filhos deita,
 Virgem mãe! aceita
 Os louvores seus!...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Flo/res/ da/ ter/ra! em/ di/vi/naes/ ef/ flu /vios	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cho/vei/ di/lu/vios/ de/ su/a/ve o/ dor /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pe/ro/las/ fi/nas/ dos/ e/ra/rios/ d °al/ma/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tra/zei/-lhe a/ pal/ma/ do/ mais/ pu/ro a/ mor /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Har/pas/ so/no/ras/! mu/du/lai/, di/ vi /nos/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fer/vi/dos/ hym/nos/ de/ ter/nu/ra ex/ tre /me/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ do/ce/ vir/gem/, pe/ren/nal/ a/ bri /go/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Con/for/to a/mi/go/ do in/fe/liz/ que/ ge /me/! –	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ma/ri/a! ó/ ver/bo har/mo/ni/o/so, im/ men /so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Re/fle/xo in/ten/so/ do es/plen/dor/ de/ Deus /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/ ti/ no/ pe/i/to o/ co/ra/ção a/ man /te/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pal/pi/ta, o/ran/te/, Co°os/ tri/um/phos/ teus /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Es/ta/va em/ tre/vas/ se/pul/ta/do o/ mun /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eis/ que/ -Ju/cun/do/- teu/ sor/rir/ o en/ flo /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bem/ co/mo a/pós/ a/ cer/ra/ção/ me/ do /nha/.	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ful/ge/ ri/so/nha a/ do/ce/ luz/ d°au/ ro /ra/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sim/, for/te au/ro/ra/ de/ ful/gor/ p°re/ gri /no/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que o/ sol/ di/vi/no/ pre/ce/des/te/ bel /lo/,	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Can/di/da/ pom/ba/, nun/cia/ d**al/li/**an**/ça/, C
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Do/ce es/pe/ran/ça/, bo/nan/ço/sa es/**trel**/la/. D

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Sal/ve/ mil/ ve/zes/! di/vi/nal/ prin/**ce**/za/ A
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Do/ cri/me il/le/sa/ que/ nos/ ma/cu/**lou**/! B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Sol/ de/ vir/tu/des/ bem/fa/se/zo, es/**ti**/vo/, C
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Sa/crá/rio/ vi/vo on/de/ Je/sus/ mo/**rou**/! D

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Sal/ve/ mil/ ve/zes/! Da/ man/são/ di/**to**/sa/ A
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Ou/ve a/mo/ro/sa, ó/ Vir/gem/ sa/cro/**san**/ta/! B
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Ou/ve es/tas/ vo/zes/ que a/ ter/nu/ra ins/**pi**/ra/ C
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 A**/ po/bre/ ly/ra/, que/ te/ lou/va e/ **can**/ta/. B

1885.

PÃO VIVO

À EXM^a.

D. FRANCISCA ARMINDA LEITE FALCÃO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ ne/bu/lo/so/ céo/ des/ta e/xis/ ten /cia/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Rai/ou/ al/fin/ um/ as/tro/ de/ luz/ pu /ra/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Meu/ co/ra/ção/ pal/pi/ta/ de/ ven/ tu /ra/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
D ^o um/ su/a/ve/ sen/tir/ na ef/fer/ves/ cen /cia/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Oh!/ mi/nha a/mi/ga! a/ can/di/da in/no/ cen /cia/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E ^o flôr/ mi/mo/sa/ de/ ne/va/d ^o al/ vu /ra/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/ es/se/ pão/ de/ mys/ti/ca/ do/çu/ra/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E ^o / dos/ tris/tes/ a/ – flor/ por/ ex/ce/ len /cia/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Era/ mi/nh ^o al/ma a/ plan/ta/ re/se/ qui /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vi/ce/jan/do/ da/ mor/te/ no/ re/ ga /ço/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Só/ por/ ba/gas/ de/ pran/to – or/va/lhe/ ci /da/..	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/me/ do/ pão/ do/ céo/... a/lém/ do es/ pa /ço/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/le/va/-se/.. de/ luz/, de a/mor/ un/ gi /do/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Es/trei/ta/-te/, di/to/sa, em/ do/ce a/ bra /ço/!..	A

1882.

LIVRO 2º

Á MEMÓRIA DE MINHA QUERIDA MÃI
D. ANNA BELLARMINA DE FARIAS

1 2 3 4 5 6 7	
Mi/nha/ mãe!/ ou/vis/, ou/ vis /tes/	A
1 2 3 4 5 6 7	
es/sa/ pa/la/vra/ so/ no /ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
que ac/cen/de al/vo/res/ de au/ ro /ra/	B
1 2 3 4 5 6 7	
den/tro em/ nos/sos/ co/ra/ ções /?	C
1 2 3 4 5 6 7	
que a/le/gra as/ ho/ras/ mais/ tris /tes/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
e/ traz/ lon/gin/qua/ fra/ gran /cia/	E
1 2 3 4 5 6 7	
da/ nos/sa/ flo/ri/da in/ fan /cia/	E
1 2 3 4 5 6 7	
que/ pre/ces/ ti/nha e/ cau/ ções /?	C
1 2 3 4 5 6 7	
Mãe!/ hym/no/ que/ so/be aos/ a /res/	A
1 2 3 4 5 6 7	
por/ en/tre os/ can/tos/ das/ a /ves/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
psal/mo/ que en/che as/ am/plas/ na /ves/	B
1 2 3 4 5 6 7	
dos/ tem/plos/ da/ ter/ra e/ cé os/,	C
1 2 3 4 5 6 7	
pu/ro in/cen/so/ dos/ al/ ta /res/	D
1 2 3 4 5 6 7	
dos/ nos/sos/ pei/tos/ en/ fer /mos/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
bran/do/ sol/ que in/flo/ra os/ er /mos/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
san/ta/ voz/ que/ fal/la em/ De os/!	C

THOMAZ RIBEIRO.

A NOITE
[FRAGMENTO]

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Que/ po/e/si/a/ no/ céu! Em/ par/te/ mei/o oc/ cul /to	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
A/ lua/ mos/tra o/ ros/to/ se/re/no, en/can/ta/ dor /;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Op/pos/ta em/ ple/no a/zul/, com/ lan/gui/dos/ ful/ go /res/:	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Der/ra/ma/ frou/xo/ bri/lho a es/trel/la/ do/ pas/ tor /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Tu/do/ é/ si/len/cio en/tão! O/ rui/do/so/ fre/ mi /to/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Do/ mun/da/no/ li/dar/ es/mo/re/ceu/, ces/ sou /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Su/bli/me e/ gran/di/o/sa im/pe/ra a/ do/ce/ cal /ma/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Mais/ vi/vo/ sen/ti/men/to o/ co/ra/ção/ bro/ tou /...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Bem/ co/mo é /so/li/tá/ria a/ sce/na/ mag/ni/ fi /ca	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Que a/ ma/ga/ na/tu/re/za aos/ o/lhos/ des/cor/ ti /na/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
E/“ mi/nha al/ma/ tam/bém/! nem/ um/ só/ pei/to a/ mi /go/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Com/par/te a/ dor/ a/troz/ que as/ ve/zes/ me/ do/ mi /na/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Outr/“ora, i/nex/pe/ri/en/te/, jul/guei a/char/ no/ mun /do/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Um“al/ma ir/mã/ da/ mi/nha/, que a/ mi/nha/ com/pr“en/ des /se/!...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Mas/ foi/ de/li/rio/ vão/ da/ men/te em/be/ve/ ci /da/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Mi/ra/gem/ do/ de/ser/to, e/ – co/mo/ tal/ – des/ fez /-se/!...	B

1879.

**A MEU QUERIDO IRMÃO
ANTONIO PINDAHYBA
NO DIA DE SEUS ANOS**

Aceita os votos meus nunca manchados
Por vil adulação!
Quando minh^a alma os escreveu, a penna,
Molhou no coração! –
LAURINDO RABELLO.

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
A/ ti/, que/ri/do ir/mão/, no/ di/a/ dos/ teus/ **an/nos**/, A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Um/ mi/mo/ pre/cio/so/ qui/ze/ra of/fe/re/**cer**/: B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Pa/ra/ cin/gir/-te a/ fron/te u/ma/ gri/nal/da, ao/ **me/nos**/ A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
De/ per/fu/mo/sas/ flo/res/ qui/ze/ra en/tre/**te**/cer/. B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Mas/, ah!/ Sou/ po/bre/zi/nha! As/ joi/as/ da/ ri/**que**/za/ A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Não/ po/dem/ de/ mi/nh^a alma os/ vo/tos/ ex/pres/**sar**!/ B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
No a/ri/do/ ter/re/no/ da/ mi/nha in/tel/li/**gen**/cia/ C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Tam/bém/ uma/ flo/ri/nha/ não/ po/de/ ger/mi/**nar**!/ B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
Taes/ mei/os/ me/ fal/le/cem/: só/ res/ta/-me um/ the/**sou**/ro/ A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
De/ cren/ças/ na/ minh^a alma/, de a/mor/ no/ co/ra/**ção**/; B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
E^s/ d^eel/le/ que/ des/pren/do um/ fra/ter/nal/ a/**bra**/ço/ C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Que/ sau/do/sa/ te en/vio/ nos/ ais/ da/ vi/ra/**ção**!/ B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
A/co/lhe o/ po/bre/ mi/mo/ da ir/mã/ que/ te es/tre/**me**/ce/ A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Co/mo ao/ ro/cí/o a/ flor/, a/ bor/bo/le/ta à/ **luz**!/ B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
- Que/ se/jas/ ven/tu/ro/so! – é/ es/te o/ meu a/**nhe**/lo/, C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Que/ sen/te o/ co/ra/**ção**/ e a/ pe/na/ mal/ tra/**duz**!/... B

9 de fevereiro de 1879.

**MEUS OITO ANOS
IMITAÇÃO**

-Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!-
C. DE ABREU

1 2 3 4 5 6 7 Oh! que/ sau/da/des/ que eu/ te /nho/	A
1 2 3 4 5 6 7 Do al/vo/re/cer/ da e/xis/ ten /cia/	B
1 2 3 4 5 6 7 D ^{es} /sa/ qua/dra/ de in/no/ cen /cia/,	B
1 2 3 4 5 6 7 Que/ não/ vol/ta/rá/ ja/ mais /!	C
1 2 3 4 5 6 7 Que a/mor/, que/ so/nhos/, que/ flo /res/,	D
1 2 3 4 5 6 7 N ^a /quel/las/ tar/des/ a/ me /nas/,	E
1 2 3 4 5 6 7 Ao/ cho/rar/ das/ can/ti/ le /nas/	E
1 2 3 4 5 6 7 Da/ ro/la/, nos/ la/ran/ ja /es/!	C
1 2 3 4 5 6 7 Co/mo/ são/ bel/los/ os/ di /as/	A
1 2 3 4 5 6 7 Da/ vi/da/ na/ do/ce au/ ro /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 De/ pra/zer/ a/ al/ma/ cho /ra/	B
1 2 3 4 5 6 7 Co/mo as/ flo/res/ da/ ma/ nhã /!	C
1 2 3 4 5 6 7 O/ mar/ é/ – la/go/ se/ re /no/,	D
1 2 3 4 5 6 7 O/ céu/- um/ man/to/ de/ ro /sa/,	E
1 2 3 4 5 6 7 O/ mun/do/- vir/gem/ for/ mo /sa/	E
1 2 3 4 5 6 7 A/ vi/da- um/ beijo/ de ir/ mã /!	C
1 2 3 4 5 6 7 Que au/ro/ra/, que/ sol/, que/ vi /da/,	A
1 2 3 4 5 6 7 Que/ noi/tes/ chei/as/ de en/ can /tos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 N ^a /quel/les/ ri/so/nhos/ can /tos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 N ^a /quel/le in/ge/nuo/ fol/ gar /!	C
1 2 3 4 5 6 7 O/ céu/- a/zul/ de/ sa/ fi /ras/,	D

1 2 3 4 5 6 7 A/ ter/ra/-ver/gel/ flo/ ri /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7 As/ on/das/-an/jo a/dor/ mi /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7 Ba/nha/do/ pe/lo/ lu/ ar /!	C
1 2 3 4 5 6 7 Oh!/ di/as/ da/ mi/nha in/ fan /cia/	A
1 2 3 4 5 6 7 Oh!/ pri/ma/ve/ra/ di/ to /sa/!	B
1 2 3 4 5 6 7 Que/ do/ce/ vi/da/ se/ go /sa/	B
1 2 3 4 5 6 7 Quan/do é/ pu/ro o/ co/ra/ ção /!	C
1 2 3 4 5 6 7 Em/ vez/ das/ ma/goas/ d ^a / go /ra/,	D
1 2 3 4 5 6 7 Eu/ ti/nha/ n ^{es} /sas/ ven/ tu /ras/	E
1 2 3 4 5 6 7 Do a/mor/ de/ mãe/ as/ do/ çu /ras/,	E
1 2 3 4 5 6 7 -Ca/ri/cias/ de/ meu/ ir/ mão /!	C
1 2 3 4 5 6 7 Tra/ves/sa/ fi/lha/ dos/ cam /pos/	A
1 2 3 4 5 6 7 -Fe/liz/ co/mo u/ma/ ra/ i /nha/-	B
1 2 3 4 5 6 Ia/ cor/ren/do/, so/ zi /nha/	B
1 2 3 4 5 6 7 Na/ li/sa/ prai/a/ brin/ car /!	C
1 2 3 4 5 6 7 Guar/da/va as/ con/chas/ no/ sei /o/...	D
1 2 3 4 5 6 7 Pai/ra/va a/ fa/zer/ cas/ tel /los/,	E
1 2 3 4 5 6 7 Tão/ in/no/cen/tes/, tão/ bel /los/,	E
1 2 3 4 5 6 7 Que/ já/mais/ hei/ de ol/vi/ dar /!	C
1 2 3 4 5 6 7 N ^a /a/quel/les/ tem/pos/ di/ to /sos/	A
1 2 3 4 5 6 7 Eu/ con/ver/sa/va/ c ^{as} / flo /res/;	B
1 2 3 4 5 6 7 Ia/ as/ a/zas/ mul/ti/ co /res/	B
1 2 3 4 5 6 7 Da/ bor/bo/le/ta/ se/ guir /...	C

1 2 3 4 5 6 7	
Ou/vi/a/ can/tos/ de/ fa /das/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
Da/ noi/te os/ as/tros/ fi/ tan /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
A/dor/me/ci/a/ can/ tan /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
E/ des/per/ta/va a/ sor/ rir /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Oh!/ que/ sau/da/des/ que/ te /nho/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Do al/vo/re/cer/ da e/xis/ ten /cia/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
D ^{es} /sa/ qua/dra/ de in/no/ cen /cia/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ não/ vol/ta/rá/ ja/ mais /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Que a/mor/, que/ so/nhos/, que/ flo /res/,	D
1 2 3 4 5 6 7	
N ^a /a/quel/las/ tar/des/ a/ me /nas/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
Ao/ cho/rar/ das/ can/ti/ le /nas/	E
1 2 3 4 5 6 7	
Da/ ro/la/, nos/ la/ran/ jais /!	C

1878.

MEU ANJO INSPIRADOR

“... gosto amargo de infelizes,
]Delicioso pungir de acérbo espinho”
ALMEIDA GARRETT

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Meu/ an/jo ins/pi/ra/dor/ aos/ la/bios/ **ne**/ga A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Os/ mi/mo/sos/ sor/ri/sos/ as/ ven/**tu**/ra/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Den/sa/ nu/vem/ a/ fron/te/ lhe/ car/**re**/ga/ A

1 2 3 4 5 6
De/ pe/sa/da/ tris/**tu**/ra!/ B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Meu/ an/jo ins/pi/ra/dor/ é/ ma/ci/**len**/to/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Co/mo um/ rai/o/ de/ luz/ cre/pus/cu/**lar**/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tem/ um/ mun/do/ de/ dor/ e/ sen/ti/**men**/to/ A

1 2 3 4 5 6
No/ seu/ lan/gui/do o/**lhar**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O/ pu/ris/si/mo/ sei/o/ não/ lhe/ **co**/bre/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Um/ man/to/ ru/til/lan/te/ de/ es/**plen**/dor/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mas/ lhe/ bri/lham/ gen/tis/ na/ fa/ce/ **no**/bre/ A

1 2 3 4 5 6
As/ pe/ro/las/ do a/**mor**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Meu/ an/jo ins/pi/ra/dor/ não/ se es/pa/**ne**/ja/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Aos/ vi/vi/dos/ cla/rões/ do/ rei/ do/ **di**/a/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Pro/fun/do/ scis/ma/dor/- mais/ li/vre a/**de**/ja/ A

1 2 3 4 5 6
Na es/cu/ri/dão/ som/**bri**/a/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Não/ lhe/ vi/bra/ na/ voz/ o/ rai/o ar/**den**/te/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Da e/lo/quen/cia/ que os/ â/ni/mos/ se/**duz**/: B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Co*o/ fle/bil/ sô/pro a/ vi/ra/ção/ plan/**gen**/te/ A

1 2 3 4 5 6
Su/as/ fal/las/ tra/**duz**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Meu/ an/jo ins/pi/ra/dor/ não/ e en/fei/ ti /ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Dos/ per/fu/mes/ da/ ro/sa/ ma/tu/ ti /na/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-El/le/ quer/ mais/ à/ pal/li/dez/ mor/ ti /ça/	A
1 2 3 4 5 6	
Do/ ly/rio/ que/ de/ cli /na/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Meu/ an/jo ins/pi/ra/dor/ é/ gran/de, im/ men /so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo um/ hym/no/ de a/mor/ e/ de a/mi/ sa /de/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vi/ve em/ meu/ co/ra/ção/- pro/fun/do, in/ ten /so/,	A
1 2 3 4 5 6	
E/ cha/ma/-se/ -Sau/ da /de/!...	B

4 de maio de 78.

ALICE

(IMPRESSÕES DE LEITURA)

Da rocha não golpou um jacto d'agua...
Que podesse reanimar-lhe a vida prestes de
Extinguir-se!...

JULIO VERNE (VIAGEM AO CENTRO DA TERRA).

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/bal/de op/poz/ A/li/ce/ re/sis/ ten /cia/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ é/ for/te em/ lu/tar/ con/tra a/ des/ gra /ça/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Des/co/ra. O/ sen/ti/men/to/ da e/xis/ ten /cia/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
(D'es/ta e/xis/ten/cia/ fu/gi/ti/va, es/ cas /sa/),	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Per/de/.. do/ mal/ a/ bru/ta/ vi/o/ len /cia/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ce/den/do; e/ cahe/ por/ ter/ra- i/ner/te/ mas /sa/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ seus/ la/bios/ ar/den/tes/, res/se/ qui /dos/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Já/ se/ não/ ou/vem/ tre/mu/los/ ge/ mi /dos/...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ se/de! a/ se/de! pe/sa/de/lo hor/ ri /vel!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quem/ po/de/ re/a/gir/ con/tra o/ seu/ dom /no/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ ge/nio/ per/ti/naz/, que a/ni/mo in/ cri /vel/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Com/ va/lor/ nun/ca/ vis/to/, so/brehu/ ma /no/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Re/sis/te ao/ seo/ tor/men/to ir/re/sis/ ti /vel?	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Fo/go a/teia/do/ so/bre o/ pei/to/ hu/ ma /no/-	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ cal/ci/na, a/ni/quil/la, a/fo/ga, es/ ma /ga/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Si/ u/ma/ got/ta/ vi/al/ lh'o/ não a/ pa /ga/?	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/ so/bre um/ so/lo as/per/ri/mo/, co/ ber /to/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ pe/da/ços/ de/ la/va e/ de/ gra/ ni /to/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cor/re/ra a/ des/di/to/sa: al/li/, de/ cer /to/,	A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nin/guem/ lhe/ ou/vi/ra o/ der/rei/ro/ gri /to/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ foi/ el/la/ bus/car/ nes/se/ de/ ser /to/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Er/mo/, tão/ lon/go as/sim/, qua/se in/fi/ ni /to/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nin/guem/ o/ sou/be ao/ cer/to: e/ só/ se/ dis /se/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que um/ ge/nio/ sin/gu/lar/ gui/a/ra A/ li /ce/...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Foi/ sem/ du/vi/da o/ ge/nio/ da/ tris/ te /za/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quem/ lhe/ gui/ou/ os/ pas/sos/ du/vi/ do /sos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ do a/bys/mo/ fa/tal/ na/ pro/fun/ de /za/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fez/-lhe an/te/ver/ mo/men/tos/ ven/tu/ ro /sos/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sar/cas/ti/ca ir/ri/são/ da/ na/tu/ re /za/-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ se/ nu/tre/ de/ pran/tos/ a/mar/ go /sos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Es/se/ ge/nio/ fa/tal/ to/cou/-lhe a/ fron /te/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ nas/ tre/vas/ lhe a/brio/-no/vo ho/ri/ son /te/.	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E a/ des/gra/ça/ foi/; se/gui/o/ er/ ran /te/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lon/ge/ do/ céo/, da/ luz/, do/ mar/, das/ flo /res/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ca/mi/nha os/cil/la/... cahe/; pro/se/gue o/ van /te/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/bra a/ mu/dez/ de/ lon/gos/ cor/re/ do /res/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ não/ re/ce/bem/ luz/ do/ sol/ bri/ lhan /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/ o/ cla/rão/ de e/lec/tri/cos/ ful/ go /res/...,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Lá/ bem/ no/ fun/do, ó/ cren/ça/ mal/ se/ gu /ra/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Jul/ga a/ce/nar/-lhe em/ ri/sos/ a/ ven/ tu /ra/!...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vi/são/ bel/la/, mas/ per/fi/da/ so/ lem /ne/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pro/mes/sa/ vã/ do/ fa/do/, a/ mo/ te /jar/!	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ fon/te/ de/ ven/tu/ra, al/va/, pe/ ren /ne/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ pó/de/ a/ tris/te os/ lá/bios/ or/ va /lhar/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
So/nhou/ com/ flo/res/, mas/ tu/fão/ in/ fre /ne/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
As/ bo/ni/nas/ rom/peo/-lhe/, ao/ des/ per /tar/!	B
1 2 3 5 6 7 8 9 10	
- E" as/sim/ que/ de/pois/ de/ lon/go es/ pa /ço/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ca/he A/li/ce/, de/ sê/de e/ de/ can/ sa /ço/!...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tal/vez/ bem/ per/to/ del/la u/ma/ tor/ ren /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fa/ça/ jor/rar/ as/ a/guas/ a/bun/ dan /tes/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Uns/ mur/mu/rios/ que/ so/am/ va/ga/ men /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
São/ aos/ d"agua/ que/ cor/re/ se/me/ lhan /tes/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/ não/ po/dem/ ma/tar/-lhe a/ sê/de ar/ den /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ lhe es/bra/ze/ia os/ la/bios/ di/li/ ran /tes/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-U/ma/ fa/tal/, gra/ni/ti/ca/ bar/ rei /ra/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ve/da/-lhe a/ fon/te/ que/ sor/ri/ fa/ guei /ra/!	C

Junho 79.

**ANTE O CADAVER
DE
UMA CRIANCINHA**

“- Rosa tocada do cruel granizo-
Cedo finou-se e no infantil sorriso
Passou do berço p’ra brincar no céu!”-
C. DE ABREU.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Quan/to in/ve/jo/, Ma/ri/a, a/ tu/a/ sor /te/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo/ é/ do/ce o/ as/pec/to/ da/ mor /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 No/ teu/ pu/ro/ sem/blan/te a/ re/flec/ tir /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 An/jo/! Vo/as/te aos/ pa/ra/mos/ si/ de /reos/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Sem/ do/ mun/do/ nos/ char/cos/ de/le/te/ rios /	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ bran/cu/ra/ da/ ves/te/ pol/lu/ ir /!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Oh/! di/to/sa/ me/ni/na/! Bel/la e/ pu /ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Can/di/do/ ly/rio/ de/ ne/va/d’al/ vu /ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 En/tre os/ goi/vos/ da/ mor/te a/ re/pou/ sar /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Re/pou/sa, e/ter/na/men/te a/dor/me/ ci /da/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 As/ il/lu/sões/ d’es/ta en/ga/no/sa/ vi /da/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Não/ po/de/rão/ teu/ som/no/ des/per/ tar /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ja/ que ain/da/ em/ bo/tão/- flôr/ d’al/vo/ ra /da/-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Fos/te a/brir/ a/ co/rol/la/ per/fu/ ma /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 En/tre as/ flo/res/ ce/les/tes/ lá/ do Em/ py /rio/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tú/, que/ pi/sas/ da/ glo/ria o/ so/lo au/ gus /to/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ma/ria!/ o/ra/ por/ mim/.. que ar/ras/to à/ cus /to/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ao/ meo/ cal/vá/rio o/ le/nho/ do/ mar/ ty /rio/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Bem/ vês/... o/ teu/ pal/lor/ não/ me hor/ro/ ri /sa/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

Eu/ sin/to/ que a/ mi/nh ^o /al/ma/ sym/pa/ thi /sa/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
Co ^o /a/ mor/tal/ ri/gi/dez/ dos/ mem/bros/ teos ! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Oh!/ quem/ me/ de/ra/, cân/di/da a/ve/ si /nha/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
Que/ pre/sa às/ tu/as/ a/zas/-fos/se a/ si /nha/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
Mi/nh ^o /al/ma es/vo/a/çar/ aos/ pés/ de/ Deos /. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B

1879.

RECUERDO

-Oh! minha infancia querida!
Oh! doce quartel da vida,
Como passaste depressa!
F. VARELLA.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ai! que a/cer/ba/ lem/bran/ça/ do/ pas/sa/do/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que a/gra/ sau/da/de/, lan/ci/nan/te/, vi/va/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 D'es/se/ tem/po/ ri/so/nho e/ so/ce/ga/do/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Em/ que/ não/ so/pram/ ven/tos/ ru/gi/do/res/!...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ra/ tão/ lin/da a/ mat/ta/ de/ bo/ni/nas/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 On/de eu/ va/ga/va/ co/mo a/ bor/bo/le/ta/,	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ro/de/a/da/ de/ cân/di/das/ me/ni/nas/	D
1 2 3 4 5 6 Cei/fan/do as/ bran/cas/ flo/res/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tão/ for/mo/sas/ as/ tar/des/ qu'eu/ pas/sa/va/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A' som/bra/ da/ flo/ri/da/ la/ran/gei/ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ brisa/ so/bre/ mim/ se/ de/sa/ta/va/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 N'u/ma/ chu/va/ de/ pe/ta/las/ mi/mo/sas/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 N'es/se/ pu/ro/, bal/sa/mi/co am/bi/en/te/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Se/ des/li/sa/va a/ vi/da/ mais/ li/gei/ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 O/ sol/ a/dor/me/ci/a/ do oc/ci/den/te/	D
1 2 3 4 5 6 Nas/ on/das/ va/po/ro/sas/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Vol/via/ pa/ra/ ca/sa./ En/tão,/ quei/xo/so/	A
1 2 3 3 4 5 6 7 8 9 10 O/ si/no/ mo/du/la/va/-A/ve/ Ma/ria/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E a/ vo/vo/si/nha em/ tom/ ca/den/ci/o/so/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Re/za/va/ san/ta/men/te... e/ra/ tão/ bôa/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De/pois/... sur/gi/a a/ lu/a/ bran/ca e/ lin/da/	D

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
N^oum/ hoo/ri/zon/te am/pis/si/mo/, se/re/no/, E

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Nós/ i/a/mos/ brin/car/ (lem/bro/-me a/in/da/) B

1 2 3 4 5 6
A/“bei/ra/ da/ la/gô/a/. C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Quan/tas/ ve/zes/ na/ prai/a/ que eu/ cor/ri/a/! A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Quan/tas/ con/chi/nhas/ a/pa/nhei/ n^oa/rei/a/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E o/ céo,/ o/ la/go, e/ tu/do/ me/ sor/ri/a/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Ao/ pra/zer/ in/fan/til/ do/ pen/sa/men/to/... C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/ra/ tão/ bel/lo/ n^oa/gua/ tre/mu/lan/do/ D

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/ lu/a em/ mil/ pa/lhe/tas/ di/vi/di/da/! E

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mi/nh^oal/ma/ de/ cre/an/ça/ ia/ can/tan/do/ D

1 2 3 4 5 6
Das/ a/guas/ ao/ la/men/to/! C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/deos/! bel/la es/ta/ção/ da/ mi/nha in/fan/cia/! A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
-Cri/an/ça/ lou/ra em/ ba/nho/ crys/tal/li/no/- B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Ro/sa/ de/ su/a/vis/si/ma/ fra/gan/cia/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Pe/las/ gar/ras/ do/ tem/po/ des/fo/lha/da/! C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Car/pe a/ rô/la/ sau/da/des/ do/ seo/ ni/nho/: B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eu,/ as/ flo/ri/nhas/ que/ co/lhi/ ou/tr^o/ra/ D

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Da/ do/ce/ pri/ma/ve/ra/ no/ ca/mi/nho/ B

1 2 3 4 5 6
Da in/fan/cia a/ben/ço/a/da/! C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/deos/!... tu/do/ pas/sou/... Res/ta a/ lem/bran/ça/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
D^oes/ses/ d^ou/tr^o/ra/ cân/di/dos/ a/mo/res/: B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Dos/ brin/cos/ ao/ lu/ar/, na/ noi/te/ man/sa/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Na/ fres/ca es/tei/ra/, - sob/ os/ la/ran/ja/es/!... C

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Ai! que/ tris/te/za/ que a/ mi/nh ^h al/ma in/va/de/										B	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Ao/ qua/dro/ vi/vo/ do/ pas/sa/do in/tei/ro/!										D	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Cor/re/-me o/ pran/to/ de/ cru/el/ sau/da/des/										B	
						1	2	3	4	5	6
A/deos/!... não/ pos/so/ mais/!...											C

1879.

AO RELENTO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
U/ma/ noi/te/, meu/ Deos/! Que/ noi/te/ ma /ga/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ fi/cou/-me im/pres/sa/ na/ lem/ bran /ça/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
In/da/ pa/re/ce/ que a/ mi/nha al/ma a/ la /ga/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ luz/ do/ seu/ lu/ar/ su/a/ve e/ man /sa/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ sin/to a/in/da a/ vi/ra/ção/ tre/ men /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ce/, ma/cia/, em/ té/pi/dos/ ba/ fe /jos/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mur/mu/rar/-me ao/ ou/vi/do/ do/ce/ men /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo o/ ci/cí/o/ de a/mo/ro/sos/ bei /jos/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ fren/te- o/ la/go/ pla/ci/do/, se/ re /no/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/tre os/ bra/ços/ da/ noi/te a/dor/me/ ci /da/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/do ao/ lon/ge es/cu/tei/ sau/do/so, a/ me /no/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ can/to/ de/ pun/gen/te/ me/lo/ di /a/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 10	
O/lhei em/ ro/da; a/ fa/ce/ da/ la/ gô /a/	A
1 2 3 4 5 6	
Dor/men/te/, pre/gui/ ço /sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fri/sa/va/ le/ve/men/te u/ma/ co/ rô /a/	A
1 2 3 4 5 6	
Pas/san/do/ va/ ga /ro/sa/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ou/vi/am/-se as/ re/ma/das/ suc/ces/ si /vas/,	A
1 2 3 4 5 6	
Que em/ tom/ can/den/ci/o/so,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tra/ça/vam/ n ^a /gua es/phe/ras/ fu/gi/ ti /vas/,	A
1 2 3 4 5 6	
De/ bri/lho/ va/po/ ro /so/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ pas/sa/gei/ro/ só/. Vul/to e/le/ gan /te/	A
1 2 3 4 5	

	Al/ti/vo/, ge/ ni /al/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Mu/lher/, - deu/sa/ tal/vez/..., vi/são/ bri/ lhan /te/	A	
1 2 3 4 5		
D ^o um/ so/nho o/ri/ en /tal/	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
An/jo/, quem/ sa/be?.. ou/ pal/li/da/ don/ zel /la/,	A	
1 2 3 4 5		
Ves/tal/ da/ so/ li /dão/-	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9		
El/la/ can/ta/va: e a/ voz/ sua/ve/ del/la/	A	
1 2 3 4 5		
Fal/la/va ao/ co/ ra /ção/!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
E/ can/ta/va a/ don/ zel /la, ao/ som/ plan/ gen /te/	A	
1 2 3 4 5 6		
Da/ ly/ra/ de/ mar/ fim /,	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Um/ can/to/ que/ so/a/va/ tris/te/men/te/	A	
1 2 3 4 5 6		
E/ que/ di/zi/a as/ sim /:	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
“Não/ cui/des/ nun/ca/ que/ te/rás/ na/ vi /da/	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Mais/ pu/ro af/fec/to/, mais/ sin/ce/ro a/ mor /!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Por/ tí/ ou/tr ^o /ra/ não/ ve/rás/, sen/ ti /da/,	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Ge/mer/ nas/ an/cias/ de/ tão/ cru/a/ dor /!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
A/mei/-te/ mui/to!.. e/ des/te a/mor/ su/ bli /me/	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Só/ ti/ve em/ tro/ca a/ fei/a in/dif/fe/ ren /ça/!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Pla/ta/no al/ti/vo/-não/ qui/zes/te ao/ vi /me/	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Ce/der/ a/bri/go a/ tu/a/ som/bra im/ men /sa/!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Per/gun/ta a/ ro/sa/ que a/bri/lhan/ta o/ pra /do/,	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Ao/ bran/co/ ly/rio/ que em/bal/sa/ma a/ vei /ga/;	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Por/ quem/ meu/ pei/to/ ba/te e/na/mo/ ra /do/,	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Da/ mi/nha/ ly/ra/ quem/ os/ sons/ a/ mei /ga/?	B	

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Di/ze, ó/ fon/ti/nha/ so/li/tá/ria e/ tris /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ cu/jas/ a/guas/ mis/tu/rei/ meu/ pran /to/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ do/ce/ no/me/ re/pe/tir/ me ou/ vis /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/ quem/ mi/nh ^o /al/ma/ sus/pi/ra/va/ tan /to/?...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Oh!/ Sim!/ Eu/ te a/mo/ co/mo à/ bri/sa as/ flo /res/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo a/ cre/an/ça o/ ma/ter/nal/ ca/ ri /nho/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Es/trel/la!/ Dei/ta/ nes/te/ chão/ de hor/ ro /res/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ rai/o ao/ me/nos/ so/bre o/ meu/ ca/ mi /nho/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/ tu/ me o/dei/as/ qual/ se/nho/ra al/ ti /va/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ tris/te es/cra/va/ que/ lhe/ deu/ a/ sor /te/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E a/ ca/da/ pro/va/ de af/fei/ção/ mais/ vi /va/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cru/el/ me/ dás/ u/ma af/flic/ção/ mais/ for /te/!...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/to/ pa/de/ço, ó/ Deos!/ Do/ sol/ po/ en /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ba/nhan/do a/ ter/ra em/ lan/gui/dos/ ful/ go /res/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Es/sa/ tris/te/za/ que a/ mi/nha al/ma/ sen /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/vul/ta/, cres/ce, às/ pe/re/gri/nas/ cô /res/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ qual/ do es/pa/ço/ a/ vas/ti/dão in/ fin /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ gran/de; e/ fun/da/ co/mo o/ mar/ sem/ ter /mos/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ sol/ po/de/ra a/ca/len/tar/-me a/ in /da/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bri/lhar/ d ^o /es/t ^o /al/ma/ nos/ som/bri/os/ er /mos/?!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tú!/... que/ ja/mais/ pos/su/i/rás/ na/ vi /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mais/ san/to af/fec/to/, mais/ sin/ce/ro a/ mor /!	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Por/ quem/ ou/tr*al/ma/ não/ ve/rás/ par/ti/da/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Nas/ an/cias/ lou/cas/ de/ ta/ma/nha/ **dor**/!... B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Pal/li/da/ lu/a/ que/ no/ céu/ al/ve/jas/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Tris/te/ ra/i/nha/ d*es/se a/zul/ sem/ **fim**! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Bri/sa/ da/ noi/te/, que/ sub/til/ ba/fe/jas/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
 Oh!/ não/ lhe/ di/gas/ q*eu/ pa/de/ço as/**sim**/!!.. B

1879.

MEU NOIVO

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
Meu/ noi/vo/, és/ mui/to a/má/vel/, mas/ ex/cen/tri/cos; A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
Tens/ um/ sor/rir/ ge/la/do/, in/dif/fe/ren/te/... B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
Com/tu/do/ és/ lin/do as/sim/: a/mo/-te/ **mui/to/** C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
E/ sus/pi/ro/ por/ ti/ con/ti/nu/a/**men/te/**. B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Quan/do/, - pas/sa/da a/ tor/men/to/sa/ **li/de/** A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Em/ que/ s'im/mer/ge o es/pi/ri/to/ can/sa/do/, B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E o/ po/bre/ co/ra/ção/ que/ ge/me af/**flic/to/** C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Se a/dor/me/cer/ n'um/ som/no/ so/ce/**ga/do/**; B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
En/tão/, trans/pon/do es/ta/ fa/tal/ bar/**rei/ra/** A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que/ nos/ se/pa/ra/, ó i//do/lo/ que/**ri/da/!** B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
I/rei/ de/por/ na/ tua/ fron/te/ pal/**li/da/** B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Um/ bei/jo ar/den/te/, lon/go, es/tre/me/**ci/do/!..** C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mi/nh'al/ma/ te/ de/se/ja/; só/ tu/ **po/des/** A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
Ar/re/ba/tar/-me ás/ mãos/ da/ des/ven/tu/**ro/sa/**, B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Ven/cer/ as/ i/ras/ do/ tu/fão/ me/**do/nho/**, C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que/ fez/-me a/ noi/te im/men/sa/men/te es/**cu/ra/**. D
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O/lha: á/ tar/di/nha/, quan/do o/ sol/ no oc/ca/so/ A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/ su/a/ luz/ af/frou/xa/ do/ce e/ **lin/da/**, B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Meu/ pen/sa/men/to/ pa/ra/ ti/ re/**vô/a/**, C
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Ba/la/-me o/ pei/to u/ma/ sau/da/de in/**fin/da/!** B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Oh! Vem! não/ tar/des/! eu/ pa/de/ço/ **mui/to/**, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nha/ fron/te/ se/ cur/va, o/ sei/o/ cho /ra/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ mui/ta/ vez/ tam/bem/ re/cu/sa o/ pran /to/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Su/a/vi/sar/ a/ dor/ que/ me/ de/ vo /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ha/ nes/te/ mun/do/ tan/ta/ dor/ pun/ gen /te/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tan/to/ ver/du/go/ vil/ d`u/ma al/ma/ no /bre/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tan/ta/ ser/pe a/ dor/mir/ por/ en/tre as/ flo /res/...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Va/so/ dou/ra/do/ que o/ ve/né/no en/ co /bre/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Le/va/-me a um/ mun/do/ mais/ for/mo/so e/ pu /ro/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8	
Em/ ti/ con/fio/, sim/, por/que/ me a/mas/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ te es/pe/ro an/cio/sa/... oh!/ Vem/ li/ gei /ro/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tu/, meu/ noi/vo/, que/- tu/mu/lo/-te/ cha /mas/!	B

1879.

A'MINHA ESTRELLA

-Abre o seio de perola... transpira
Esse raio de luz que a mente inflamma
Esse raio de luz que ungio minh'alma
No meu peito derrama!-
A. DE AZEVEDO.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Oh! mi/nha es/trel/la/, meu/ a/mor/ pri/ mei /ro,	A
1 2 3 4 5 6	
Por/que as/sim/ me/ fu/ gis /te/?..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vê:/ o/ céo/ de/ mi/nh'al/ma, em/ tu/a au/ sen /cia/,	C
1 2 3 4 5 6	
Co/mo/ é es/cu/ro e/ tris /te/!...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ som/brio ho/ri/zon/te/ da/ po/e/ ti /sa/	A
1 2 3 4 5 6	
Vem/ scin/til/lar/ a/ go /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ao/ quen/te/ bri/lho/ de/ teus/ rai/os/ ful /vos/	C
1 2 3 4 5 6	
Mi/nh'al/ma/ se/ vi/ go /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Foi/ por/ ti/ que/ mais/ vi/vo/ no/ meu/ pei /to/	A
1 2 3 4 5 6	
O/ co/ra/ção/ pul/ sou /...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tú/ me a/fi/nas/te a/ ly/ra/ sus/pi/ ro /sa/	C
1 2 3 4 5 6	
A/mor/!.. n'al/la/ vo/ ou /!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ sei/ que/ tem/ o/ céo/ mi/lhões/ de es/ trel /las/,	A
1 2 3 4 5 6	
Mil/ flo/res/ o/ jar/ dim /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/, a/ ne/nhu/ma es/trel/la, a/ flor/ ne/ nhu /ma/	C
1 2 3 4 5 6	
Vol/tei/ a/mor/ as/ sim /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E' por/ ti/ que/ me/ fer/vem/ mil/ i/ de /as	A
1 2 3 4 5 6	
Na/ fron/te/ pen/sa/ ti /va/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E' por/ ti/ que/ des/can/ta a/pai/xo/ na /da/	C
1 2 3 4 5 6	
Mi/nh'al/ma/ sen/si/ ti /va/!	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ não/ vens/ dis/si/par/ da/ mi/nha/ noi /te/	A
1 2 3 4 5 6	
A um/bro/sa es/cu/ri/ da /de/!...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/, se/ teus/ bel/los/ ra/ios/ não/ m ^{ns} /ins/ pi /ram/	C
1 2 3 4 5 6	
Ins/pi/ra/-me a/ – sau/ da /de/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Oh! Quem/ ja/mais/ te of/fer/ta/rá/ tão/ pu /ro/	A
1 2 3 4 5 6	
Um/ mun/do/ de af/fei/ ções /?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quem/ sen/ti/rá/ ao/ teu/ su/a/ve in/ flu /xo/	C
1 2 3 4 5 6	
Mais/ do/ces/ e/mo/ ções /?!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ di/a/ m ^{ns} /en/vol/ves/te/ mei/ga/ men /te/	A
1 2 3 4 5 6	
N ^o um/ do/ce/ scin/til/ lar /...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E o/ po/bre/ co/ra/ção/- de af/fec/tos/ lou /co/-	C
1 2 3 4 5 6	
Ren/deu/-se ao/ teu/ o/ lhar /.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fu/gis/te/-me/ de/pois/... n ^o ou/tro ho/ri/ zon /te/	A
1 2 3 4 5 6	
O/ bri/lho/ teu/ ful/ gu /ra/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E o/ pen/sa/men/to/ meu/ can/sa/do, af/ flic /to/,	C
1 2 3 4 5 6	
De/bal/de/ te/ pro/ cu /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Oh! Vem/!... sem/ ver/-te/ no/ seu/ céo/ de a/ mo /res/	A
1 2 3 4 5 6	
Des/mai/a a/ po/e/ ti /sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tão/ tris/te/ co/mo a ho/ra/ do/ cre/pus/ cu /lo/	C
1 2 3 4 5 6	
Na/ tar/de/ que a/go/ ni /sa/!...	B

MINHA ALMA E' TRISTE
A' MINHA AMIGA, A EXM^a. SENR^a
D. AURORA CORREIA DA SILVA

Dizem que ha gosos no correr da vida
 Só eu não sei em que o prazer consiste!
 No amor, na gloria na mundana lida,
 Foram-se as flores - a minh^a alma é triste!-
 C. DE ABRU

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^a /al/ma é/ tris/te/ co/mo o/ som/ ma/goa/do	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De har/pa/ sau/do/sa/ que o/ pe/zar/ tra/duz/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Qual/ no/ de/ser/to, ao/ vi/a/jar/ can/ça/do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mu/da, al/ve/jan/do a/ so/li/ta/ria/ cruz/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^a /al/ma é/ tris/te/ co/mo o/ sil/vo a/gu/do/ /	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que o/ ven/to/ ge/me/ no/ man/gal/ som/bri/o;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/, em/ rui/nas/, o/ cas/tel/lo/ mu/do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ luz/, de/ flo/res/, de/ ca/lor/ va/si/o!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^a /al/ma é/ tris/te/ co/mo a/ luz/ do/ cy/rio	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Qua/se/ e/xa/lan/do o ul/ti/mo/ lam/pe/jo/..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E ^a /co/mo a/ or/phã/ que em/ fe/bril/ de/ly/rio	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
As/ ve/zes/ so/nha/ com o/ ma/ter/no/ bei/jo/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^a /al/ma é/ tris/te/ co/mo é/ tris/te a/ si/na/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ quem/ na/ dor/ a ins/pi/ra/ção/ be/beu/..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Ly/rio/ que, à/ tar/de/, quan/do o/ sol/ de/cli/na/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pal/li/do e/ mur/cho/ pa/ra o/ chão/ pen/deu/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^a /al/ma é/ tris/te/ co/mo a/ de/bil/ vir/gem/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cê/do/ ver/gan/do ao/ tem/po/ral/ da/ sor/te/..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo o/ si/len/cio/ da/ fe/ral/ ca/li/gem/,	A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Que al/ti/vo im/pe/ra/ na/ man/são/ da/ **mor**/te/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Mi/nh^o/al/ma é/ tris/te/ co/mo o/ so/lo ar/**den**/te/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Nos/ in/vios/ tri/lhos/ do/ ser/tão/ sem/ **no**/me/: B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Co/mo o/ so/lu/ço/ de u/ma/ voz/ plan/**gen**/te/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Pe/din/do es/mo/la/ p^o/ra/ ma/tar/ a/ **fo**/me/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Mi/nh^o/al/ma às/ ve/zes/, - cre/an/ci/nha/ **to**/la/- A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Brin/ca/ d^o/au/ro/ra/ com o/ ro/sa/do/ **man**/to/.. B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Brin/ca in/no/cen/te/, qual/ no/ ní/nho a/ **ro**/la/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
De/pois/... de/sa/ta/ em/ ma/goa/do/ **pran**/to/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
E^o/ que u/ma/ ro/sa/ nos/ jar/dins/ da/ **ter**/ra/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Mi/nh^o/al/ma/ tris/te/ nem/ se/quer/ co/**lhêo**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
E^o/, pois/, dei/xan/do/ quan/to o/ mun/do en/**cer**/ra/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Bus/ca ou/tra/ pa/tria/ mais/ fe/liz/: - o/ **céo**/!.. B

Junho de 79.

PRESENTIMENTO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ tens/, meo/ co/ra/ção/, que/ sof/fres/ tan /to/?	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ in/ti/mo/ pe/zar/ te/ di/la/ ce /ra/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mais/ u/ma/ vez/, na/ sor/te/ que/ te es/ pe /ra/-	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pre/sen/tes/ o/ cor/rer/ d ^a /mar/go/ pran /to/?..	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
On/de/ se a/ni/nha es/se/ con/for/to/ san /to/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que as/ do/res/ de/ nos/s ^{al} /ma/ re/fri/ ge /ra/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ban/do/nou/-te, ac/ca/so?.. Oh!/ Vi/da aus/ te /ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nu/a/ de/ luz/, de/ flo/res/ e/ de en/ can /to/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
P ^{ra} / mim/ es/con/de o/ sol/ o/ seo/ ful/ gor /;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E ^o / deu/sa/ do/ meo/ céu/ a es/cu/ri/ da /de/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
On/de/ só/ bri/lha a/ la/gri/ma/ da/ dôr /...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Meu/ po/bre/ co/ra/ção/, te/ per/su/ a /de:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Di/ta/ não/ tens/ nas/ il/lu/sões/ do a/ mor /,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nem/ nos/ teus/ en/can/tos/ da/ a/mi/ sa /de/!	A

1878.

N'UM ALBUM

1 2 3 4 5 6	
Ao/ teu/ "bou/quet" o/pu/ len /to	A
1 2 3 4 5 6 7	
De/ flo/res/ da/ pri/ma/ ve /ra/,	B
1 2 3 4 5 6	
Qui/zes/te/ que eu/ reu/ nis /se/	C
1 2 3 4 5 6 7	
Mais/ u/ma/ ro/sa/. Po/ de /ra/!	B
1 2 3 4 5 6	
Por/ven/tu/ra o/ frio in/ ver /no/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Os/ten/ta o/ ca/lor/ do/ sol /?	B
1 2 3 4 5 6 7	
Ou/ po/de o/ mô/cho a/gou/ rei /ro/	C
1 2 3 4 5 6 7	
Con/ver/ter/-se em/ rou/xi/ nol /?	B
1 2 3 4 5 6 7	
Po/de o/ er/mo a/gres/te e/ mu /do/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ tem/ só/-mo/no/to/ nia /,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Dar/ da/ ci/da/de os/ en/ can /tos/,	C
1 2 3 4 5 6 7	
A/ rui/do/sa/ a/le/ gria /?	B
1 2 3 4 5 6 7	
Pe/que/no in/sec/to/-cre/ a /do/	A
1 2 3 4 5 6	
Sob/ ras/tei/ra/ plan/ ti /nha/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
A/lar/-se á/ pla/nu/ra im/ men /sa/	C
1 2 3 4 5 6 7 8	
On/de/ se/ per/de a/ an/do/ ri /nha/?	B
1 2 3 4 5 6 7	
Quem/ vio o/ pal/li/do/ ou/ to /no/	A
1 2 3 4 5 6 7	
En/gri/nal/dar/-se/ de/ flo /res/?	B
1 2 3 4 5 6 7	
Dar/ a/ tris/te/za/ - sor/ ri /sos/?	C
1 2 3 4 5 6 7	
E a/ mor/te/ fal/lar/ de a/ mo /res/?	B
1 2 3 4 5 6	
Mas/, se/ das/ mi/nhas/ sil /vas/	A
1 2 3 4 5 6	

De/sa/bro/chas/se a/ in /da/ 1 2 3 4 5 6	B
U/ma/ flo/ri/nha/ lin /da/ 1 2 3 4 5 6	B
A/gres/te/ mui/to em/ bo /ra/; 1 2 3 4 5 6	C
U/ma/ bo/ni/na/ bran /ca/, 1 2 3 4 5 6	A
Ou/ mal/me/quer/ dou/ ra /do/, 1 2 3 4 5 6	B
For/mo/so/, pe/ro/ la /do/, 1 2 3 4 5 6	B
De/ la/gri/mas/ d''au/ ro /ra/; 1 2 3 4 5 6	C
A/qui/ de/ cer/to/ fô /ra/ 1 2 3 4 5 6	A
A/ po/bre/si/nha in/ cul /ta/ 1 2 3 4 5 6	B
Mo/des/ta/men/te oc/ cul /ta/ 1 2 3 4 5 6	B
Das/ ou/tras/ na/ fi/ lei /ra/.. 1 2 3 4 5 6	A
Que ao/ pe/ d''al/ti/va/ dha /lia 1 2 3 4 5 6	A
O/ mus/go/ re/ver/ de /ce/, 1 2 3 4 5 6	B
E o/ vi/me/ tam/bém/ ces /ce/ 1 2 3 4 5 6	B
A,, som/bra/ da/ man/ guei /ra/! 1 2 3 4 5 6	C
Mas/, ai/! da/ flor/ so/ nha /da/ 1 2 3 4 5 6	A
Co/lhi/ só/ o/ de/ se /jo/, 1 2 3 4 5 6	B
Ao/ te/pi/do/ ba/ fe /jo/ 1 2 3 4 5 6	B
D''um/ rai/o/ de a/le/ gri /a/! 1 2 3 4 5 6	C
Por/ is/so/ no/ teu al/ bum / 1 2 3 4 5 6	A
-Can/tei/ro/ de a/çu/ ce /nas/- 1 2 3 4 5 6	B
Meu/ no/me/ dei/xo a/ pe /nas/ 1 2 3 4 5	B
- Sig/nal/ de/ sym/ pa /thia! -	C

BEM VINDO!

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ quis/ an/te/ci/par/-te um/ can/to a/me/no	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Pe/da/ço/ de a/le/gri/a- em/ gra/ci/o/sas	B
1 2 3 4 5 6	
Pa/la/vras/ de af/fei/ção/;	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ba/nha/das/ do/ fres/cor/ pu/ro/, se/re/no/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ un/ge as/ flo/res/ gen/tis/, bel/las/ ro/sas/	B
1 2 3 4 5 6	
Da/ vei/ga/- co/ra/ção/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ fui/ pe/dir/ a/ fon/te - as/ har/mo/nias/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
À/ pri/ma/ve/ra – os/ ly/rrios/ per/fu/ma/dos/,	B
1 2 3 4 5 6	
- Bel/le/zas/, ao/ lu/ar/;	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Á/ mo/ci/da/de/ – doi/das/ a/le/gri/as/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ás/ a/ve/si/nhas/ – mur/mu/ros/ tri/na/dos/	B
1 2 3 4 5 6	
E/ pe/ro/las/ – ao/ mar/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pa/ra ins/pi/rar/ a/ mi/nha/ po/bre/ ly/ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ can/to/ de/ pra/zer/ que/ te/ di/ces/se/:	B
1 2 3 4 5	
-Bem/ vin/do/, ir/mão/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/.. na/ mi/nh“al/ma/ só/ a/ dor/ sus/pi/ra/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ meu/ tris/te/ jar/dim/ já/ não/ flo/res/ce/	B
1 2 3 4 5 6 7	
A/ ro/sa/ da/ il/lu/são/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/ is/so/ dou/-te.. um/ thre/no/ de a/mar/gu/ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
N“es/te/ pal/li/do/ ly/rio es/ti/o/la/do/	B
1 2 3 4 5 6	
Aos/ gê/los/ do/ sof/frer/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bem/ vin/do!.. Um/ do/ce/ ri/so/ de/ ven/tu/ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

Il/lu/mi/na/-me o/ la/bio/ des/co/ra/do/,

B

1 2 3 4 5 6

À/ di/ta/ de/ te/ **ver!**

C

9 de Março de 1888.

CANTA

Ai! quantas vezes, ó triste
 Esse teu saudoso pranto
 Desafogaste no canto!
 C. CASTELLO BRANCO.

1 2 3 4 5 6 7	
O/* mi/nha/ ly/ra/ sau/ do /sa,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Ly/ra/ do/ meu/ co/ra/ ção /,	B
1 2 3 4 5 6 7	
De/sa/ta a/ voz/ ma/vi/ o /sa/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Aos/ e/chos/ da/ so/li/ dão /!	B
1 2 3 4 5 6 7	
Can/ta a/ luz/ a/mor/te/ ci /da/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Do/ sol/ que ao/ tu/mu/lo/ des /ce/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Quan/ta/ ma/go/a do/lo/ ri /da/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Meu/ co/ra/ção/ en/nói/ te /ce/!	B
1 2 3 4 5 6 7	
Quan/ta/ ur/ze/, quan/to es/ pi /nho/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Ao/ lon/go/ dis/se/mi/ na /dos/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Do/ meu/ de/ser/to/ ca/ mi /nho/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Fe/rem/-me os/ pés/ ma/go/ a /dos/!	B
1 2 3 4 5 6 7	
Eu/ sou/ a/ fo/lha/ do ou/ to /no/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Que o/ ven/da/val/ ar/ran/ cou /,	B
1 2 3 4 5 6 7	
De/ cu/jo/ tris/te a/ban/ do /no/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Nin/guem/ se/ pe/na/li/ sou /!	B
1 2 3 4 5 6 7	
D*es/te ho/ri/zon/te a/ bel/ le /za/,	A
1 2 3 4 5 6 7	
D*es/tes/ céos/ a/ vas/ti/ dão /,	B
1 2 3 4 5 6 7	
A/ves/, flo/res/, na/tu/ re /za/	A
1 2 3 4 5 6 7	
En/chi/am/-me a/ so/li/dão/!	B

1 2 3 4 5 6 7 E/ se u/ma/ dor/ pe/que/ ni /na/	A
1 2 3 4 5 6 7 An/nu/vi/a/va/-me o/ ros /to/,	B
1 2 3 4 5 6 7 Tra/zi/am/-me a/ me/di/ ci /na/	A
1 2 3 4 5 6 7 Que/ me/ cu/ra/va o/ des/ gos /to/.	B
1 2 3 4 5 6 7 Ho/je/.. mu/dan/ça/ fu/ nes /ta/!	A
1 2 3 4 5 6 7 -Pe/lo/ pris/ma/ da/ tris/ te /za/,	B
1 2 3 4 5 6 7 Não/ lei/o um/ hym/no/ de/ fes /ta/	A
1 2 3 4 5 6 7 No/ li/vro/ da/ na/tu/ re /za/!	B
1 2 3 4 5 6 7 Oh!/ mi/nha/ ly/ra/ plan/ gen /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 Ly/ra/ do/ meu/ co/ra/ ção /,	B
1 2 3 4 5 6 7 So/lu/ça/ do/ri/da/ men /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 Pran/tei/a/ na/ so/li/ dão /!	B
1 2 3 4 5 6 7 Pe/no/sa/ co/mo a/ lem/ bran /ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 Gra/va/da/ so/bre u/ma/ lou /sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 Mi/nha/ mais/ bel/la es/pe/ ran /ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 Sob/ os/ cy/pres/tes/ re/ pou /sa/!	B
1 2 3 4 5 6 7 Do/ len/to/ mor/rer/ do/ di /a/	A
1 2 3 4 5 6 7 Na u/ni/ver/sal/ pal/li/ dez /	B
1 2 3 4 5 6 7 Eu/ lei/o a/ me/lan/co/ li /a/	A
1 2 3 4 5 6 7 Do/ meu/ des/ti/no/... tal/ vez /!	B
1 2 3 4 5 6 7 Oh!/ mi/nha/ ly/ra/ sau/ do /sa/,	A
1 2 3 4 5 6 7 Ly/ra/ do/ meu/ co/ra/ ção /!	B
1 2 3 4 5 6 7	

De/sa/ta a/ voz/ ma/vi/0/sa/

1 2 3 4 5 6 7

Aos/ e/chos/ da/ so/li/dão!

A

B

Fevereiro de 88.

FLOR DA AMISADE

A UM POETA

-Pede cantos aos ledos passarinhos
 Pede clarão ao sol, perfume às flores,
 Mas não peças à tyra abandonada
 Um alegre cantar!
 G. DIAS.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ teu/ o/lhar/ – au/ro/ra/ sor/ri/ den /te-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ ge/nio a/ cham/ma/ lu/ci/da/ ful/ gu /ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ em/ meu o/lhar/ pou/san/do/ com/pla/ cen /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vio/- es/trel/la/ de/ luz/ – na/ som/bra es/ cu /ra/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tal/ a au/ro/ra/ do/ céu/ da/ ro/sea/ ta /ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Au/reas/ got/tas/ na/ ter/ra/ der/ra/ man /do/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ao/ vei/o/ tris/te/ que/ nas/ sel/vas/ pas /sa/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/bri/lhan/ta/, cons/tel/la o/ mi/se/ ran /do/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/, de/pois/ vem/ a/ noi/te/, noi/te um/ bro /sa/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sem/ luz/ de es/trel/la ou/ rai/o/ de/ lu/ ar /:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ do/ crys/tal/ da/ lym/pha/ sus/pi/ ro /sa/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
On/de/ ba/nhou/-se o/ sol/, ao/ des/pon/ tar ?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^o /al/ma é/ como a/ pom/ba/ fu/gi/ ti /va/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ de/bal/de/ na/ ter/ra/ bus/ca o/ ni /nho:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ sua ir/mã/, se a/ te/ve/, in/gra/ta, es/ qui /va/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ha/ tro/ca/do/ por/ ou/tro o/ seu/ ca/ ri /nho/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ver/sos/! não/ fiz/, não/ sei/. Al/cyon/ ge/ men /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sob/ as/ fri/as/ lu/fa/das/ do o/ce/ a /no/,	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ po/de/ su/bir/ – a/guia/ po/ ten /te/-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fi/tar/ de/ per/to o/ sol/ me/ri/di/ a /no/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ mi/nha/ mu/sa é/ fi/lha/ da/ tris/ te /za/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ir/mã/ da/ des/ven/tu/ra e/ da/ sau/ da /de/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo o/ car/do/ que/ cres/ce/ na/ de/ ve /za/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ or/na o/ pei/to à/ lou/ra/ mo/ci/ da /de/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ul/ti/mo/ som/ d ^u m/ can/ti/co/ sau/ do /so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tra/zi/do/ pe/la a/ra/gem/ ves/per/ ti /na/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Ul/ti/mo/ rai/o/ de/ lu/ar/ cho/ ro /so/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ se a/fo/ga/ na/ va/ga/ nep/tu/ ni /na/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/que/ pe/des/-me/ ver/sos/? Tú/, po/ e /ta/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ês/ quem/ be/be/ na/ fon/te ins/pi/ra/ do /ra/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ao/ teu/ cla/ro ho/ri/zon/te a/lon/ga a/ mé /ta/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ glo/ria/, que/ te a/ce/na/ se/duc/ to /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ês/ mo/ço e/ so/nha/dor/: no/ teu/ ca/ mi /nho/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ ver/de/ mur/ta os/ ra/mos/ en/tre/ la /ça/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Se/ ma/go/ar/-te o/ pé/ oc/cul/to es/ pi /nho/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pro/se/gue/,- que o/ va/lor/ ven/ce a/ des/ gra /ça/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/, se/ qui/ze/res/ pur/pu/re/as/ ro /sas/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/lhei/as/, as/pi/rar/ o/ do/ce a/ ro /ma/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Dei/xa as/ sar/ças/ a/gres/tes/, es/pi/ nho /sas/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
On/de a/pe/nas/ o/ car/do/, a ur/ze as/ so /ma/!	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ha/ tan/tas/ flo/res/ no/ jar/dim/ da/ vi /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/sa/bro/chan/do ao/ sol/ da/ mo/ci/ da /de/!!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/lhe-as/, po/e/ta em/quan/to - a/gra/de/ ci /da/-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ te o/fe/re/ço a/ – ro/sa/ d ^o a/mi/ sa /de/! –	B

1886.

INOCENCIA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tem/ qua/tro/ pri/ma/ve/ras/ An/ge/li/ta:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E a/traz/ de/ bor/bo/le/ta/ mui/to al/vi/nha/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cor/re/, cor/re, a/ gri/tar/: “ai/, tão/ bo/ni/ta/!”	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vou/ pe/ga/l-a/, ma/mãe, é/ mi/nha!/ é/ mi /nha/!”	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
“Vem/ mi/nha/ ne/gra!” e es/ten/deu/-lhe a/ mão /zi/nha/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/, a es/qui/va/ fu/gi/o...e a/ po/bre/si/ta/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No a/fan/ de a/ se/guir/, ca/he/, coi/ta/ di /nha/..	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ma/go/an/do/, na/ que/da, a/ ca/be/ ci /ta/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ei/l-a/ de/sa/ta em/ cho/ro/ de/sa/ bri /do/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ro/ci/a/do/, gen/til/ bo/tão/ de/ ro /sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ é/ tão/ fres/co as/sim/, re/cem/co/ lhi /do/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/co/de a/ mãe/ sol/li/ci/ta, a/mo/ ro /sa/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ c“um/ su/a/ve/ bei/jo, es/tre/me/ ci /do/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/xu/ga/-lhe a/ ca/ri/nha/ la/cr/ mo /sa/!	A

1888.

TOTA PULCHRA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ é/ tão/ bel/lo o/ so/nho al/vi/ni/ ten /te	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
D <u>u</u> /ma/ cre/an/ça/ lou/ra, a/dor/me/ ci /da/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Brin/can/do/-lhe/ nos/ la/bios/ de in/no/ cen /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ do/ce/ no/me/ das/ ma/mã/ que/ ri /da/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ for/mo/sa e/ pu/ra, à/ luz/ da/ vi /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bro/ta/, de/ Deus/ n ^o um/ ri/so/ com/pla/ cen /te/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
A/ flor/ di/vi/na/ dos/ jar/dins/ do o/ri/ en /te/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Des/de os/ pri/mei/ros/ tem/pos/ pro/met/ ti /da/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pas/sam/ os/ an/nos/ que a/ ven/tu/ra en/ flo /ra/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Vem/, do/ Cal/va/rio a/pós/ a/ des/ven/tu/ ro /sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- A/ dor/, o/ luc/to, a/ noi/te/ sem/ au/ ro /ra/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lu/ci/do es/pe/lho/ de/ su/a al/ma/ pu /ra/ –	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ne/nhum/ mar/ty/rio a/quel/la/ Flor/ des/ co /ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ lh ^o em/mur/che/ce a/ ma/ti/nal/ fres/ cu /ra/!...	A

1888.

13 DE MAIO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ céo/ da/ mi/nha/ ter/ra, a/zul,/ for/ mo /so,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ple/no/ de/ luz/ de/ mys/ti/ca/ pu/ re /za,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ma/is/ um/ as/tro/ ful/gu/ra/ lu/mi/ no /so	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ra/di/an/te/ de es/plen/di/da/ bel/ le /za!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sur/gi/o à/ voz/ da/ in/cli/ta/ Prin/ ce /sa	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ cu/jo/ se/io/ pul/sa,/ ge/ne/ ro /so,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ co/ra/ção/ da/ pa/tri/a; - a sã/ no/ bre /za	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ Bra/sil/ re/di/mi/do e/ glo/ri/ o /so!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ras/gue/-se à His/tória a/ pa/gi/na/ san/ gren /ta:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A" es/cra/vi/dão/ mi/ser/ri/ma, o/di/ en /ta,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sô/a a/fi/nal/ a/ der/ra/de/ira/ ho /ra!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ven/ce a/ cau/sa/ do/ Bem,/ mas/ sem/ hor/ ro /res;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Er/gue/-se/ bel/la/ en/tre/ can/ções e/ flo /res	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- 13/ de/ Maio/- a/ re/demp/to/ra au/ ro /ra!	B

13 de Maio de 88.

A PRIMEIRA LIÇÃO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ha/ só/ tres/ pri/ma/ve/ras/ que/, nas/ci/da	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lau/ra, - o/ ca/ri/nho, os/ mi/mos/ da/ ma/mã/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/che o/ pa/ter/no/ lar/ d'en/can/to e/ vi/da/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo "à/ flor/ o/ ro/cí/o/ da/ ma/nhã/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ bo/ni/na/ dos/ cam/pos/, - su/a ir/mã/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ bor/bo/le/ta a/zul/, - su/a/ que/ri/da/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Os/ ne/nês/ de/ bor/ra/cha, - eis/ só/ a/ li/da/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ seu/ pen/sar/, eis/ to/do o/ seo/ a/fan/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Trou/xo/-lhe o/ pae/, um/ di/a, um/ li/vro/ lin/do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ "Al/pha/be/to/ d'Ou/ro", e o/ an/jo/, rin/do/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
"En/si/na/-me a/ li/ção/!" pe/de ao/ pa/pá/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vol/ve a/pós/ n'um/ trans/por/te/ de/ ven/tu/ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ diz/ à/ mãe/, que/ cho/ra/ de/ ter/nu/ra/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
"O/lha/, ma/mã/, - eu/ já/ co/nhe/ço o/ "A".."	B

CARIDADE

(PELAS VICTIMAS DOS TERREMOTOS DE ESPANHA)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Quan/do el/la a/brin/do a/ mão/ re/al/, mu/ni/fi/ cen /te,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Cu/mú/la/ de/ seos/ dons/ os/ po/bres/ mal/fa/ da /dos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Os/ gran/des/ co/ra/ções/ di/la/tam/-se/... ba/ nha /dos/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
N ^o um/ ^o au/ra/ de/ pra/zer/, su/a/ve/, do/ce/ men /te/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
E ^o el/la a/ mãe/ dos/ tris/tes/, o an/jo/ do/ in/di/ gen /te/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
Dor/mem/ no/ seo/ re/ga/ço/ da/ sor/te os/ des/her/ da /dos/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Qual/ da/ ter/na/ ro/li/nha os/ fi/lhos/ im/plu/ ma /dos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Sob/ as/ a/zas/ da/ mãe/, no/ bran/do/ ni/nho/ quen /te/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Vós/, ba/hia/nos/, sa/beis/-lhe o/ no/me/ pe/re/ gri /no/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
Que, es/crip/to em/ vos/sos/ pei/tos/, es/plen/de/ tão/ di/ vi /no/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Do/ sol/ do/ bem/fa/zer/ aos/ ra/ios/ es/ti/ va /es/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Dae/, dae/ promp/to/ so/cor/ro à/ des/di/to/sa I/ be /ria/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
O/ tris/te/ pran/to en/xu/to à/ pal/li/da/ mi/ se /ria	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Re/flec/te em/ vós/ o/ bri/lho/ de au/ro/ras/ im/ mor /taes/!	B

1885.

ALVORADA

1 2 3 4 5 6 7	
O/ sol/ for/mo/so e/ ri/ so /nho	A
1 2 3 4 5 6 7	
Dou/ran/do a/ or/la/ da/ ser /ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
N ^o um/ bei/jo a/cor/dá/ra a/ ter /ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
De/ bel/lo e/ plá/ci/do/ so /nho/..	A
1 2 3 4 5 6 7	
Do/ ni/nho/ fei/to/ de a/ mo /res/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Sol/ta a/ pe/que/na An/ge/ li /na/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Co/mo/ ro/sa/ ma/tu/ ti /na/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Des/bro/chan/do en/tre/ ver/ do /res/!	A
1 2 3 4 5 6 7	
Pou/sa/do em/ de/bil/ ra/ mi /nho/,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Can/ta a/le/gre o/ pas/sa/ ri /nho/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Su/a/ can/ti/ga/ lou/ çã /;	B
1 2 3 4 5 6 7	
Tu/do/ se a/ni/ma e/ se in/ flo /ra/:	A
1 2 3 4 5 6 7	
E/ ca/da/ got/ta/ d ^o au/ ro /ra/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Re/flec/te o/ sol/ da/ ma/ nhã /!	B

NOCTURNO

1 2 3 4 5 6	
A/ bel/la/ tar/de/ fin /da..	A
1 2 3 4 5 6	
O/ sol/ – po/en/te/ des /ce/..	B
1 2 3 4 5 6	
A/ noi/te/ sur/ge/, cres /ce/	B
1 2 3 4 5 6	
A es/cu/ri/dão/ in/ fin /da/..	A
1 2 3 4 5 6	
A/ ro/sa/ bran/ca e/ lin /da/	A
1 2 3 4 5 6	
Na/ vei/ga em/pal/li/ des /ce/..	B
1 2 3 4 5 6	
Tal/ves/ vi/da/ lhe/ des /se/	B
1 2 3 4 5 6	
O/ sol/ n*um/ bei/jo/ ain /da/?	A
1 2 3 4 5 6	
Oh!/ não!/ A/ noi/te em/ mei /o/,	A
1 2 3 4 5 6	
Ar/ran/ca/-lhe/ do/ sei /o/	A
1 2 3 4 5 6	
O/ ul/ti/mo/ per/ fu /me/!	B
1 2 3 4 5 6	
As/sim/ cru/el/ sau/ da /de/	A
1 2 3 4 5 6	
Me/ rou/ba à/ mo/ci/ da /de/	A
1 2 3 4 5 6	
O/ fu/gi/ti/vo/ lu /me/!...	B

1887.

AS ROLAS

1 2 3 4 5 6 7	
N <u>u</u> /ma/ to/a/da/ ca/ no /ra,	A
1 2 3 4 5 6 7	
N <u>u</u> m/ du/e/to har/mo/ni/ o /so/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
O/ mei/go/ par/ a/mo/ ro /so/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Sa/ú/da o/ rom/per/ d ^o au/ ro /ra/.	B
1 2 3 4 5 6 7	
E/ la/ vae/, ca/mi/nho/ fo /ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Vo/an/do/ sem/pre a/fa/ no /so/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Té/ que o/ vul/to/ gra/ci/ o /so/	A
1 2 3 4 5 6 7	
D <u>u</u> m/ ra/mo os/ de/tem/ a/ go /ra/..	B
1 2 3 4 5 6 7	
E ^o que/ do/ ra/mo/ flo/ ri /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7	
En/tre as/ fo/lhas/ es/con/ di /do/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Pen/de/, ba/lan/ça/-se um/ ni /nho/..	A
1 2 3 4 5 6	
E/ lá/ fun/do/ – mi/ mo /sa/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Got/ta/ de or/va/lho/ na/ ro /sa/ –	B
1 2 3 3 4 6 7	
Al/ve/ja o/ pri/mei/ro o/ vi /nho/!	A

1888.

UM VOTO

À MINHA AMIGA M...

“Amor! – murmura o mar nos seos queixumes.

Amor! – repete-se a terra n’um sorriso!”

C. DE ABREU.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Teo/ vir/gem/ co/ra/ção/ se a/gi/ta/ ple /no	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
D’um/ sen/ti/men/to/ va/go/ de/ ter/ nu /ra/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ da/ noi/te a/ flor/ a/bre ao/ se/ re /no/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/bri/o/-se ao/ sol/ do a/mor/ tu’al/ma/ pu /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Teo/ es/pi/ri/to/ va/ga a/lém/... n’al/ tu /ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lon/ge/ do/ mun/do, - o/ lo/da/çal/ ter/ re /no/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Be/bes/, sor/rin/do, a/ ta/ça/ da/ ven/ tu /ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sem/ re/cei/ar/ a/ got/ta/ de/ ve/ ne /no/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo é/ for/mo/sa a/ mo/ci/da/de/, cren /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Af/fa/gan/do as/ pro/mes/sas/ da es/pe/ ran /ça/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
N’um/ so/nho/ do/ce/, vir/gi/nal/, ri/ den /te/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Deos/ te/ fa/ça/ fe/liz/, gen/til/ cre/ an /ça/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ te/ per/tu/be o/ so/nho/ de in/no/ cen /te/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nem/ si/ quer/ o/ pun/gir/ d’u/ma/ lem/ bran /ça/!	A

Maio de 1888.

CELESTE

A^o EXM^a SENR^a

D. LUIZA AMÉLIA DA CUNHA CHAVES

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tem/ o/ mi/mo/ gen/til/ das/ sen/si/**ti**/vas/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O/ per/fu/me/ bal/sa/mi/co/ das/ **ro**/sas/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E o/ tom/ su/a/ve/ das/ ma/nhãs/ es/**ti**/vas/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Na/ ma/ci/ez/ das/ fo/lhas/ vel/lu/**do**/sas/. B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tem/ a/ côr/ das/ gra/ci/o/las/ for/**mo**/sas/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E a/ lon/ga/ du/ra/ção/ das/ sem/pre/**vi**/vas/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mas/, en/tre as/ flo/res/ do/ jar/dim/ na/**ti**/vas/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/^o qual/ flor/ das/ es/phe/ras/ lu/mi/**no**/sas/. A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Co/nhe/ces/ es/ta/ flor/, mi/nha a/mi/**gai**/nha/? A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Não/ a/ cul/ti/vas/, cha/ra/ Lu/i/**zi**/nha/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
No/ jar/dim/ do/ teu/ pu/ro/ co/ra/**ção**? B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
On/de/ cres/ce/, vi/ren/te/, per/fu/**ma**/da/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Por/ tu/as/ mãos/ mi/mo/sas/ or/va/**lha**/da/? A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- E^o/ a/ ce/les/te/ flor/, - da/ Gra/ti/**dão**/!.. B

1888.

DESILUSÕES

Á MINHA AMIGA
D. MARIA LUCIA

- E agente fica, entre abismado e louco,
Cheio de espanto e de tristeza e dó
Ao ver que o pó era aquelle oiro há pouco,
E ao ver que o oiro era somente ... pó. –
QUEIROZ RIBEIRO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ao/ lon/go/ dos/ ca/mi/nhos/ da e/xis/ten/cia	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cres/cem/ as/ ve/zes/ per/fu/ma/das/ flo/res/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ do/ce/ qua/dra a/zul/ da a/do/les/cen/cia/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bro/tam/ for/mo/sos/, can/di/dos/ a/mo/res/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/ os/ es/pi/nhos/ da/ som/bria/ es/tra/da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/fo/gam/ tan/ta/ vez/ as/ flo/res/ bel/las/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Dos/ de/sen/ga/nos/ à/ cru/el/ nor/ta/la/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mor/rem/ no/ pei/to as/ af/fei/ções/ sin/ge/las/..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/tão/ da/ mu/da es/tra/da/ tor/tu/o/sa/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nem/ can/to/ d'a/ve/ que/bra a/ so/li/dão/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Co/mo/ não/ vi/bra a/ ly/ra/ des/di/to/sa/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Ple/na/ de a/mor/- dul/cis/si/ma/ can/ção/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E a/ gen/te/ se en/tris/te/ce ao/ ver/ as/ flo/res/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fo/ram/-des/fei/tos/ so/nhos/ vir/gi/na/es/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E ao/ ver/ que os/ so/nhos/ dos/ gen/tis/ a/mo/res/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fo/ram/ a/pe/nas/ – ro/sas/ i/de/a/es!..	B

MIMO DO CÉO

1 2 3 4 5 6 7 Den/tre as/ flo/res/ que/ con/sêr/vo	A
1 2 3 4 5 6 7 Co/mo/ lem/bran/ça/ que/ri/da/,	B
1 2 3 4 5 6 E“es/ta a/ flor/ es/co/lhi/da/,	B
1 2 3 4 5 6 7 Que/ guar/dou/ meu/ co/ra/ção/:	C
1 2 3 4 5 6 7 Tra/duz/ pas/sa/gei/ro af/fec/to/;	D
1 2 3 4 5 6 7 Mas/ tão/ pu/ro/, tão/ su/a/ve/!	E
1 2 3 4 5 6 7 Co/mo o/ gor/gei/o/, d“um/a/ve/	E
1 2 3 4 5 6 7 Das/ ma/tas/ na/ so/li/dão/!..	C
1 2 3 4 5 6 7 Ha/ no/ li/vro/ da e/xis/ten/cia/	A
1 2 3 4 5 6 7 Por/ mais/ som/bri/a/, tre/vo/sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 -U/ma/ pa/gi/na/ mi/mo/sa/	B
1 2 3 4 5 6 7 Bel/la/, ni/vea, as/se/ti/na/da/..	C
1 2 3 4 5 6 7 On/de um/ bom/ an/jo/ for/mo/so/	D
1 2 3 4 5 6 7 -Com/mo/vi/do/, pal/pi/tan/te/ –	E
1 2 3 4 5 6 7 Gra/va um/ po/e/ma/ bri/lhan/te/	E
1 2 3 4 5 6 7 N“u/ma es/tro/phe/ per/fu/ma/da/!	C
1 2 3 4 5 6 7 As/sim/ foi! No/ po/bre es/cri/ni/o/	A
1 2 3 4 5 6 7 Das/ mi/nhas/ gra/tas/ lem/bran/ças/	B
1 2 3 4 5 6 7 Ca/hio/- flor/ das/ es/pe/ran/ças/-	B
1 2 3 4 5 6 7 Es/ta/ flor/- d“al/va/ se/re/na/..	C
1 2 3 4 5 6 7 Da/ ta/ça/ d“ou/ro/ d“um/ an/jo/,	D
1 2 3 4 5 6 7 Que/ pou/sou/ na/ ter/ra/ –bre/ve/,	E
1 2 3 4 5 6 7 Qual/ bor/bo/le/ta/ de/ ne/ve/	E

1 2 3 4 5 6 7	
No/ cá/lix/ d ^o u/ma a/ç <u>u</u> /ce/na/!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Mas/ a es/sen/cia/ de/ su/ ^o <u>a</u> l/ma/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Na/ lin/da/ flor/ em/be/ bi /da/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Mais/ for/mo/sa e/ mais/ que/ ri /da/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Tor/nou/-a ao/ meu/ co/ra/ ç ão/!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Por/ is/so eu a/mo/-a/! Não/ te /ve/	D
1 2 3 4 5 6 7	
Pa/ra/ mim/ oc/cul/to es/ pi /nho/:	E
1 2 3 4 5 6 7	
Vo/to/-l <u>he</u> / to/do o/ ca/ ri /nho/	E
1 2 3 4 5 6 7	
D ^o u/ma/ sin/ce/ra a/fei/ ç ão/!..	C

1888.

QUATORZE ANNOS

AO ESPERANÇOSO JOVEM
ANTÔNIO J. ALVES DE FARIAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Qua/tor/ze/ an/nos/ n ^o es/sa/ fron/te ai/ro/sa	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que a/bre ao/ ta/len/to/ pro/por/ções/ gi/gan/tes/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
São/-pri/ma/ve/ra a/ se a/dor/nar/, vai/do/sa/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ no/vas/ gra/ças/, no/vos/ dons/ bri/lhan/tes/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quar/tor/ze/ an/nos/ de in/no/cen/te/ vi/da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ cas/to/ ni/nho/ do/ ma/ter/no a/mor/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
São/-ver/de/ plan/ta/ no/ jar/dim/ cres/ci/da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Be/ben/do aos/ sor/vos/-ma/ti/nal/ fres/cor/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Qua/tor/ze/ an/nos/ são/ a/ luz/ su/a/ve/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que o/ sol/ pre/ce/de/, quan/do o/ di/a/ vem/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/le/gres/ tri/nos/ do/ gor/gei/o/ d ^o a/ve/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que o/ vôo/ al/çan/do/ vai/ pou/sar/ a/lém/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Qua/tor/ze/ an/nos/ são o/ ri/so, a/ cre/an/ça/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ sol/ de/ fo/go, as/ vi/ra/ções/ sub/tis/..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pris/ma/ dou/ra/do/, de/ bel/le/za im/men/sa/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bor/dan/do a/ vi/da/ de/ ver/nal/ ma/tiz/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Qua/tor/ze an/nos/ são/ pur/pú/re/as/ co/res/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ le/ve/ nu/vem/ por/ um/ céo/ bra/zi/leo;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ly/ra ins/pi/ra/da/, que/ mo/du/la a/mo/res/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ do/ces/ car/mes/ de/ for/mo/so i/dyl/lio/!	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Qua/tor/ze/ an/nos! – so/nho a/zul/ mi/ mo /so/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/quan/to o/ an/jo/ da in/no/cen/cia/ ve /la!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Se/ja/-te a/ vi/da/ de/ pe/ren/ne/ go /so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Te/rás/ sau/da/de/ d ^{es} /sa/ qua/dra/ bel /la!	B

1882.

OUTR'ORA E HOJE

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ou/tr'o/ra o/ la/go a/zul/, as/ lin/das/ flo /res	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Meu/ co/ra/ção/ a/mou/ com/ de/va/ nei /o/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Era/ o/ meo/ céu/ de/ nu/vens/ mul/ti/ co /res/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Se/re/na a/ paz/ dor/mi/a/ no/ meu/ sei /o/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ho/je.. a/ tar/de, o/ lu/ar/, -ly/rios/ e/ ro /sas/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ en/chem/ de/ mi/nh'al/ma a/ so/li/ dão /..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E'/ o/ meo/ céu/- de/ nu/vens/ pro/cel/ lo /sas/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Fu/gio/-me a/ do/ce/ paz/ do/ co/ra/ção/.	B

1878.

**A INNOCENTE FILHINHA
DE MINHA AMIGA**

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/brin/do as/ a/zas/ can/di/das/ no es/pa/ço,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mais/ um/ an/ji/nho en/sai/a/ vô/os/ seos/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Des/ce à es/cu/ra/ mo/ra/da o/ cor/po/ las/so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
So/bre o es/pi/ri/to/ li/vre aos/ pés/ de/ Deos/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
És/ tu, Au/ta in/no/cen/te, és/ tu/ que/ as/so/mas/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ céo/, co/mo/ na/ ter/ra o/ sol/ for/mo/so/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Bran/cas/ flo/res/ do/ val/! Sa/grae/-lhe a/ro/mas/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fes/tei/jei/-lhe o/ tri/um/pho es/plen/do/ro/so/!	B

1878.

A LUA

1 2 3 4	
O/lu/a! Ó/ deu /sa	A
1 2 3 4	
Da e/the/rea al/ tu /ra/!	B
1 2 3 4	
No a/zul/ ce/ les /te/	C
1 2 3 4	
Bri/lha/, ful/ gu /ra/!	B
1 2 3 4	
A/ sel/va, o/ la /go/,	A
1 2 3 4	
Vem/ ar/gen/ tan /do/,	B
1 2 3 4	
- Meus/ pen/sa/ men /tos/	C
1 2 3 4	
A/ca/len/ tan /do/.	B
1 2 3 4	
Nos/ cas/tos/ sei /os/	A
1 2 3 4	
Das/ flo/res/ bel /las/,	B
1 2 3 4	
Dei/xam/ teos/ bei /jos/	C
1 2 3 4	
- Chu/va/ de es/ tre l/las/!	B
1 2 3 4	
Di/ze/-me, ó/ lu /a/:	A
1 2 3 4	
Por/que/ – tão/ lin /da/,	B
1 2 3 4	
Nos/ mo/ves/ n al/ma/	C
1 2 3 4	
Tris/te/za in/ fin /da/?	B
1 2 3 4	
Qual/ sin/to a/ go /ra/	A
1 2 3 4	
Do/ce e/ pro/ fun /da/,	B
1 2 3 4	
Que/ d'al/mo/ pran /to/	C
1 2 3 4	
Meo/ ros/to in/ nun /da/..	B
1 2 3 4	
Di/zem/ que a/ fa /ce/	A
1 2 3 4	
Tor/na/ pa/ ten /te/	B

1 2 3 4	
I/mos/ af/ fec /tos/	C
1 2 3 4	
Que o/ pei/to/ sen /te/:	B
1 2 3 4	
Do/ ma/go/ ros /to/	A
1 2 3 4	
Na/ pa/li/ dez /	B
1 2 3 4	
Di/rás/-pe/ za /res/	C
1 2 3 4	
De a/mor/, tal/ vez /?..	B
1 2 3	
Tão/ só e/ tris /te/	A
1 2 3 4	
No im/men/so es/ pa /ço/!	B
1 2 3 4	
O/ mar/ te/ cin /ge/	C
1 2 3 4	
N"um/ lon/go a/ bra /ço/.	B
1 2 3 4	
Em/ ca/da/ va /ga/	A
1 2 3 4	
Cres/pa, on/du/ lan /te/,	B
1 2 3 4	
Bri/lha um/ re/ tra /to/	C
1 2 3 4	
Do/ teu/ sem/ blan /te/.	B
1 2 3 4	
Que/ro/ se/ guir /-te/	A
1 2 3 4	
Va/gan/do a/ tô /a/...	B
1 2 3 4	
Pre/sa à/ teus/ rai /os	C
1 2 3 4	
Mi/nh"al/ma/ vô /a/!	B
1 2 3 4	
Da/ noi/te em/ mei /o/,	A
1 2 3 4	
Na/ so/li/ dão /,	B
1 2 3 4	
A/ ti/ se/ gre /da/	C
1 2 3 4	
Meu/ co/ra/ ção /.	B

1 2 3 4	
Oh/ fa/da/ bran /ca/	A
1 2 3 4	
D'er/mo/ jar/dim/,	B
1 2 3 4	
Quem/ te/ não/ a /ma/	C
1 2 3 4	
-For/mo/sa as/ sim /?	B
1 2 3 4	
Da/ mi/nha in/ fan /cia/	A
1 2 3 4	
Nos/ di/as/ lê /dos/,	B
1 2 3	
Já e/ras/ só /cia/	C
1 2 3 4	
Nos/ meus/ fól/ gue /dos/.	B
1 2 3 4	
Cres/ci:/ a/ mei -te/	A
1 2 3 4	
Co/mo a/mo os/ cé os/,	B
1 2 3 4	
O/ mar/, e/ tu /do/	C
1 2 3 4	
Que ex/pri/me/- Deus !	B

1882.

AVE MARIA

Como é solemne e grave no meio
das nossas mattas a hora mysteriosa
do crepusculo, em que a natureza
Se ajoelha aos pés do creador para
Murmurar a prece da noite!

JOSÉ DE ALENCAR. (Guarany)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo a/mi/go/ que/ par/te as/ lon/ges/ ter /ras,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mu/do/, tris/te/, som/bri/o, a/lan/ce/a/do/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ pro/fun/da/ sau/da/de, - "el/le/" se au/ sen /ta/...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ lhe hu/me/de/ce a/ fã/ce/ bran/do or/ va /lho/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- O/ con/so/lo/ das/ la/gri/mas/ des/ de /nha!	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que o/ ru/gir/ da/ pai/xão/, o/ tra/vo a/ cer /bo/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
D" a/mar/gu/ras/ cru/eis/-ve/ne/no/ d"al /ma/-	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ go/te/jar/ das/ la/gri/mas/ es/ cor /re/...	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ ca/da/ ba/ga ac/cen/de u/ma es/pe/ ran /ça/	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
No/ fri/o/ sei/o/ da il/lu/são/ que/ mor /re/!..	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ som/bra/ cahe/ do/ pin/ca/ro/ dos/ cer /ros/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ ve/lhu/do/sa/ gra/ma/ da/ pla/ ni /cie/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nem/ um/ pi/pi/lo/ d" a/ve/ na/ flo/ res /ta/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sob/ as/ a/zas/ ma/ter/nas/ a/co/ lhi /da/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ ro/la im/plu/me/ bran/do/ som/no/ dor /me/.	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ ni/vea/ flor/ o/len/te/ da/ cam/ pi /na/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Lin/do es/mal/te/ de/ plan/ta/ gra/ci/o/sa/-	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/tre as/ ne/voas/ da/ noi/te/ mal/ a/ vul /ta/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ bran/ca/ ves/tal/, pal/li/da/ vir /gem/	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
N" u/ma/ vi/são/ de an/this/te/ fer/vo/ ro /so/,	I

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ou/ so/nho/ de/ po/e/ta e/na/mo/ ra /do/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tal/ a/ ho/ra em/ que o/ “Di/a” af/flic/to/ vol /ve/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De/ dar/ sau/do/so a/deus/ à/ na/tu/ re /za/...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ho/ra i/ne/fá/vel/, mys/ti/ca/, su/ bli /me/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De a/mor/, de/ po/e/si/a e/ de/ tris/ te /za/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/deus/! A/deus/!...im/men/sa/men/te/ gran /de/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo o/ céo/ de/bru/ça/do/ so/bre os/ ma /res/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 I/de/al/men/te/ bel/la/ co/mo a/ lu /a/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 En/vol/ven/do/ n ^o um/ bei/jo a/ ter/ra/ to /da/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 -Es/sa/ pa/la/vra/ só/ va/le um/ po/e/ma/,	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Um/ po/e/ma/ de a/mor/ e/ de/ ter/ nu /ra/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Fe/liz/! quem/ vol/ve as/ pa/gi/nas/ se/ti/neas/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 D ^o es/se/ li/vro i/de/al/: quem/ com/pre/ en /de/	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Es/sas/ es/tro/fes/ in/ti/mas/, gra/ va /das/	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Na/ do/ce a/zul/ d ^o um/ sen/ti/men/to/ pu /ro/!	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Es/ses/ sen/ti/dos/, ma/vi/o/sos/ car /mes/	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De/ dor/ de/li/ci/o/sa/ re/pas/ sa /dos/!...	K
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ha/ no/ fun/do/ do/ ca/lix/ d ^o a/mar/ gu /ra/	L
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Um/ “que?” de/ do/ce: o/ cru/ci/an/te es/ pi /nho/	M
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Dei/ta/ na/ cha/ga um/ bal/sa/mo/ que/ cu /ra/!..	L
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ho/ra/ do a/deus/! Mi/mo/sa/ do/ po/e/ta/,	N
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Me/lan/cho/li/ca e/ mei/ga, à/ dor/ pro/ pi /cia/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Quem/ há a/hi/ na/ vi/da- er/mo/ de/ af/ fec /tos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tão/ po/si/ti/vo/, que u/ma/ vez/ ao/ me /nos/	C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lhe/ não/ sa/gras/se um/ pen/sa/men/to in/ti/mo/!	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ não/ sen/tis/se/-no/ vo/ar/ da/ bri/sa/-	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ man/to af/fa/go, o/ som/ ca/ri/ci/o/so/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ voz/ que/ri/da/ d'um/ a/mi/go au/sen/te/?...	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/tas/ ve/zes/ n'es/sa'ho/ra a/mar/go/ pran/to/	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tem/-me or/va/lha/do a/ fa/ce/ do/ce/men/te/!..	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/' noi/te/! ter/na/ mãe/ dos/ des/graça/dos/!	A
1 2 3 4 5 6 8 9 10	
Ês/ com/pas/si/va e/ boa; em/ teu/ re/gaço/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ for/mo/sa in/no/cen/cia oc/cul/ta os/ mi/mos/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A im/me/ri/ta/ des/di/ta oc/cul/ta os/ pran/tos/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ con/ver/tes/ em/ pe/ro/las/ al/gen/tes	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pa/ra/ das/ce/rem/ pe/la/ ma/dru/ga/da/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ or/va/lho/ de/ luz/ so/bre a/ cam/pi/na/:	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ te/ bem/di/go, ó/ noi/te/ , bo/a a/mi/ga/,	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Con/fô/den/te/ fiel/ de/ ma/go/as/ tris/tes/..	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/... sob/ as/ do/bras/ do/ teu/ man/to au/gus/to/.	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tam/bem/ oc/cul/tas/ o es/cu/ro/ vi/ci/o,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tam/bem/ o/ cri/me/- in/cons/cien/te/- guar/das/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ te/ las/ti/mo/, cum/pli/ce/ do/ er/ro/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
E a/mo e/ can/to a/ ho/ra/ pe/re/gri/na/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ te/ pro/ce/de/, de/ tris/te/za/ do/ce/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bre/ve/ co/mo o/ sor/ri/so/ da or/phan/da/de/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mei/ga/ co/mo a es/pe/rança... a/ vir/gem/ lou/ra/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

Que/ su/a/vi/sa os/ pran/tos/ da/ des/ di /ta/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	D
Ho/ra/ sem/ luz/ de/ sol/, quan/do a in/cer/ te /za/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	E
Em/ ca/da/ cou/sa/ sen/te/-se/, pal/ pi /ta/!...	F
1 2 3 4 5 6 Em/ quan/to/ pas/sar/ ra/pi/da/ 1 2 3 4 5 6	A
No/ a/rei/al/ da/ vi /da/, 1 2 3 4 5 6	B
Sê/ tu/, ho/ra/ que/ ri /da/, 1 2 3 4 5 6	C
A/ mi/nha ins/pi/ra/ ção /!	D
1 2 3 4 5 6 Des/do/bra/-me/ nos/ hom /bros/ 1 2 3 4 5 6	A
A/ cla/my/de/ fu/ ne /rea/, 1 2 3 4 5 6	B
Eu/ ve/jo/ - luz/ e/ the /rea/ 1 2 3 4 5 6	B
Na/ tu/a in/de/ci/ são /!	C
1 2 3 4 5 6 Es/par/ze/-me/ no/ sei /o/ 1 2 3 4 5 6	A
Teus/ goi/vos/ e/ mar/ ty /rios/, 1 2 3 4 5 6	B
Sau/da/des/, rô/xos/ ly /rios/, 1 2 3 4 5 6	B
De/ cas/to e/ bran/do/ dor /.	D
1 2 3 4 5 6 Eu/ que/ro - oc/cul/to o/ ros /to/ 1 2 3 4 5 6	A
Na/ tu/a/ tran/ça es/ cu /ra/, 1 2 3 4 5 6	B
So/nhar/, tal/vez/, - ven/ tu /ra/ 1 2 3 4 5 6	B
Fal/lar/ tal/vez/-de a/ mor /.	C
1 2 3 4 5 6 De/ a/mor/!.. eu a/mo a au/ ro /ra/ 1 2 3 4 5 6	A
Cho/ven/do/ luz/ dou/ ra /da/ 1 2 3 4 5 6	B
Na/ flor/ a/vel/lu/ da /da/, 1 2 3 4 5 6	B
Na/ rel/va/ da/ cam/ pi /na:	C
1 2 3 4 5 6	

	E/ que/ro/ mais/ ao/ bri /lho/	A
	1 2 3 4 5 6	
	Flu/in/do/ do/ce/ men /te/-	B
	1 2 3 4 5	
	Da/ lu/a de/cres/ cen /te/,	B
	1 2 3 4 5 6	
	Da es/tre/la/ ves/per/ ti /na/!	C
1 2 3 4 5 6		
Por/ is/so à/ ro/sea au/ ro /ra/,	A	
1 2 3 4 5 6		
Ao/ di/a es/plen/do/ ro /so/,	B	
1 2 3 4 5 6		
Pre/fi/ro o/ ne/bu/ lo /so/	B	
1 2 3 4 5 6		
Cla/rão/ d ^o A/ve/ Ma/ ri /a/...	C	
	1 2 3 4 5 6	
	Quan/do/ fur/ti/vo e/ man /so/	A
	1 2 3 4 5 6	
	O/ co/ra/ção/ me in/ va /de/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Um/ mun/do/ de/ sau/ da /de/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Em/ so/nhos/ de/ po/e/sia/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Cre/pus/cu/lo/ da/ tar/de/! rai/os/ tre /mu/los/	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Do/ sol/ no oc/ca/so em/ fo/go, en/ru/bes/ cen /do/	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
A/ su/per/fi/cie/ da/ la/gô/a/ man /sa/!	C	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Ba/ter/ d ^o a/zas/ de/ ti/mi/das/ gai/ vo /tas/	D	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Bus/can/do o/ pou/so/.. No/tas/ in/dis/ tinc /tas/	E	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Das/ flo/res/tas/ no/ sei/o/ vo/li/ tan /do/!	F	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Plan/gen/te/, gra/ve/ som/ “d ^o A/ve/-Ma/ ri /a”	G	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Per/di/do ao/ lon/ge.. E/ma/na/ções/ da/ sel /va/,	H	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Flo/res/ es/par/sas/ ao/ sa/bor/ do/ ven /to/	A	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
So/bre o/ ta/piz/ da/ rel/va/ bran/que/ jan /do/!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		
Tu/do/ que/ cho/ra/, que es/mo/re/ce e/ fin /da/,	C	
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10		

-Bri/lhe, a/de/je/, mur/mu/re, an/ce/ie e/ pas/se/;	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/ n ^o um/ bei/jo/ de a/mor/, un/ja/-me a/ ly/ra/! .	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ quan/to/, co/mo o/ cys/ne/ mo/ri/ bun/do/ ,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Seu/ der/ra/dei/ro/ can/to el/la/ sus/ pi/ra/! ...'	E

Coqueiro Secco, - 86.

SCISMANDO
A MEU CHARO IRMÃO
OLYMPIO AUGUSTO

-A cansada phantasia
N'esta triste escuridade
Entregando se a saudade
Principia a delirar.. –
S. ALVARENGA.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Lem/bro/-me a/go/ra/ d'es/sa/ qua/dra/ lin /da	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Da/ pri/ma/ve/ra/, - da es/ta/ção/ for/ mo /sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Quan/do em/ meus/ la/bios/ des/bro/cha/va/ ain /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 U/ma/ ri/sa/da/ fran/ca e/ so/no/ ro /sa/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Meu/ es/pi/ri/to o/ vô/o/ des/pren/ den /do/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 N'es/se/ cam/po i/de/al/ da/ phan/ta/ sia /,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 D'ou/tr'o/ra as/ mur/chas/ flo/res/ re/sol/ ven /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 So/nha um/ per/fu/me, - um/ rai/o/ de a/le/ gri /a/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Vi/sões/ da in/fan/cia! an/ji/nhos/ gra/ci/ o /sos/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Por/ en/tre os/ ly/ri/os/, so/bre as sen/si/ ti /vas/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Di/as/ de a/mor/ pri/ma/ve/ris/, di/ to /sos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que o/ tem/po/ le/va em/ pha/ses/ su/ces/ si /vas/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tu/do/... tu/do/ me oc/cor/re ao/ pen/sa/ men /to/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E a/ luz/ do/ sol/ n'oc/ca/so/ va/cil/ lan /do/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 O/ céu/, o/ la/go, a/ flor/, o/ de/bil/ ven /to/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De/ sau/da/des/ me/ fal/la/ sus/pi/ ran /do/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Oh!/ mi/nha/ mãe!/ re/cor/da/ção/ dul/ cis /si/ma/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Quan/do/ sur/ges/-me/ - gran/de, e/nor/me/, cal /ma/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tu/do/ se es/vae/... tu/ fi/cas/, sua/vis/ si /ma/	A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
En/chen/do a/ vas/ta/ so/li/dão/ d^oes/^oal/ma/! A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Com/ti/go a/ dor/ se/ de/sa/fo/ga em/ pran/tos/: A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/ ge/me e/ cho/ra e/ can/ta, en/tres/te/ci/da/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
D^ohar/pa/ di/vi/na/ dos/ af/fec/tos/ san/tos/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/ no/ta/ mais/ su/a/ve e/ mais/ sen/ti/da/!... B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/lo/ d^oes/sa/ dul/cis/si/ma/ ca/dei/ra/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que/ ao/ lar/ nos/ pren/de/, teu a/ma/do/ vul/to/ B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mais/ na/ mi/nh^oal/ma u/ma/ sau/da/de a/tei/a/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Pun/gen/te es/pi/nho/ no/ meu/ sei/o oc/cul/to/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/ meus/ ir/mãos/ co^oum/ ri/so/ pur/pu/ri/no/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Sor/ri/em/-me/ na/ te/la/ do/ pas/sa/do/... B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/ sou/ qua/si/ fe/liz/! .. so/nho/ di/vi/no/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Si o/ des/per/tar/ não/ fos/se a/mar/gu/ra/do/! A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Des/pon/ta um/ no/vo/ dia/. A/ na/tu/re/za/ B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/^o sem/pre a/ mes/ma/, - bel/la, es/plen/do/ro/sa/ B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Na/ fa/ce a/zul/ do/ céu/ tan/ta/ pu/re/za/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tan/to a/ro/ma/ no/ cá/li/ce/ da/ ro/sa/!... B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mas/, a/ flor/ dos/ meus/ so/nhos/ de/ cre/an/ça/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/ mi/nha/ flor/ a/zul/, ce;/do/ pen/di/da/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Não/ mais/ ao/ bo/fe/jar/ d^ou/ma es/pe/ran/ça/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Ha/ de er/guer/ a/ ca/ro/la es/mo/re/ci/da/! B

Fevereiro -1887.

A' SOLIDÃO

- E" então que para elle ha unica-
mente uma vida real – a intima; uma
linguagem intelligivel- a do bramido
do mar e do rugido dos ventos; unica-
mente uma conveniencia não tramada de
perfdia – a da solidão –
A. Herculano.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ma/vel/ com/pa/nhei/ra/ do in/for/tu/nio/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mei/ga/ so/cia/ de a/mor/ não/ ven/tu/ro/so/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ce a/mi/ga/ fi/el/ de/ quem/ pa/de/ce/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ es/tas/ ho/ras/, quan/do as/ mi/nhas/ pe/nas/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Be/bem/ al/li/vio/ no/ teu/ sei/o/ bran/do/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fei/to/ de/ mel/ de/ com/pai/xão/ di/vi/na/,	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ que/ro, ao/ som/ da/ des/di/to/sa/ ly/ra/,	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ter/no/ sa/grar/-te/ ma/vi/o/so/ can/to/;	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ san/ta/ gra/ti/dão/ me a/fi/na as/ cor/das/,	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ mi/nh"al/ma/ com/ el/las/ vi/bra u/ni/so/na/!	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
In/da/ no/ vi/ço/ dos/ pri/mei/ros/ an/nos/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/do a/pe/nas/ trans/pu/nha/, des/cui/do/sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ vi/da os/ a/re/boes/, - a/mou/ mi/nh"al/ma/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tua/ se/re/ni/da/de/ me/ren/co/ri/a,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Es/se en/can/to i/de/al/, es/se at/trac/ti/vo/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mys/ti/ca/men/te/ bel/lo/, que/ po/vo/am/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De an/jos/ e/ ge/nios/ o va/si/o/ es/pa/ço/!	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
En/tão/, - com/ti/go a/ sós/, - nas/ mi/nhas/ scis/mas/,	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-La/go a/zul/ on/de/ can/di/da/ vo/ga/va/	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ phan/ta/si/a a/ pom/ba al/vi/ni/ten/te/-	J

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Quan/ta/ chi/me/ra/ me/ sor/rio/ fa/ guei /ra/,	K
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 For/mo/sa/ co/mo a au/ro/ra/ pri/mi/ ti /va/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Den/tre os/ de/dos/ de/ Deos/ sur/gin/do/ pu /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo o/ sor/rir/ de a/dor/me/ci/do an/ ji /nho/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ten/do a/in/da en/tre os/ la/bios/ na/ca/ ra /dos/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 O/ bran/co/ sei/o/ tú/mi/do/ ma/ ter /no/!	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Foi/ so/nho/ cor/ de/ ro/sa! au/re/o/ la /do/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Por/ e/de/ni/ca/ luz/, do/ce/ flu/ in /do/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Da/ mo/ci/da/de em/ flôr/ nas/ bran/cas/ flo /res/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Foi/ po/e/ma/ de a/mor/, - cu/jas/ es/ tro /phes/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Gra/va/ram/-se/ nas/ pa/gi/nas/ al/ vis /si/mas/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Das/ pe/ta/las/ dos/ ly/rrios/ per/fu/ ma /dos/!	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Um/ mun/do/ de in/no/cen/cia e/ de/ bon/ da /de/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De/ pu/re/za e/ de/ fê!.. Mas/ tu/do/ fin /do/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tu/do é/ fin/do/, meu/ Deos/! E/xis/te a/ pe /nas/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 In/de/le/vel/ per/du/ra/ no/ meu/ sei /o/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Teu/ do/ce/ cul/to, ó/ so/li/dão/ a/ mi /ga/,	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/má/vel/ com/pa/nhei/ra/ do in/for/ tu /nio/	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Con/fi/den/te/ fi/el/ dos/ meus/ pe/ za /res/!	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Só/ tu/ pos/sues/ o/ ma/gi/co/ se/ gre /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ de/ con/dão/ va/ri/nha/ mi/la/ gro /sa/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Com/ que aos/ o/lhos/ do/ mor/tal/ mi/ser/ ri /mo/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - Tur/vos/ do/ pran/te/ar/-lhe/ des/cor/ ti /nas/	E

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bel/le/za/ tal/ que o/ res/ti/tue/ à vi /da/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ lhe/ ca/la/ no/ pei/to as/ a/mar/ gu /ras/!	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tu ins/pi/ras/te/ de/ mi/nha/ har/pa os/ thre /nos/,	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Or/va/lhas/te/ de a/mor/ meus/ tris/tes/ can /tos/,	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pro/pi/cia ao/ sem/ ven/tu/ra/! re/per/ cu /tem/	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ mi/nha/ dor/ os/ e/chos/ no/ teu/ sei /o/..	K
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^o /al/ma a/gra/de/ci/da a/ ti/ se e/ le /va/,	L
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^o /al/ma a/gra/de/ci/da em/ ti/ s ^o /ex/ pan /de/!	M
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/ en/tre as/ vo/zes/ per/fi/das/, men/ ti /das/,	N
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ li/so/na/ fal/laz/ que/ se/ dis/ far /ça/	O
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co ^o /as/ rou/pa/gens/ da/ can/di/da a/mi/sa/de/,	P
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ ou/ço/ a/ tua/ voz/ cha/mar/-me/ do /ce/..	Q
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ de/se/jo/-te e/ cor/ro/ pal/pi/ tan /te/	R
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
De/ tua/ voz/ à/ vi/bra/ção/ que/ ri /da/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ lu/a/ me/la/co/li/ca e/ si/ len /te/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Com/ du/vi/do/sa/ luz/ ba/nhan/do os/ er /mos/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ ro/la/ que/ so/lu/ça/ tris/te/ men /te/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ du/ra au/sen/cia/ do/ que/ri/do es/ po /so/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ ro/sa/ dos/ jar/dins/ que/ pen/de/ mur /cha/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ao/ bo/fe/jar/ d ^o /a/ra/gem/ ves/per/ ti /na/,	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tu/do/ tem/ mais/ po/e/sia e/ mais/ tris/ te /za/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ so/li/dão/ no/ sei/o a/ben/ço/ a /do/!	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nas/ ho/ras/ do in/for/tu/nio/, quan/do as/ fe /zes/	A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De a/mar/go/ ca/lix/ tra/vam/-me/ nos/ la /bios/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ pe/na e/ dor/, sau/da/de/... to/do o/ ban /do/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
D ^{es} /sas/ te/tri/cas/ a/ves/ des/ di /ta/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
So/bre a/ mi/nha/ ca/be/ça a/de/jam/ tor /vas/,	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-En/tão/ as/ mi/nhas/ quei/xas/ ma/go/ a /das/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sem/ co/ra/ção/ a/mi/go on/de/ s ^{ex} / pan /dam/,	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sem/ mel/ que o/ tra/vo a/cer/bo/ lhes/ cor/ ri /ja/	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
De/po/nho/, ò/ so/li/dão/, no/ teu/ re/ ga /ço/,	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Por/que/ su/bam/ a/ Deos/ com/ mais/ pres/ te /za/!	K
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ no/ sei/o/ In/fin/do/ der/ra/ ma /das/,	L
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ Di/vi/na Es/sen/ci/a/ com/pas/ si /va/	M
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pos/sam/ tra/zer/ ain/da/ às/ mi/nhas/ tre /vas/	N
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
U/ma/ got/ta/ de/ luz/... ao/ tris/te/ er /mo/	O
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ bo/ca/do/ de a/mor/ que/ me/ con/ for /te/	P
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ fá/ça/ re/vi/ver/ mi/nha es/pe/ ran /ça/!..	Q

1887.

**TEMPESTADES
AO ILLM° SNR.
DR. RAIMUNDO DA FONSECA**

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cor/re o/ tem/po/ ve/loz/... e em/ su/as/ a/zas	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ me/ traz/ ao/ sof/frer/ um/ le/ni/ti/vo/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ dor/ – o/ mons/tro/ – m°es/bra/ve/ja/ n°al/ma/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Qual/ mas/tho/don/te/ ru/de/, pri/mi/ti/vo/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Meu/ Deos/! Se/nhor/ meu/ Deos/! Dei/xai/ que/ jor/re/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Dos/ o/lhos/ meus/ a/ lym/pha a/mar/ga e/ quen/te/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ co/ra/ção/ cal/ci/na/-se/ no/ pei/to/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Si as/ la/gri/mas/ não/ cor/rem/ li/vre/men/te/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ me/ va/le/ra ap/pa/ren/tar/ so/ce/go/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Por/ um/ es/for/ço/ mas/cu/lo/, ti/ta/ni/co/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Si/ taes/ mos/tras/ de/ ge/lo/ no/ meu/ ros/to/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fo/ram/ quaes/ cin/zes/ so/bre o/ solo is/lan/di/co/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Si/- náu/fra/ga in/fe/liz/ no/ mar/ da/ vi/da/-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De um/ plum/be/o/ céo/ no ho/ri/zon/te es/cu/ro/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nem/ u/ma es/trel/la/ me il/lu/mi/na ao/ me/nos/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
As/ ur/zes/, no/ ca/mi/nho/ do/ fu/tu/ro/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tú/ só/, meu/ pran/to/, - pal/li/do/ san/tel/mo/-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bri/lhas/ na/ tre/va/ d°es/sa/ lon/ga/ noi/te/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Si/nis/tra/ luz/ que/ “u/ni/ca” af/fron/tas/te/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Das/ lu/fa/das/ do/ nor/te o/ du/ro a/çoi/te/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

E/ com/tu/do hou/ve um/ tem/po em/ que/, di/ to /so/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
- Co/mo o/ cys/ne/ cor/tan/do as/ on/das/ man /sas/, - 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Meu/ ba/tel/ des/li/sou/ n ^o um/ mar/ de/ ro /sas/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
- Pom/ba/ dor/men/te em/ ni/nho/ de es/pe/ ran /ças/... 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Des/fez/-se a/ noi/te em/ or/va/lha/das/ pu /ras/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
As/ bri/zas/ da/ ma/nhã/ pas/sa/ram/ rin /do/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Eu/ dei/xa/va/... me/ ir/.. co/mo a/ cre/ an /ça/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
No/ re/ga/ço/ ma/ter/no/ vai/ dor/ min /do/! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
E as/sim/ cor/reu/, cor/reu/, su/a/ve e/ man /so/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
Do/ meu/ ba/tel/ o/ des/li/sar/ tran/ qui /lo/; 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Até/ que/ um/ di/a.. eu/ vi/! e/ra/ tão/ lin /da/! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
-Eu/ não/ sa/bi/a/ que e/ra a/ mor/te a/ quil /lo/! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Vi/são/ for/mo/sa! O/ lu/mi/no/so/ ras /tro/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
Tan/tas/ scin/til/las/ so/bre o/ mar/ dei/ xa /va/! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Sob/ um/ véo/ ro/ça/gan/te, a/zul/, am/ plis /si/mo/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
For/mas/ tal/vez/ di/vi/nas/ oc/cul/ ta /va/.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Em/ seus/ o/lhos/ es/cu/ros/ co/mo a/ noi /te/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
Ti/nha at/trac/ções/ de a/bys/mo, in/cons/ci/ en /tes/.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Bri/lho/ de es/trel/la, e a/ man/si/dão/ su/a/ve/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
Dos/ o/lha/res/ das/ pom/bas/ in/no/ cen /tes/! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
En/tão/ mi/nh ^o al/ma/, de/sa/tan/do os/ vô /os/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
Ao/ ba/fe/jar/ das/ au/ras/ ma/tu/ ti /nas/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Quis/ ver/ de/ per/to es/sa/ vi/são/ do/ no /sa/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que e/mer/gi/ra/ das/ a/guas/ crys/tal/li/nas/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/ vo/ou/ pa/ra/ el/la/: co/mo/ v^o/a/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Do/ sa/bi/á/ no/ ma/vi/o/so/ tril/lo/ B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/ no/ta/ mais/ sen/ti/da e/ mais/ cho/ro/sa/ C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Eu/ não/ sa/bi/a/ que e/ra/ a mor/te a/quil/lo/!.. B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Pre/sa/ de en/can/ta/men/to in/de/fi/ni/vel/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Co/mo/ n^oum/ so/nho/ de i/nef/fa/vel/ gôso,- B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
To/do o/ céo/ de/ mi/nh^oal/ma ir/ra/di/a/va/ C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
N^oum/ pal/pi/tar/ de es/tre/las/ lu/mi/no/so/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Per/to/, tão/ per/to/ da/ vi/são/ su/bli/me/! A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Jor/ra/va/ luz/ o/ seu/ o/lhar/ tran/quil/lo/.. B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eu/, en/can/ta/da/, ia/ be/be/l-a aos/ sor/vos/, C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E/ não/ sa/bia/- que e/ra/ a/ mor/te a/quil/lo/!! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Su/bi/to, as/ fu/rias/ to/das/ que/ se es/con/dem/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Do/ e/le/men/to/ pér/fi/do/ no/ mei/o/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
So/bre o/ fra/co/ ba/tel/ ca/hem/ ru/gin/do/.. C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
-Na/ vo/ra/gem/, a/ mor/te a/brio/-lhe o/ sei/o/!... B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E a/ do/no/sa/ vi/são/? Se/ dis/si/pa/ra/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Qual/ no/ de/ser/to a/ fon/te/ men/ti/ro/sa/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Quan/do/ n^oel/la a/ pou/sar/ ar/den/tes/ la/bios/ C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/ ca/ra/va/na/ cor/re/, se/qui/o/sa/!... B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Mas/, eu/ vi/-lhe/ no o/lhar/ ful/gor/ sa/ ta /ni/co/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
No/ la/bio/ ri/so/, - mo/fa/dor/, tran/ quil /lo/.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Fun/da a/mar/gu/ra/ la/ce/rou/ meu/ pei /to/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
-Eu/ já/ sa/bia/ e/ra/ a/ mor/te a/ quil /lo/!... 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
E/ sof/fro a/in/da!.. a/ dor/.. mal/di/ta/ ser /pe/ – 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
Cra/va/-me/ n ^o al/ma o/ den/te/ vi/pe/ ri /no/... 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Qual/ Pro/me/theu/- à/ ro/cha/ do in/for/ tú /nio/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
En/ca/dei/ou/-me a/ for/ça/ do/ des/ ti /no/! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
Meu/ Deos!/ Se/nhor/ Meu/ Deos!/ dêi/xai/ que/ jor /re/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	A
Dos/ o/lhos/ meus/ a/ fér/vi/da/ tor/ ren /te/! 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B
O/ co/ra/ção/ es/ta/la/-me/ no/ pei /to/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	C
Si/ não/ cor/rer/-me o/ pran/to/ li/vre/ men /te/!.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	B

Mundahu-Meirim, 1878.

PARALLELO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
Mui/tos/ di/as/ pas/sa/ram/... à/ pri/ma/ve/ra o/ len /te	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
Se/gui/o/-se o/ fri/o in/ver/no, - a i/ma/gem/ da/ tris/ te /za;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
Não/ vem/ a/ pas/sa/ra/da/, em/ tri/nos/, le/da/ men /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
Sau/dar/ o/ sol/ que/ nas/ce/: é/ mu/da a/ na/tu/ re /za/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
E/“ tu/do/ as/sim/ na/ vi/da/! Ás au/ras/ da/ bo/ nan /ça/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 10 11 12 13	
Suc/ce/de/ tan/ta/ vez/ a/ tem/pes/ta/de es/ cu /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
- O/ ri/so/ que/ tra/duz/ um/ hym/no/ de es/pe/ ran /ça/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
A/“ flor/ dos/ la/bios/ mor/re, em/ on/das/ de/ a/mar/ gu /ra/!...	B

1878.

DESALENTO

Mon coeur est plein-je veux pleurer!
LAMARTINE.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Meu/ Deos/! eu/ sof/fro/ mui/to! .. U/ma es/pe/ran/ça	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ vem/ se/quer/ a/ca/len/tar/-me as/ do/res/	B
1 2 3 4 5 6	
Do/ po/bre/ co/ra/ção/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ar/re/ba/tou/-m ^ã a o/ ven/to/ do in/for/tu/nio/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ flo/ri/nha/ ten/ra/ des/fo/lha/da/	E
1 2 3 4 5 6	
Nas/ a/zas/ do/ tu/fão/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/cor/da um/ bel/lo/ di/a: o/ sol/ for/mo/so/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ vi/va/ luz/ in/nun/da a/ ter/ra/ to/da/,	B
1 2 3 4 5 6	
O/ céo/ é/- pu/ro a/nil/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Le/das/ a/ves/ des/can/tam/ do/ce/men/te/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/sa/bro/cham/ mil/ flo/res/ o/do/ro/sas/	E
1 2 3 4 5 6	
De/ per/fu/me/ sub/til/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vem/ a/pós/ ra/di/an/te/ de/ bel/le/zas/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ vi/ra/ção/ se/re/na en/tre os/ af/fa/gos/,	B
1 2 3 4 5 6	
A/ tar/de/ cor/ de/ ro/sa/;	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
D ^o en/tre as/ som/bras/ da/ noi/te a/me/ri/ca/na/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Des/pon/ta a/ lu/a: nos/ chris/taes/ da/ fon/te/	E
1 2 3 4 5 6	
Es/pe/lha/-se/ for/mo/sa/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/.. que/ m ^ã im/por/ta a/ pom/ba/ des/lum/bran/te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que os/ten/ta a/ na/tu/re/za - hym/no/ da/ ter/ra/	B
1 2 3 4 5 6	
Sau/dan/do/ o/ cre/a/dor/?!)	C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Si an/te a/ sua/ gran/de/za/ eu/ me ar/re/ ba /to/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Do/ en/thu/sia/mo ar/den/te o/ san/to/ fo /go/	E
1 2 3 4 5 6 A/pa/ga/-se/.. na/ dor /!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/“ que a/ mi/nh*al/ma é/ tris/te/ co/mo a/ fon /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ ser/pe/ia/ ge/men/do en/tre os/ es/ pi /nhos/	B
1 2 3 4 5 6 Do/ bos/que/ so/li/ ta /rio/...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Si o/ co/ra/ção/ no/ pei/to/ ba/te/ ain /da/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ vi/da ar/ras/ta/ co/mo um/ le/nho e/ nor /me/	E
1 2 3 4 5 6 Ao/ ci/mo/ do/ Cal/ va /rio!..	C

1879.

COQUEIRO SECCO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vai/ des/chin/do/ a/ tar/de. O/ sol/ for/ mo /so	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ nu/vens/ pur/pu/ri/nas/ cor/te/ ja /do/,	B
1 2 3 4 5 6	
Des/cen/do/ vac/cil/ lan /te/..	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E a/lém/... a/lém/, da/ fim/bria/ do ho/ri/ zon /te/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Er/gue/-se o/ ven/to/-sul/ im/pe/tu/ o /so/,	A
1 2 3 4 5 6	
Ter/ri/vel/, sy/bi/ lan /te/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ la/go a/zul/ na/ fa/ce/ s"en/no/ ve /lam/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Al/vas/ ma/rê/tas/, re/luc/tan/do em/ bal /de/	B
1 2 3 4 5 6	
Do/ No/to á/ pre/po/ ten /cia/:	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ na/ luc/ta/ que in/sa/na/ re/cru/ des /ce/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ ve/jo a i/ma/gem/ da/ pro/cel/la in/ do /mi/ta/	E
1 2 3 4 5 6	
Nos/ ma/res/ da e/xis/ ten /cia/!..	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ mais/ e/ mais/ de/ Phe/bo/ mo/ri/ bun /do/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ bri/lho em/pal/li/des/ce... á/ ter/ra en/ vi /a/	B
1 2 3 4 5 6	
O/ bei/jo/ der/ra/ dei /ro/..	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cô/a/-me/ n"al/ma a/ tin/ta/ do/ cre/ pus /cu/lo/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sau/da/des/ da/ ven/tu/ra/, - fu/gi/ ti /va/,	E
1 2 3 4 5 6	
No/ mun/do/ trai/ço/ ei /ro/!..	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Pas/sa/ o ul/ti/mo/ ban/do/ das/ gai/ vo /tas/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Scin/din/do os/ a/res/ man/sa/men/te, a/ cor /des/,	B
1 2 3 4 5 6	
Por/ ci/ma/ da/ la/ gô /a/;	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
El/las/ sau/do/sas/ vão/ bus/can/do o/ ni /nho/;	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	

Meu/ es/pi/ri/to as/ se/gue/, - abs/tra/ hi /do/-,	E
1 2 3 4 5 6	
Com/ el/las/ vae/ a/ tô /a!...	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
D'en/tre as/ cor/ti/nas/ do/ vir/gi/neo/ lei /to/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na op/pos/ta/ mar/gem/ da/ la/gôa in/qui/ e /ta/	B
1 2 3 4 5 6	
A/go/ra/ sur/ge a/ lu/a/;	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Cho/ro/sa/ noi/te/ que/ per/deu/ o es/ po /so/-	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tin/ge/-lhe a/ fa/ce a/ pal/li/dez/ da/ mor /te/,	E
1 2 3 4 5 6	
Di/va/ga/ lou/ca e/ nu /a!...	C

1881.

MEO IDEAL

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Meu/ i/de/al/ de a/mor/ é/ bran/co e/ lou /ro/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo o/ do/ce/ rai/ar/ da/ luz/ pri/mei /ra/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ lhe or/na a/ fron/te u/ma/ co/rô/a/ d''ou /ro/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/, da/ cân/di/da/ flor/ de/ la/ran/ gei /ra/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tem/ na/ ves/te/ sin/ge/la e/ ro/ça/ gan /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O al/bor/ da/ ne/ve, a/ can/di/dez/ do/ ly /rio/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ha/ um/ que/ de/ su/a/ve e/ de/ fra/ gran /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nos/ seus/ lá/bios/ que/ fa/lam/ só/ do em/ py /reo/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tem/ nos/ o/lhos/ ras/ga/dos/ e/ for/ mo /sos/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ in/no/cen/cia a/ luz/, do/ céo/ a/ cor /:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ su/a/ ly/ra/ sons/ har/mo/ni/ o /sos/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Já/mais/ can/ta/ram/ um/ pro/fa/no a/ mor /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Meu/ i/de/al/ d''a/mor/ – pom/ba/ de/ ne /ve/ –	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Seu/ ni/nho/ fa/bri/cou/ en/tre a/çu/ ce /nas/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ mun/do é/ tor/pe e/ vil/; mas/ não/ se a/ tre /ve/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ man/char/-lhe/ no/ lô/do as/ bran/cas/ pen /nas/!...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ von/ce às/ es/pu/mas/ nep/tu/ ni /nas/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Bran/ca/ nu/vem/ gen/til/ nas/ pla/gas/ ce/ ru /las/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo es/trel/las/ do/ céo/, a/da/man/ ti /nas/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ven/cem/ no/ bri/lho/ de/ Cey/lão/ às/ pe /ro/las/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
As/sim/ meu/ i/de/al/: en/tre os/ mais/ bel /los/-	A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ ce/de a/ pri/ma/sia/; - é/ so/be/ ra /no!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/nh ^o /al/ma ou/tro/ não/ quer/: nos/ seus/ cas/ tel /los/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
D ^o /oi/ro e/ de a/zul/ el/le/ do/mi/na u/ fa /no!...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quem/ é/ el/le/? quem/ é/? – Su/a/ve e/ san /to/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mi/mo/so e/ bran/co e/ pu/ra/ co/mo um/ ly /rio/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Ba/ga/, tal/vez/, de/ crys/tal/li/no/ pran /to/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ gri/na/lda es/pi/nho/sa/ do/ mar/ ty /rio/; -	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
O/ no/me/ não/ di/rei/ d ^o /es/se/ lou /ro/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ quem/ vo/ta/ mi/nh ^o /al/ma/ cul/to ar/ den /te/:	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Só/ se es/cre/ve/ no/ céo/, com/ let/tras/ d^o /ou/ro/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Or/la/das/ dos/ ru/bins/ do/ sol/ po/ en /te!...	B

1881.

O LIVRO

1 2 3 4 5 6		
Em/ble/ma/ da/ can/ du /ra,	A	
1 2 3 4 5 6		
An/ge/li/ca/, su/ a /ve/,	B	
1 2 3 4 5 6		
Co/mo um/ gor/gei/o/ d [*] a /ve/	B	
1 2 3 4 5 6		
No/ mais/ so/no/ro/ tril /lo/;	C	
1 2 3 4 5 6		
Tu/ tens/, ó/ flor/ mi/ mo /sa/,	A	
1 2 3 4 5 6		
O [*] flor/ do/ pa/ra/ i /so/!	B	
1 2 3 4 5 6		
A/ gra/ça/ do/ sor/ ri /so/	B	
1 2 3 4 5 6		
Das/ vir/gens/ de/ Mu/ ril /lo/!	C	
1 2 3 4 5 6		
Sê/, pois/, da/ ru/de/ ly /ra/,	A	
1 2 3 4 5 6		
Que/ con/sa/grei/ a/ Flo /ra/,	A	
1 2 3 4 5 6		
A/ mu/sa ins/pi/ra/ do /ra/,	A	
1 2 3 4 5 6		
O/ ly/rio/ vir/gi/ nal /!	B	
1 2 3 4 5 6		
Tú/ que/ no/ do/ce/ cheiro /	A	
1 2 3 4 5 6		
Mi/mo/so/, cam/pe/ si /no/,	B	
1 2 3 4 5 6		
Tens/ o/ sa/bor/ di/ vi /no/	B	
1 2 3 4 5 6		
D [*] um/ bei/jo/ ma/ter/ nal /.	C	
1 2 3 4 5 6		
Quem/ ha/ a/hi/ na/ vi /da/	A	
1 2 3 4 5 6		
Que/ nun/ca/ pal/pi/ tas /se/	B	
1 2 3 4 5 6		
Que/ nun/ca es/vo/a/ ças /se/	B	
1 2 3 4 5 6		
Nas/ a/zas/ d [*] um/ per/ fu /me/?	C	
1 2 3 4 5 6		
Quem/ ha/ que/ não/ sen/ tis /se/	A	
1 2 3 4 5 6		

	Es/sa/ sau/da/de/ ter /na/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Es/sa/ lem/bran/ça e/ ter /na/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Que/ n ^o el/le/ se/ re/ su /me/?..	C
	1 2 3 4 5 6	
	Eu/ a/mo es/tre/me/ ci /da/	A
	1 2 3 4 5 6	
	Ás/ per/fu/mo/sas/ flo /res/:	B
	1 2 3 4 5 6	
	São/ el/las/ – meus/ a/ mo /res/,	B
	1 2 3 4 5 6	
	São/ el/las/ – meu/ pra/zer/.	C
	1 2 3 4 5 6	
	Se a/ pe/ta/la/ bri/ lhan /te/	A
	1 2 3 4 5 6	
	Ma/ti/sa o/ so/lo/ ru /de/,	B
	1 2 3 4 5 6	
	E/xem/plo/ de/ vir/ tu /de/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Eu/ nel/la/ vou/ be/ ber /!	C
	1 2 3 4 5 6	
	Mas/, d ^o en/tre as/ lin/das/ flo /res/	A
	1 2 3 4 5 6	
	E/ ^o mi/nha/ pre/di/ lec /ta/	B
	1 2 3 4 5 6	
	O/ ly/rio/: do/ po/e/ta/	B
	1 2 3 4 5 6	
	For/mo/sa ins/pi/ra/ ção /!	C
	1 2 3 4 5 6	
	Há/ nel/le um/ que/ de/ castro /,	A
	1 2 3 4 5 6	
	E/ do/ce/, que/ pa/ re /ce/	B
	1 2 3 4 5 6	
	A/ sus/pi/ro/sa/ pre /ce/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Nos/ la/bios/ do/ chris/ tão /!	C
	1 2 3 4 5 6	
	A/ bri/sa/ que a/de/ ja /va/	A
	1 2 3 4 5 6	
	Se/re/na/, de/ man/ si /nho/,	B
	1 2 3 4 5 6	
	Por/ so/bre o/ ber/ço/ si /nho/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Do/ Rei/ dos/ im/mor/ taes ,	C

	1 2 3 4 5 6	
	De/vi/a/ ser/ de/ ly /rios/	A
	1 2 3 4 5 6	
	Im/preg/na/da/, do/ en /te/,	B
	1 2 3 4 5 6	
	-Ca/çou/la/ re/cen/ den /te/	B
	1 2 3 4 5 6	
	De a/ro/mas/ di/vi/ naes /!	C
	1 2 3 4 5 6	
	Em/ble/ma/ da/ pu/ re /za/,	A
	1 2 3 4 5 6	
	An/ge/li/ca/, su/ a /ve/,	B
	1 2 3 4 5 6	
	Co/mo/ gor/gei/o/ d *a/ve/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Do/ ni/nho/ no/ ca/ lor /.	C
	1 2 3 4 5 6	
	Tu/ és/, ó/ flor/ mi/ mo /sa/	A
	1 2 3 4 5 6 7	
	O/ sim/bo/lo/ da/ can/ du /ra/;	B
	1 2 3 4 5 6	
	A/ mais/ gen/til/ fei/ tu /ra/	B
	1 2 3 4 5 6	
	Das/ mãos/ do/ Cre/a/ dor /!	C

1883.

MALMEQUER

1 2 3 4 5 6	
I/nu/til/, des/pre/ za /da/,	A
1 2 3 4 5 6	
A/“ bei/ra/ do/ ca/ mi /nho/,	B
1 2 3 4 5 6	
Ve/ge/ta- o/ meu/ ca/ ri /nho/,	B
1 2 3 4 5 6	
A/ mi/nha/ flor/ doi/ ra /da/.	A
1 2 3 4 5 6	
Na/ fei/ti/cei/ra/ tran /ça/,	A
1 2 3 4 5 6	
Na/ jar/ra/ de/li/ ca /da/,	B
1 2 3 4 5 6	
Quem/ já/ te/ve a/ lem/ bran /ça/	A
1 2 3 4 5 6	
De/ por/ a/ mal/fa/ da /da/?..	B
1 2 3 4 5 6	
Por/ is/so à/ des/di/ to /sa/	A
1 2 3 4 5 6	
Eu/ a/mo/: si/ da/ ro /sa/	A
1 2 3 4 5 6	
Fal/ta/-lhe o/ chei/ro, a/ cor /,	B
1 2 3 4 5 6	
Não/ tem/ a/cu/leos/; nas /ce/	A
1 2 3 4 5 6	
Pa/ra/ quem/ quer/ que/ pas /se/	A
1 2 3 4 5 6	
E/ co/lha a/ po/bre/ flor /!...	B

ANGELICA

1 2 3 4 5 6		
E/ u/ma/ flor/ mi/ mo /sa,	A	
1 2 3 4 5 6		
Em/ble/ma/ da in/no/ cen /cia/,	B	
1 2 3 4 5 6		
Res/pi/ra a/ fi/na es/ sen /cia/,	B	
1 2 3 4 5 6		
Do/ mais/ su/a/ve o/ dor /:	C	
1 2 3 4 5 6		
Da/ cor/ da/ cas/ti/ da /de/	A	
1 2 3 4 5 6		
Al/ve/ja/-lhe o/ te/ ci /do/,	B	
1 2 3 4 5 6		
Tal/vez/ fos/se o/ ves/ ti /do/	B	
1 2 3 4 5 6		
Do/ Chris/to/, no/ Thabor/...	C	
1 2 3 4 5 6		
Pa/re/ce os/ quinze/ anos/	A	
1 2 3 4 5 6		
De/ lou/ra/ vir/gem/ bel /la/;	B	
1 2 3 4 5 6		
En/tre/ flor/ e/ don/ zel /la/	B	
1 2 3 4 5 6		
Ha/ cer/ta a/na/lo/gi/a/:	C	
1 2 3 4 5 6		
Não/ sei/ que af/fi/ni/ da /de/	A	
1 2 3 4 5 6		
- Em/ fra/ter/nal/ a/ bra /ço/-	B	
1 2 3 4 5 6		
Pren/de-as/ no/ mes/mo/ la /ço/	B	
1 2 3 4 5 6		
De/ mu/tu/a/ sym/ pa /thi/a/.	C	
1 2 3 4 5 6		
An/ge/li/ca!- as/pi/ ran /do/-te/-	A	
1 2 3 4 5 6		
Dul/cis/si/ma/ lem/ bran /ça/	B	
1 2 3 4 5 6		
Nos/ vem/ qual/ pom/ba/ man /sa/	B	
1 2 3 4 5 6		
D'im/ma/cu/la/do al/ vor ;	C	
1 2 3 4 5 6		
E/ pou/sa/-nos/ de/ le /ve/	A	
1 2 3 4 5 6		

	Na/ men/te em/be/ve/ci/da/;	B
	1 2 3 4 5 6	
	Ao/ gor/gei/ar/, sen/ti/da/,	B
	1 2 3 4 5 6	
	Um/ can/ti/co/ de a/mor/!..	C
1 2 3 4 5 6	E/“ bel/lo o/ man/to al/vis/si/mo/	A
1 2 3 4 5 6	Que os/ pin/ca/ros/ do/mi/na/;	B
1 2 3 4 5 6	E a/ lym/pha/ chris/tal/li/na/	B
1 2 3 4 5 6	Cor/ren/do a/ sus/pi/rar/!	C
1 2 3 4 5 6	Da/ bran/ca/ nu/vem/ ce/li/ca/	A
1 2 3 4 5 6	Na/ ga/ze/ fluc/tu/an/te/	B
1 2 3 4 5 6	Meu/ pen/sa/men/to er/ran/te/	B
1 2 3 4 5 6	A/praz/-se/ re/pou/sar/!	C
1 2 3 4 5 6	Por/ is/so a/ do/ce al/vu/ra/	A
1 2 3 4 5 6	Ma/ci/a/, vel/lu/do/sa/	B
1 2 3 4 5 6	D“an/ge/li/ca/ mi/mo/sa/	B
1 2 3 4 5 6	En/le/va/-me a/ vi/são/!	C
1 2 3 4 5 6	E a/ per/fu/ma/da es/sen/cia/	A
1 2 3 4 5 6	Do/ ca/li/ce/ for/mo/so/	B
1 2 3 4 5 6	Qual/ som/ har/mo/ni/o/so/	B
1 2 3 4 5 6	Me/ fal/la ao/ co/ra/ção/!	C
1 2 3 4 5 6	O/ flor/! tu/ és/ a/ noi/va/,	A
1 2 3 4 5 6	Al/va/ de/ ne/ve/ pu/ra/,	B
1 2 3 4 5 6	Sor/rin/do/ de/ ven/tu/ra/,	B
1 2 3 4 5 6	Aos/ pés/ do al/tar/ de/ Deus/:	C

1 2 3 4 5 6
Eu/.. – fer/vo/ro/sa a/**man**/te/- A
1 2 3 4 5 6
No/ per/fu/mo/so es/**cri**/nio/ B
1 2 3 4 5 6
Do/ sei/o/ teu/ vir/**gi**/neo/ B
1 2 3 4 5 6
De/pon/ho os/ la/bios/ **meus**/!.. C

MARTYRIO

1 2 3 4 5 6 7	
Mar/ty/rio/! flor/ pur/pu/ ri /na,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Mi/mo/so/ ru/bi/ do/ pra /do/!	B
1 2 3 4 5 6 7	
Quem/ te/ poz/, ó/ cam/pe/ si /na/,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Es/se/ no/me/ per/fu/ ma /do/	B
1 2 3 4 5 6 7	
De/ tan/ta/ do/ce/ tris/ te /za/?!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Eu/, a/man/te/ da/ bel/ le /za/	C
1 2 3 4 5 6 7	
Me/lan/cho/li/ca/ do/ ly /rio/	D
1 2 3 4 5 6 7	
Mais/ que/ro ao/ no/me/ que ex/ pri /me/	E
1 2 3 4 5 6 7	
A/ dor/ que/ mi/nh ^o /al/ma op/ pri /me/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
O/ ^o meo/ for/mo/so/ mar/ty/rio/!	D
1 2 3 4 5 6 7	
Se a/ ly/ra/ d ^o /ou/ro, a/pol/ li /nea/,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Men/te/ fal/lan/do/ de a/ mor /,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Se/ ves/te a/ rel/va/ gra/ mi /nea/	A
1 2 3 4 5 6 7	
De/ ru/ti/lan/te es/plen/ dor /;	B
1 2 3 4 5 6 7	
- Dei/xan/do/ fal/sas/ chi/ me /ras/,	C
1 2 3 4 5 6 7	
En/tô/a/ can/ções/ sin/ ce /ras/	C
1 2 3 4 5 6 7	
A/ ^o ro/sa/ do/ sen/ti/ men /to/-	D
1 2 3 4 5 6 7	
A/ ^o mi/nha/ flor/ pre/fe/ ri /da/;	E
1 2 3 4 5 6 7	
Pois/ não/ ha/ na/da/ na/ vi /da/	E
1 2 3 4 5 6 7	
Mais/ re/al/ que o/ sof/fri/ men /to/!	D
1 2 3 4 5 6 7	
E/ quan/do/ do/ mui/to es/ pi /nho/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ nos/ va/ra o/ co/ra/ ção /,	B
1 2 3 4 5 6 7	

Nos/ en/tre/te/ce o/ ca/ mi /nho/ 1 2 3 4 5 6 7	A
A/ ne/fan/da in/gra/ti/ dão ;	B
1 2 3 4 5 6 7 Quan/do a/ sau/da/de/ pun/ gen /te/ 1 2 3 4 5 6 7	A
Nos/ cra/va/ pro/fun/da/ men /te/ 1 2 3 4 5 6 7	A
No/ sei/o a/gú/do/ pu/ nhal , 1 2 3 4 5 6 7	B
Quem/ sym/bo/li/sa es/tas/ do /res/? 1 2 3 4 5 6 7	C
És/ tu/, ó/ flor/ dos/ a/ mo /res/, 1 2 3 4 5 6 7	C
Mar/ty/rio/ sen/ti/men/ tal !	B
1 2 3 4 5 6 7 Des/de/ cre/an/ça/ que/- pre /za/ 1 2 3 4 5 6 7	A
Aos/ at/trac/ti/vos/ da/ flor , 1 2 3 4 5 6 7	B
A/mo/ do/ ly/rio a/ pu/ re /za/, 1 2 3 4 5 6 7	A
A/mo/ da/ ro/sa o/ pu/ dor , 1 2 3 4 5 6 7	B
Do/ ma/ry/rio, - o/ sen/ti/ men /to/... 1 2 3 4 5 6 7	C
E a/ es/te/ no/me o/pu/ len /to/ 1 2 3 4 5 6 7	C
De/ vi/va e/ ter/na ex/pres/ são , 1 2 3 4 5 6 7	D
Que/ diz/ as/ pe/nas/ que/ sin /to/, 1 2 3 4 5 6 7	E
Re/ser/vo um/ lu/gar/ dis/ tinc /to/ 1 2 3 4 5 6 7	E
No/ “bou/quet” do/ co/ra/ ção !	D

Abril de 88.

FLOR PENDIDA

Dei luz e deram-me noite,
Dei amor, dão-me rancores;
Do mundo o barbaro açoite
Retalhou-me a alma de dores!

1 2 3 4 5 6 7	
Co/mo a/ ro/sa/ des/fo/ lha /da/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Aos/ ri/jos/ so/pros/ do/ nor /te/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
As/sim/ aos/ gol/pes/ da/ sor /te/	B
1 2 3 4 5 6 7	
A/ mi/nha/ fren/te/ pen/ deu /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
- Po/bre/ ly/rio/ do/ sol/ pos /to/-	D
1 2 3 4 5 6 7	
Sem/ bei/jo/ de/ luz/ ar/ den /te/	E
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ de/cli/na/ tris/te/ men /te/	E
1 2 3 4 5 6 7	
E em/ bre/ve a/ mor/te/ co/ lheu /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
Tal/vez/ um/ rai/o/ se/ re /no/	A
1 2 3 4 5 6 7	
Do/ for/mo/so/ ple/ni/ lu /nio/	B
1 2 3 4 5 6 7	
N°um/ man/to/ de/ com/pai/ xão /!	C
1 2 3 4 5 6 7	
In/ti/mas/ do/res/ oc/ cul /tas/	D
1 2 3 4 5 6 7	
Que/ nin/guém/ vê/ nem/ co/ nhe /ce/	E
1 2 3 4 5 6 7	
A/ na/tu/re/za a/dor/ me /ce/,	E
1 2 3 4 5 6 7	
Con/so/la-as/ a/ so/li/ dão /!...	C
1 2 3 4 5 6 7	
Quan/ta/ dou/ra/da es/pe/ ran /ça/,	A
1 2 3 4 5 6 7	
Quan/ta il/lu/são/ gra/ci/ o /sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7	
Quan/to/ so/nho/ côr/ de/ ro /sa/	B
1 2 3 4 5 6 7	
Mi/nh°al/ma/ nu/tri/do/ tem /,	C
1 2 3 4 5 6 7	
U/ma/ por/ u/ma/ ca/ hi /ram/	D

1 2 3 4 5 6 7 No/ lei/to/ do e/ter/no/ som /no/,	E
1 2 3 4 5 6 7 - Pal/li/das/ flo/res/ do ou/ to /no/	E
1 2 3 4 5 6 7 Que o/ ven/to/ sa/có/de a/ lém /!	C
1 2 3 4 5 6 7 Pa/de/ço/: quem/ me in/cre/ pá /ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 Des/te/ sof/frer/ a a/mar/ gu /ra/?	B
1 2 3 4 5 6 7 Se/ na/ fron/te/ da/ ven/ tu /ra/	B
1 2 3 4 5 6 7 Nun/ca/ meus/ lá/bios/ pou/ sei /?	C
1 2 3 4 5 6 7 Se/ na/ ta/ça/ da e/xis/ ten /cia/	D
1 2 3 4 5 6 7 Be/bo eu/phor/bias/ ve/ne/ no /sas/,	E
1 2 3 4 5 6 7 E em/ pa/ga/ das/ mi/nhas/ ro /sas/	E
1 2 3 4 5 6 7 Só/men/te es/pi/nhos/ a/ chei /?!	C
1 2 3 4 5 6 7 Por/ is/so a/ mu/sa/ sin/ ge /la/	A
1 2 3 4 5 6 7 Te/nho/ de/ cre/pe/ ve/ la /da/;	B
1 2 3 4 5 6 7 E/, na/ tris/te/za ins/pi/ ra /da/,	B
1 2 3 4 5 6 7 Não/ sa/be/ se/não/ ge /mer/!	C
1 2 3 4 5 6 7 Vós/-os/ dí/lec/tos/ da/ sor /te/-	D
1 2 3 4 5 6 7 Fu/gi!/ Cer/ran/do os/ ou/ vi /dos/...	E
1 2 3 4 5 6 7 Não/ me es/cu/teis/ os/ ge /mi/dos/,	E
1 2 3 4 5 6 7 Que/ não/ po/deis/ en/ten/ der /!...	C
1 2 3 4 5 6 7 Eu/ sou/ o/ ly/rio/ pen/ di /do/	A
1 2 3 4 5 6 7 Do/ ven/to ao/ per/fi/do a/ çoi /te/,	B
1 2 3 4 5 6 7 To/das/ as/ som/bras/ da/ noi /te/	B
1 2 3 4 5 6 7 En/luc/tam/-me o/ co/ra/ ção /!...	C

1	2	3	4	5	6	7	
Nem/ um/ cre/pus/cu/lo ao/ me /nos/							D
1	2	3	4	5	6	7	
Da/ des/co/ra/da ar/den/ tia /							E
1	2	3	4	5	6	7	
Dei/ta um/ rai/o/ de a/le/ gria /							E
1	2	3	4	5	6	7	
N ^o es/ta im/men/sa es/cu/ri/ dão /!							C

**O ANJO DA INNOCENCIA
(NO ALBUM DE MOCINHA FARIAS)**

- Seja ele o teu pharol no mar da vida
Entre as procellas que nos dão guarida,
Graciosa creança
Aperta o bem ao peito, é o teu escudo
Envolto em dobras de celeste véo
Nas horas dos folguedos e do estudo
Sempre te esplenda esse fulgor do céu.
TANELLOS.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nes/sa/ qua/dra/ da/ vi/da/, des/cui/ do /sa,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
I/sen/ta/ de/ pai/xões/, de/ ma/goas/ vans /,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/do,/ a/pós/ a/ ri/sa/da/ so/ no /ra,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Suc/ce/de o/ pran/to, - or/va/lho/ das/ ma/ nhãs /;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Bran/do or/va/lho/ sub/til/ que/ se e/va/ po /ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Aos/ do/ces/ mi/mos/ do/ ma/ter/no/ bei /jo/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Co/mo/ gôt/ta/ de/ luz/ que/ cho/ve au/ ro /ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E o/ ven/to en/xu/ga em/ té/pi/do/ ba/ fe /jo/-	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
N ^o es/sa i/da/de/ gen/til/ em/ an/jo/ lou /ro/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ lon/gas/ ves/tes/ al/vas/ e/ bri/ lhan /tes,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/sa/ta/ so/bre/ nós/ as/ az/as/ d^o /ou/ro/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ nos/ pro/te/ge os/ pas/sos/ vac/cil/ lan /tes/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
El/le é/ tão/ bom/! Tão/ com/pas/si/vo e/ lin /do/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ bem/-fa/zer/ en/si/na; e/ nos/ re/ ve /la/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Com/ pa/la/vras/ de a/mor/, ter/no/, sor/ rin /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/do a/ lei/ de/ Je/sus/ é/ san/ta e/ bel /la/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Si/ lhe/ se/gui/mos/ o/ su/a/ve/ man /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
El/le e/xul/ta/ de/ gô/so e/ ba/te as/ pal /mas/:	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
E ao/ seu/ sei/o/ de ir/mão/ nos/ es/trei/**tan**/do/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
De/ ce/les/te/ pra/zer/ nos/ en/che as/ **al**/mas/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Mas, - si/ fu/gin/do à/ ins/pi/ra/ção/ bem/**di**/ta/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Des/pre/za/mos/ o/ bem/, que el/le es/tre/**me**/ce/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Cho/ra o/ bom/ an/jo/... sim/, dor/ in/fi/**ni**/ta/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
De/ seu/ o/lhar/ o/ bri/lho em/pal/li/**des**/ce/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Ai! não/ quei/ras/, cre/an/ça/ en/can/**ta**/da/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Tur/var/ o/ bri/lho/ de/ seus/ o/lhos/, **não**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Que/ nel/les/ ful/ge/ bem/fa/ze/ja au/**ro**/ra/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
E/val/ge/lho/ de/ luz/, de/ sal/va/**ção**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
E/“ el/le o/ an/jo/ da in/no/cen/cia/, **pu**/ro/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Per/ten/ce às/ cre/an/ci/nhas/ a/mo/**ro**/so/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Se/gue/-lhe os/ pas/sos/: se/ja o/ teu/ fu/**tu**/ro/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Por/ el/le/ pre/pa/ra/do e/ bem/di/**to**/so/! B

1885.

ANNIVERSARIO

**RECITADA PELA MINHA INTERESSANTE AMIGUINHA
MARROQUINHAS FARIAS
POR OCASIÃO DE FESTEJAR-SE O ANNIVERSARIO DE SEU IRMÃO
ALVES DE FARIAS**

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
- Sa/ú/da o/ sol/ nas/cen/te a/ zum/bi/do/ra a/be/lha/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
As a/ves/ da/ flo/res/ta/, os/ ly/rios/ do/ sil/va/do/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
A/ bor/bo/le/ta a/zul/, que/ ae/ria/ flor/ se/me/lha/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Vai/ pal/pi/tan/te a/ lou/ca es/vo/a/çar/ no/ pra/do/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
A/ na/tu/re/za a/cor/da: e/ can/ta/ pe/re/gri/na/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Na/ sua/ ly/ra/ d"oi/ro/, har/mo/ni/ca/, so/no/ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
A/ ma/ti/nal/ can/ção/ es/plen/di/da/, di/vi/na/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Que/ Deus/ mes/mo/ com/poz/, na/ pri/mi/ti/va au/ro/ra/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Ir/mão/ tu/ és/ o/ sol/ que/ nas/ce es/plen/do/ro/so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Eu/, - ro/la/ que a/dor/me/ce em/ ni/nho/ de a/çu/ce/nas/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Tu/ me/ in/nun/das/ de/ luz o/ ni/nho/ per/fu/mo/so/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Eu/ que/ro/ dar/-te em/ tro/ca/ sua/ves/ can/ti/le/nas/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Por/ is/so/ no/ teu/ dia/ ri/den/te/ de/ ven/tu/ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Eu/ ve/nho/ ra/di/o/sa e/ chei/a/ de a/le/gria/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Of/fe/re/cer/-te a/qui/, nas/ a/ras/ da/ ter/nu/ra/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Es/te/ "bou/quet" sin/ge/lo, em/ flo/res/ de/ po/e/sia/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
Que/ se/jas/ sem/pre/ bom/ e/ vir/tu/o/so e/ pu/ro/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	
- E es/te/ de/ mi/nh"al/ma/ o/ vo/to/ mais/ ar/den/te/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	
Não/ ve/nha/ ne/gra/ nu/vem/- do/ céo/ do/ teu/ fu/tu/ro/	A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Es/cu/re/cer o/ bri/lho/ à es/trel/la al/vi/ni/ten/te! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Pe/de a/ Ma/mãe/ do/ céu/, à/ Vir/gem/ pro/tec/to/ra/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Se/ja o/ teu/ la/do/ sem/pre/ nas af/flic/ções/ da/ vi/da/; B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
A/mo/ mui/to o/ bom/ Deos/ que/ nos/so/ pai/ a/do/ra/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Con/ser/va as san/tas/ cren/ças/ de/ nos/sa/ mãe/ que/ri/da! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
E/ pos/sas/ mui/tos/ dias/, co/mo es/te, a/ nos/so/ la/do/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Go/zan/do/ da/ fa/mi/lia as/ af/fei/ções/ sin/ce/ras/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Fru/ir/, que/ri/do ir/mão/, ir/mão/ i/do/la/tra/do! A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
Tuas/ gen/tis/, mi/mo/sas/, flo/ren/tes/ pri/ma/ve/ras/!... B

19 de Julho de 1884.

**CAMPESINA
À MIMOSA POETISA
A EXM^a D. MARIA JUCÁ**

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ flor/ do/ ma/to, a/ sen/si/ti/va a/ gres /te/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Os/cú/la o/ sol/, em/ di/vi/naes/ a/ gra /dos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E a/ mes/ma/ gra/ma/ dos/ rel/vo/sos/ pra /dos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ o/pá/las/ e/ al/jo/fa/ re/ ves /te/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ flor/ se en/la/ça/, que a/ cam/pi/na/ ves /te/-	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A/ro/za al/ti/va/ dos/ sa/lões/ dou/ ra /dos/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ vir/gem/ bel/la os/ la/bios/ a/do/ ra /dos/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Um/ bei/jo/ a/fa/ga/ de/ lu/ar/ ce/ les /te/..	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ sou a/ cam/pe/si/na/ hu/mil/de/, tos /ca/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Do/ cre/pus/cu/lo à/ luz/ su/mi/da/, fos /ca/, -	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Sem/ do/ces/ bei/jos/ d'a/mo/ro/za/ bri /sa/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ ve/nho as/sim/, - qual/ ti/mi/da/ ro/ li /nha/ -	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Com/pri/men/tar/ me/dro/sa, as/sus/ta/ di /nha/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
A/ be/la/ Mu/sa/ da/ gen/til/ po/e/ ti /sa/!	B

1888.

LIVRO Nº 3

ANGELITA
 À MINHA PRESADÍSSIMA TIA E MADRINHA
 A EXM^a SENR^a
 D. MARIA DO NASCIMENTO LEITE

“Tu m^o inspiraste, oh musa do silencio,
 Mimosa flor da languida saudade!”

C. DE ABREU.

INVOCACÃO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Di/vi/na ins/pi/ra/ção/ for/mo/sa e/ **pu**/ra A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Des/ce/ dos/ ceos/ n^oum/ rai/o/ lu/mi/**no**/so/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 E/ co/mo um/ bei/jo/ de i/de/al/ do/**cu**/ra/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Vem/ or/va/lhar/ meo/ la/bio/ se/qui/**o**/so/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Cas/ta/ Mu/sa/ gen/til/, pal/li/da/ **vir**/gem/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Vem/ en/flo/rar/ meo/ po/bre/ pen/sa/**men**/to/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Só/ tu/ am/pa/ras/, na/ fa/tal/ ver/**ti**/gem/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Mi/nh^oal/ma/ que/ su/cum/be ao/ de/sa/**len**/to/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Só/ tu/ po/des/ – na/ vi/a/ do/lo/**ro**/sa/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 On/de im/pel/liu/-me a/ for/ça/ do/ des/**ti**/no/, B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Co/ar/-me/ n^oal/ma/, em on/da/ vo/lu/**mo**/sa/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 De e/ner/gi/a/ vi/tal/ san/gue/ di/**vi**/no/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Ai/! quan/to/ es/pi/nho/ os/ pés/ fe/**rir**/-me/! A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Quan/ta/ bar/rei/ra/ me/ sus/pen/de o/ **pas**/so/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 Si/ tu/, vir/gem/, re/cu/sas/ a/cu/**dir**/-me/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eu/ mor/re/rei/ na/ lu/ta, em/ bre/ve es/**pa**/ço/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mas/ não/: vês/ es/ta/ fron/te an/nu/vi/**a**/da/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que a/cer/ba/ ma/go/a/ pa/ra o/ chãõ/ **pen**/deo/? B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Pou/sa/-me/ n^oel/la os/ de/dos/ teos/ de/ **fa**/da/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- E/, n^oum/ ins/tan/te- er/guer/-se/-ha/ ao/ **céo**/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eu/ sin/to a/ vi/da/ que a/ meo/ pei/to as/**so**/ma/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Só/ ao/ con/tac/to/ d^oes/sa/ mão/ tãõ/ **lin**/da/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Tu/ és/ a/ ro/sa/ de/ ce/les/te a/**ro**/ma/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que est^oal/ma/as/pi/ra/, com/ de/li/cia in/**fin**/da/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Vem/ pois/, meo an/jo/! dá/-me um/ bei/jo/ a/**go**/ra/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Fi/lha/ do/ céõ/! ra/di/a/çãõ/ bem/**di**/ta/! B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mo/lha/-me a/ pen/na/ no/ ma/tiz/ d^oau/**ro**/ra/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Pa/ra/ tra/çar/ o/ no/me/ de – An/ge/**li**/ta/! – B

ESMERALDA

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Va/mos/, meu/ co/ra/ção/, meu/ pen/sa/men/to/, A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Vo/e/jan/do/ nas/ a/zas/ da/ sau/da/de/, B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Va/gar/ por es/ses/ cam/pos/, on/de/ sor/ri/o/-me/ C
- 1 2 3 4 5 6
Em/ flor/ a/ mo/ci/da/de/. B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
- Que/ si/tio en/can/ta/dor!/ Co/mo a/ bel/le/za/ A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
D"um/ cas/to/ co/ra/ção/ de a/do/les/cen/te/, B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Lem/bra um/ i/dyl/lio a/zul/; é/ to/do a/mo/res/, C
- 1 2 3 4 5 6
- En/si/na a a/mar/ a/ gen/te/... B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/qui/, al/li/, a/lem/... por/ to/da a/ par/te/, A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Mur/tas/, bo/ni/nas/, cra/vos/ o/lo/ro/sos/, B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Jun/qui/lhos/, não/ me/ dei/xes/, mar/ga/ri/tas/, C
- 1 2 3 4 5 6
Li/la/zes/ gra/ci/o/sos/. B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Ly/rrios/... os/ bran/cos/ ly/rrios/ de/ mi/nh"al/ma! A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
E as/ vi/o/le/tas/ cas/tas/ e/ mo/des/tas! B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Meo/ Deos!/ a/qui/ se a/bri/ga, en/tre/ ver/do/res/, C
- 1 2 3 4 5 6
A/ Mu/sa/ das/ flo/res/tas! B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eu/, en/tre es/tas/ bel/le/zas/, - bor/bo/le/ta/ - A
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
A/mo a/ to/das/, - vo/lu/vel/, in/cons/tan/te/... B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
N"es/sa or/gi/a/ de/ flo/res/ e/ per/fu/mes/ C
- 1 2 3 4 5 6
Co/nhe/ço/-me/... ba/chan/te! B
- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Eis/ da/ fon/te o/ ca/mi/nho/, mar/gi/na/do/ A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De/ mi/mo/sas/, de/ fres/cos/ ros/ma/ ni /nhos/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ fi/na a/rei/a/ bor/dam/-lhe, in/qui/e/tos/	C
1 2 3 4 5 6 Das/ ro/las/ os/ pe/ si /nhos/...	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Foi/ a/qui/... foi/ al/li/... sob/ a/ co/ pa /da	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Som/bra/ d'es/se/ ve/tus/to/ ca/ja/ sei /ro/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que eu/ fa/bri/quei/ an/neis/.. d'uns/ re/ben/ ti /nhos/	C
1 2 3 4 5 6 De/ ma/ra/cu/ja/ sei /ro/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ – pen/sa/men/to/ le/ve/ co/mo o/ fu /mo/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que on/dei/a a/lém/, da/ rus/ti/ca/ chou/ pa /na/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Fiz/- ar/tis/ta in/no/cen/te- os/ meus/ brin/ qui /nhos/	C
1 2 3 4 5 6 De/ flor/ de/ gi/ri/ ta /na/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Eis/, mais/ dis/tan/te, o/ ver/de/ ta/bo/ lei /ro/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Es/trel/la/dos/ de a/gres/tes/ mal/me/ que /res/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Qu'eu/ co/lhi/a aos/ bou/quets/... mas/, ó/ sau/ da /de/,	C
1 2 3 4 5 6 Por/que/ as/sim/ me/ fe /res/?	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Vol/ta/, mi/nha/ sau/da/de/, sê/ bon/ do /sa/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ nun/ca/ di/gas/, nun/ca, oh!/ não!/ – por/ quem /	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Eu/ per/gun/ta/va às/ in/no/cen/tes/ flo /res/	C
1 2 3 4 5 6 - Se/ me/ que/ri/a/ bem /!..	B

ANGELITA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ra em/ Mai/o/, ri/so/nho/, per/fu/ ma /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Pe/las/ se/re/nas/ bri/sas/ cam/pe/ si /nas/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Im/preg/na/das/ de/ ce/les/te/ a/ ro /ma/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Lon/ga e/ pe/za/da/ chu/va/ que/ ca/ hi /ra/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tor/na/va a/go/ra o/ di/a/ mais/ for/ mo /so/	E
1 2 3 4 5 6 E/ te/pi/do e/ bri/ lhan /te/.	F
1 2 3 4 5 O/ sol/ pro/pi/ ci /o	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - So/be/ra/no/ mu/ni/fi/co/ – re/ par /te/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Por/ to/da a/ na/tu/re/za os/ seos/ the/ sou /ros/.	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Nem/ ha/ na/ ter/ra hu/mil/li/mo/ vi/ ven /te/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ dos/ re/gios/ fa/vo/res/ se/ja ex/ clu /so/!	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Mal/ das/ fa/xas/ pur/pu/reas/ do/ Le/ van /te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Se/ des/ta/cam/ seos/ ri/os/ co/ra/ li /nos/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ba/tem/ de/ cha/pa/ na/ ca/si/nha/ bran /ca/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ su/a/ve e/mi/nên/cia al/li/ do/ mi /na/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 En/tre/ flo/rí/das/ moi/tas/ a/vul/ tan /do/,	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 No/ pit/to/res/co/ si/tio/ da Es/me/ ral /da/!	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Des/te/ so/lar/ qui/e/to e/ ven/tu/ ro /so/	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 Sob/ o/ tran/qui/lo/ tec/to/ vi/ vi /a/	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 An/ge/li/ta, a/ que/ri/da/ com/pa/ nhei /ra/	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Dos/ meos/ for/mo/sos/ di/as/ de/ ven/ tu /ra/	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - Os/ bre/ves/ di/as/ da/ ri/so/nha in/ fan /cia/!	K

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 An/ge/li/ta e/ra en/tão/ a/ flor/ mais/ bel /la/	L
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ na/ ver/de Es/me/ral/da/ vi/ce/ ja /va/!	M
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tre/ze/ lin/das/, ri/den/tes/ pri/ma/ ve /ras/	N
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Con/ta/va a/pe/nas/; trin/ta e/ no/ve/ ve /zes/	O
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ti/nham/ fruc/ti/fi/ca/do as/ bel/las/ vi /nhas/	P
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Do/ seo/ ri/co/ po/mar/; con/tem/po/ ra /neas/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Su/as/ ha/vi/am/ de/se/seis/ ro/ sei /ras/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Cem/ ve/zes/ de/ mil/ flo/res/ se a/dor/ na /do/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De/pois/ que el/la/ nas/ce/ra; - el/la/, o en/ can /to/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 D ^o aq/nel/las/ sel/vas/; mais/ for/mo/so en/ can /to/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 D ^o a/vó/ ma/ter/na/ que a/ que/ri/a/ mui /to/!	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 In/fan/te/ ain/da/, no/ ber/ci/nho/ quen /te/,	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ mor/te/ pae e/ mãe/ lhe/ ar/re/ba/ ta /ra/;	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 En/vol/ven/do/-a/ no/ man/to/ luc/ to /so/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Da/ tris/te/, me/lan/cho/li/ca or/phan/ da /de/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tal/vez/ por/ is/so uns/ to/ques/ in/de/ ci /sos/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 D ^o u/ma/ va/ga/ tris/te/za, in/de/fi/ ni /vel/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Lhe/ nu/bla/vam/ os /o/lhos/ scin/til/ lan /tes/;	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E a/ ri/so/nha/ cre/an/ça, - o/ lou/ro an/ ji /nho/,	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 En/tre os/ fol/gue/dos/ es/ta/ca/va ás/ ve /zes/	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Tão/ se/ria/, co/mo/ noi/va ap/pre/hen/ si /va/	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Do/ fu/tu/ro en/tre/ven/do/ as as/pe/ re /zas/!	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - E/ram/ tal/vez/ sau/da/des/ ins/tinc/ ti /vas/	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Dos/ bei/jos/ ma/ter/naes/ que/ não/ co/ lhê /ra/!	K

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mas/... e/ra um/ bel/lo/ di/a/ per/fu/ ma /do/,	L
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fes/ti/vo e/ gra/to á/ cân/di/da a/mi/ gui /nha/;	M
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ co/mo um/ prei/to/ de/ sau/do/so af/ fec /to/,	N
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
De/ lem/bran/ça af/fec/ti/va e/ ca/ri/ nho /sa/,	O
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/ re/du/si/ ao/ me/tro/ – as a/le/ gri /as/	P
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
As/ im/pres/sões/ dul/cis/si/mas/ da/ fes /ta/.	Q
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ na/ ly/ra/ can/tei/, - na/ po/bre/ ly /ra/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Nun/ca/ do/ lou/ro A/pol/lo/ ba/fe/ ja /da/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Vi/bran/do/ só/ – ás/ com/mo/ções/ di/ vi /nas/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Da/ sau/da/de/..., do/ bel/lo e/ da/ vir/ tu /de/!..	D

AVE OU ANJO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Mal/ as/so/má/ra ás/ por/tas/ do O/ri/en/te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ sol/ a/ ca/bel/lei/ra/ got/te/jan/te/	A
1 2 3 4 5 6	
De/ pe/ro/las/ d"au/ro/ra/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que An/ge/li/ta/ des/per/ta/ do/ce/men/te/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O/ co/ra/ção/ pal/pi/ta/-lhe of/fe/gan/te/,	A
1 2 3 4 5 6	
- A/jo/e/lha/-se/; o/ra/.	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Não/ so/be a/lem/ mais/ ce/li/co/ per/fu/me/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Do/ que a/ san/ta o/ra/ção/ d"um/ sei/o/ pu/ro/,	B
1 2 3 4 5 6	
D"uns/ la/bios/ vir/gi/na/es/;	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Lú/ci/da/ cham/ma/ de/ su/a/ve/ lu/me/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que il/lu/mi/na os/ ca/mi/nhos/ do/ fu/tu/ro/,	B
1 2 3 4 5 6	
Aos/ o/lhos/ dos/ mor/ta/es/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Quan/do a/ dor/, - es/ty/le/te en/ve/ne/na/do/ –	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fun/do/ nos/ cra/va, e ao/ lon/go/ sof/fri/men/to/	B
1 2 3 4 5 6	
Suc/cum/be o/ co/ra/ção/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
On/de en/con/trar/ al/li/vio o/ des/gra/ça/do/?	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Só/... só/ po/de/ le/nir/ o/ seo/ tor/men/to/	B
1 2 3 4 5 6	
Na/ fe/ri/da o/ra/ção/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cha/ma/va á/ mis/sa o/ si/no/ da/ ca/pel/la/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Pre/pa/ra/va/-se An/ge/li/ta/, pres/su/ro/sa/,	B
1 2 3 4 5 6	
E/ vae/, co"a/ vo/vo/si/nha/...!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ sua/ sin/ge/le/za/ e/ra/ tão/ bel/la/	A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Co/mo, em/ ple/na/ ma/nhã/, bo/tão/ de/ **ro**/sa/ B

1 2 3 4 5 **6**
Que o/ ze/phy/ro a/ca/**ri**/nha! C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
E/ se/gue/, - ra/di/an/te/ de/ ven/**tu**/ra/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
- Pom/ba/ for/mo/so/ de/ ne/va/das/ **pen**/nas/ B

1 2 3 4 5 **6**
Ni/nho/ a/ de/man/**dar**/, C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Ou/ an/jo, - a/la/do á/ si/de/ral/ al/**tu**/ra/, A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 **10**
Que/ dei/xa/, rin/do, as/ so/li/dões/ ter/**re**/nas/, B

1 2 3 4 5 **6**
O/ céo/ vae/ ha/bi/**tar**! C

NOIVA DE CRISTO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ni/ve a/ gri/nal/da/ de/ sin/ge/las/ ro /sas	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Pren/di/a/-lhe as/ ma/dei/xas/ a/lou/ ra /das/;	B
1 2 3 4 5 6 Na/ fron/te/, ra/di/ o /sas/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 Au/re/o/las/ de in/no/cen/cia e/ de/ bel/ le /za/	C
1 2 3 4 5 6 Bri/lha/vam/, en/la/ ça /das/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ao/ sim/bo/lo/ mi/mo/so/ da/ pu/ re /za/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Em/ fluc/tu/an/tes/ on/das/, pra/te/ a /do/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Pen/di/a/-lhe/ dos/ hom/bros/ cas/ta/ men /te/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Um/ lon/go/ véo/ de/ ga/ze/ trans/pa/ ren /te/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 En/vol/ven/do/-lhe/ qua/si/ to/tal/ men /te/	E
1 2 3 4 5 6 O/ cor/po/ de/li/ ca /do/.	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Lon/gos/ ci/lios/ ve/la/vam/-lhe/, ci/ o /sos/,	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 O/ bri/lho/ dos/ seos/ o/lhos/ vel/lu/ do /sos/,	G
1 2 3 4 5 6 On/de/ qua/si/ se/ vi /a/	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 U/ma/ pe/ro/la/ d"al/ma/ que/ tre/ mi /a/,	H
1 2 3 4 5 6 Qual/ pe/ro/la/ ne/ va /da/	I
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 No/ ca/li/ce/ dos/ ly/rrios/ o/do/ ro /sos/	G
1 2 3 4 5 6 Em/ ple/na/ ma/dru/ ga /da/!	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ma/na/va o/ seu/ o/lhar/ tan/ta/ pu/ re /za/,	C
1 2 3 4 5 6 Tão/ ni/ti/da ex/pres/ são /,	K
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ re/flec/ti/da in/tei/ro o/ pen/sa/ men /to/,	L
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo/ re/flec/te/ – Deos/ – a/ na/tu/ re /za/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Em/ ca/da/ flor/, es/trel/la/, som/bra ou/ ven /to/,	L

1 2 3 4 5 6 Em/ to/da a/ cre/a/ç ão !	K
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ra o/ di/a/ so/lem/ne, o/ di/a au/ gus /to/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Do/ seo/ noi/va/do/ mys/ti/co; en/tre/ lê /da/ 1 2 3 4 5 6 E/ tris/te, - e/ qua/si em/ sus /to/, - 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Lo/go/ sor/ri/a/, do/ce/men/te/ quê /da/;	A B A B
1 2 3 4 6 7 E/ got/tas/ crys/tal/ li /nas/ 1 2 3 4 5 6 O/ co/ra/ção/ a/ man /te/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Gra/to/ cho/ra/va..., ás/ e/mo/ções/ di/ vi /nas/ 1 2 3 4 5 6 7 A/ber/to/ e/ pal/pi/ tan /te!/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Oc/cul/tas/ no/ seo/ sei/o, al/vi/ni/ ten /tes/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo um/ col/lar/ de o/pa/las/ pe/re/ gri /nas/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Com/pri/mi/am/-se as/ con/tas/ pe/que/ ni /nas/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Do/ ro/sa/ri/nho/ seo/, - d'on/de/ pen/ den /te/ 1 2 3 4 5 6 Se/ vi/a/ san/ta/ men /te/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Bran/ca/ me/da/lha, e o/ sym/bo/lo/ sa/ gra /do/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Da/ Re/demp/ção/, n'u/ma/ cru/zi/nha/ bre /ve/, 1 2 3 4 5 6 Que/ tem/ em/ si/ cra/va/do/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Um/ Je/sus/ de/ mar/fim/, al/vo/ de/ ne /ve/,	A B A B A A B B C D C D
1 2 3 4 5 6 E/xa/mi/ne/, sem/ vi /da/. 1 2 3 4 5 6 Hu/mil/de/, re/co/ lhi /da/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Li/a: n'um/ li/vro/ de o/ra/ções/ a/ pe /nas/; 1 2 3 4 5 6 7 Co/mo o/ a/ro/ma/ das/ flo /res/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo o/ flo/rir/ das/ cas/tas/ a/çu/ ce /nas/	A A B C B

1 2 3 4 5 6 A/ma/ Deos/ – os/ a/ mo /res/.	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ an/tes/ quer/ a/ la/gri/ma/ sen/ ti /da/	A
1 2 3 4 5 6 Que/ vem/ do/ co/ra/ ção /,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que a/ lon/ga/ re/sa hy/po/cri/ta/ nas/ ci /da/	C
1 2 3 4 5 6 De/ fal/sa/ de/vo/ ção /.	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/pro/pin/qua/-se a/ ho/ra/ sus/pi/ ra /da/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Com/ ges/to/ hu/mil/de e/ gra/ve a/joe/ lha /da/	A
1 2 3 4 5 6 A/ jo/ven/ con/fes/ sa /da/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 O/ra/va/ do/ce/men/te/ fer/vo/ ro /sa/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 De/ su/a/ cur/ta/ vi/da/ cor/ de/ ro /sa/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 (Que/ só/ el/la/ jul/ga/va/ cri/mi/ no /sa/)	B
1 2 3 4 5 6 O/ des/li/sar/ se/ re /no/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 O/ mi/nis/tro/ de/ Deos/ bon/do/so ou/ vi /ra/	D
1 2 3 4 5 6 E/ co/mo o/ Na/za/ re /no/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Sen/ti/o out ^o /o/ra/, el/le/ tal/vez/ sen/ ti /ra/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Dor/, - ao/ pen/sar/ na/ tris/te/ bre/vi/ da /de/	E
1 2 3 4 5 6 Com/ que o/ tem/po ar/ re /ba/ta/	F
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - No/ tor/ve/li/nho/ das/ pai/xões/ de/ men /tes/ –	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ trans/pa/ren/te a/zul/ se/re/ni/ da /de/	E
1 2 3 4 5 6 Das/ al/mas/ in/no/ cen /tes/!	G
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ra/ bel/lo/ de/ ver/-se! E/ra/ mi/ mo /so/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo um/ pe/da/ço a/zul/ de/ céo/ for/ mo /so/	A
1 2 3 4 5 6 Que/ ca/his/se/ na/ ter /ra/; -	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo um/ rai/o/ de/ luz/ do/ sol/ bril/ lan /te/	C

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Fre/chan/do a/ ne/ve es/pes/sa/ bran/que/ jan /te/	C
1 2 3 4 5 6 Nos/ pín/ca/ros/ da/ ser /ra/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ra/ bel/lo/ de/ ver/-se! e/ com/mo/ ven /te/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/quel/le/ gru/po an/ge/li/co in/no/ cen /te/	C
1 2 3 4 5 6 De/ can/di/das/ me/ ni /nas/	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 (D ^o en/tre o/ qual/ des/ta/va/-se/ An/ge/ li /ta/	E
1 2 3 4 5 6 Qual/ ro/sa en/tre/ bo/ ni /nas/)	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Lê/das/ sor/rin/do á/ nup/ci/al/ vi/ si /ta/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Do/ es/po/so/ das/ al/mas/ vir/gi/ na /es/!..	F
1 2 3 4 5 6 7 8 10 Mas/, que/ não/ foi/ por/ el/las/ que/ des /ceo/	G
1 2 3 4 5 6 Dos/ mun/dos/ si/de/ ra /es/,	F
1 2 3 4 5 6 E/ en/tre/ nós/ vi/ ve /o/!	H
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Foi/, sim/, - pa/ra ar/ran/car/ das/ o/mi/ no /sas/	I
1 2 3 4 5 6 Es/cu/ri/dões/ do/ cri /me/	J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 As/ al/mas/ trans/vi/a/das/, e/ – for/ mo /sas/ –	I
1 2 3 4 5 6 Er/gue/l-as/ pa/ra a/ luz /,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que el/le/ vei/o a/ mor/rer/, - mar/tyr/ su/ bli /me/	B
1 2 3 4 5 6 Nos/ bra/ços/ d ^o u/ma/ cruz /!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 O ^o i/de/al/ do/ bel/lo e/ da/ vir/ tu /de/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Na/za/re/no im/mor/tal/! Meo/ es/tro/ ru /de/	A
1 2 3 4 5 6 Não/ te/ po/de/ can/ tar /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Dei/xa/... que as/ ven/tu/ro/sas/ con/fes/ sa /das/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Er/gam/ as/ vo/zes/ pu/ras/, a/fi/ na /das/,	C
1 2 3 4 5 6 Ao/ pé/ do/ teu/ al/ tar /!	B

HYMNO

1 2 3 4 5 6 7		
“Pois/ é/ tal/ vos/sa/ cle/ men /ci/a	A	
1 2 3 4 5 6 7		
Vos/sa/ bon/da/de/, Se/ nhor /,	B	
1 2 3 4 5 6 7		
Que/ até/ dais/ aos/ pe/que/ ni /nos/	C	
1 2 3 4 5 6 7		
Tão/ gran/de/ pro/va/ de a/ mor /;	B	
1 2 3 4 5 6 7		
Nos/sas/ al/mas/ pos/su/ i /das/	A	
1 2 3 4 5 6 7		
D ^o /i/nef/fa/vel/ gra/ti/ dão /,	B	
1 2 3 4 5 6 7		
A/ vós/ e/le/vam/-se, u/ ni /das/	A	
1 2 3 4 5 6 7		
Em/ fer/vo/ro/sa o/ra/ ção /!	B	
1 2 3 4 5 6 7		
Hos/tia/ san/ta/! pão/ su/a/ve/,	A	
1 2 3 4 5 6 7		
Luz/ que/ mal/ com/pr/hen/ de /mos/!	B	
1 2 3 4 5 6 7 8		
Mas/ que/ hu/mil/des/ con/fes/ sa /mos/,	B	
1 2 3 4 5 6		
Em/ cu/ja/ fé/ mor/ re /mos/!	B	
1 2 3 4 5 6 7		
Nos/sas/ al/mas/ pos/su/ i /das/	A	
1 2 3 4 5 6 7		
Da/ mais/ su/a/ve e/mo/ ção /,	B	
1 2 3 4 5 6 7		
A/ vós/ e/le/vam/-se u/ ni /das/	A	
1 2 3 4 5 6 7		
Na/ mes/ma/ do/ce o/ra/ ção /!	B	
1 2 3 4 5 6 7		
Di/vi/no a/mi/go/ da in/ fan /cia/,	A	
1 2 3 4 5 6 7		
Ce/les/ti/al/ Bom/-Pas/ tor /!	B	
1 2 3 4 5 6 7		
Que às/ o/ve/lhas/ pe/que/ ni /nas/	C	
1 2 3 4 5 6 7		
A/ben/ço/as/tes/, Se/ nhor /!	B	
1 2 3 4 5 6 7		
Nos/sas/ al/mas/ com/mo/ vi /das/	A	
1 2 3 4 5 6 7		

	Por/ im/men/sa/ gra/ti/ dão /,	B
	1 2 3 4 5 6 7	
	A/ vós/ e/le/vam/-se u/ ni /das/	A
	1 2 3 4 5 6 7	
	Em/ fer/vo/ro/sa o/ra/ ção !	B
	1 2 3 4 5 6 7 8	
	Sal/ve/, ò/ Fi/lho/ glo/ri/o/so/	A
	1 2 3 4 5 6 7 8	
	Da/ vir/gem/ de/ Na/za/re/ th !	B
	1 2 3 4 5 6 7	
	A/ quem/ pre/sen/te a/do/ ra /mos/	C
	1 2 3 4 5 6 7	
	Nas/ a/zas/ bran/cas/ da/ fé !	D
	1 2 3 4 5 6 7	
	Nos/sas/ al/mas/ pos/su/ i /das/	A
	1 2 3 4 5 6 7	
	Da/ mais/ su/a/ve e/mo/ ção /,	B
	1 2 3 4 5 6 7	
	A/ vós/ e/le/vam/-se u/ ni /das/	A
	1 2 3 4 5 6 7	
	Na/ mes/ma/ do/ce o/ra/ ção !	B
	1 2 3 4 5 6 7	
	Bom/ Je/sus/! Quan/to é/ su/a/ve/	A
	1 2 3 4 5 6 7	
	O/ ju/go/ do/ vos/so a/ mor !	B
	1 2 3 4 5 6 7	
	Oh/! fa/zei/ que a/té/ a/ mor /te/	C
	1 2 3 4 5 6 7	
	O/ con/ser/ve/mos/, Se/ nhor !	B
	1 2 3 4 5 6 7	
	Nos/sas/ al/mas/ pos/su/ i /das/	A
	1 2 3 4 5 6 7	
	De i/nef/fa/vel/ gra/ti/ dão /	B
	1 2 3 4 5 6 7	
	A/ vós/ e/le/vam/-se u/ ni /das/	A
	1 2 3 4 5 6 7	
	Em/ fer/vo/ro/sa o/ra/ ção !"	B
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
	Tu/do e/ra/ fin/do: e/ la/gri/mas/ se/ re /nas/	A
	1 2 3 4 5 6 7	
	Meos/ o/lhos/ or/va/lha/ ram /;	B
	1 2 3 4 5 6	
	Que/ dous/ an/nos/ a/ pe /nas/	A
	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
	Do/ meo/ di/a/ fe/liz/ dis/tan/ci/a/vam/...	B

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Foi/ en/tre/ bei/jos/ d"um/ sa/bor/ ce/les/te/	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Do/ce/ fal/la/ de a/mor/ que aos/ la/bios/ vi/nha/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
-Que eu/ es/trei/tei/ ao/ pei/to a/ "noi/va/si/nha"/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
- Es/se i/de/al/ de/ can/di/da a/mi/sa/de/	E
1 2 3 4 5 6	
Que a/ po/bre/ mu/sa/ ves/te/	C
1 2 3 4 5 6	
De/ flo/res/ de/ sau/da/de/!	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E/ra/ já al/to o/ di/a/ es/ti/vo e/ quen/te/:	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ lan/gui/da/ co/rol/la/ das/ pa/pou/las/	B
1 2 3 4 5 6	
Cir/cu/la/ san/gue ar/den/te/...	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ces/sa/ nas/ mat/tas/ o/ can/tar/ das/ ro/las/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Das/ a/be/lhas/ o/ ban/do/ sus/sur/ran/te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Be/be/ na/ ta/ça/ de/ crys/tal/ bri/lhan/te/	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9	
Dos/ jas/mins/- es/se/ nec/tar/ di/lec/to/	C
1 2 3 4 5 6 7	
Das/ a/be/lhas/ do/ Hy/me/tro/.	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
A/bre a/ Es/me/ral/da o/ sei/o/, se/qui/o/sa/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
A"s/ do/ces/ vi/ra/ções/ da/ fres/ca/ bri/sa/	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/ per/pas/sa en/tre os/ ly/rios/, sus/pi/ro/sa/;	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Em/ quan/to o/ sol/ – na es/phe/ra/ gran/di/o/sa/	B
1 2 3 4 5 6	
On/de/ bel/lo/ des/li/sa/-,]	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Ro/la em/ cas/ca/tas/ d"ou/ro a/ luz/ di/vi/na/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Que/- de/ céo/, mar/ e/ ter/ra/ trans/bor/dan/do/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Té/ os/ re/ces/sos/ d"al/ma/ pe/ne/tran/do/,	D
1 2 3 4 5 6	
As/ fron/tes/ il/lu/mi/na/!..	C

NO AZUL

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Um/ di/a/... que/ po/e/ma/ de a/mar/ gu /ras/ 1 2 3 4 5 6 En/cer/ra es/ta ex/pres/ são /!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ra/ n ^o au/sen/cia... o/ fri/o/ da/ sau/ da /de/ 1 2 3 4 5 6 Ge/la/va o/ co/ra/ ção /!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Da/ tar/de en/vol/ta em/ man/to/ par/da/ cen /to/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo um/ lon/go/ su/da/rio/ d ^o a/go/ ni /a, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ vi/ra/ ção / nas/ a/zas/ me/ tra/ zi /a/ 1 2 3 4 5 6 Um/ máo/ pre/sen/ti/ men /to/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Da/ tar/de en/vol/ta em/ man/to/ par/da/ cen /to/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Co/mo um/ lon/go/ su/da/rio/ d ^o a/go/ ni /a, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 A/ vi/ra/ ção / nas/ a/zas/ me/ tra/ zi /a/ 1 2 3 4 5 6 Um/ máo/ pre/sen/ti/ men /to/!	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ co/mo a/ nu/vem/ que/ ne/gre/ja ao/ lon /ge/ 1 2 3 4 5 6 E/ bru/mas/ a/cas/ tel /la/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Traz/ no/ sei/o o/ tu/fão/ que/ se/ de/ sa /ta/ 1 2 3 4 5 6 Em/ ra/bi/da/ pro/ cel /la/; 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 As/sim/, des/sa a/va/lan/che/ de/ tris/ te /za/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ me op/pri/mi/a, em/ fun/da an/ci/e/ da /de/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ex/plo/dio/-de/ cru/el/ fa/ta/li/ da /de/ 1 2 3 4 5 6 A/ hor/ri/da/ cer/ te /za/!	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ co/mo a/ nu/vem/ que/ ne/gre/ja ao/ lon /ge/ 1 2 3 4 5 6 E/ bru/mas/ a/cas/ tel /la/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Traz/ no/ sei/o o/ tu/fão/ que/ se/ de/ sa /ta/ 1 2 3 4 5 6 Em/ ra/bi/da/ pro/ cel /la/; 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 As/sim/, des/sa a/va/lan/che/ de/ tris/ te /za/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ me op/pri/mi/a, em/ fun/da an/ci/e/ da /de/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ex/plo/dio/-de/ cru/el/ fa/ta/li/ da /de/ 1 2 3 4 5 6 A/ hor/ri/da/ cer/ te /za/!	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ co/mo a/ nu/vem/ que/ ne/gre/ja ao/ lon /ge/ 1 2 3 4 5 6 E/ bru/mas/ a/cas/ tel /la/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Traz/ no/ sei/o o/ tu/fão/ que/ se/ de/ sa /ta/ 1 2 3 4 5 6 Em/ ra/bi/da/ pro/ cel /la/; 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 As/sim/, des/sa a/va/lan/che/ de/ tris/ te /za/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ me op/pri/mi/a, em/ fun/da an/ci/e/ da /de/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ex/plo/dio/-de/ cru/el/ fa/ta/li/ da /de/ 1 2 3 4 5 6 A/ hor/ri/da/ cer/ te /za/!	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ co/mo a/ nu/vem/ que/ ne/gre/ja ao/ lon /ge/ 1 2 3 4 5 6 E/ bru/mas/ a/cas/ tel /la/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Traz/ no/ sei/o o/ tu/fão/ que/ se/ de/ sa /ta/ 1 2 3 4 5 6 Em/ ra/bi/da/ pro/ cel /la/; 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 As/sim/, des/sa a/va/lan/che/ de/ tris/ te /za/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ me op/pri/mi/a, em/ fun/da an/ci/e/ da /de/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ex/plo/dio/-de/ cru/el/ fa/ta/li/ da /de/ 1 2 3 4 5 6 A/ hor/ri/da/ cer/ te /za/!	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ co/mo a/ nu/vem/ que/ ne/gre/ja ao/ lon /ge/ 1 2 3 4 5 6 E/ bru/mas/ a/cas/ tel /la/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Traz/ no/ sei/o o/ tu/fão/ que/ se/ de/ sa /ta/ 1 2 3 4 5 6 Em/ ra/bi/da/ pro/ cel /la/; 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 As/sim/, des/sa a/va/lan/che/ de/ tris/ te /za/ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Que/ me op/pri/mi/a, em/ fun/da an/ci/e/ da /de/, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Ex/plo/dio/-de/ cru/el/ fa/ta/li/ da /de/ 1 2 3 4 5 6 A/ hor/ri/da/ cer/ te /za/!	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 "E/ra/ mor/ta An/ge/li/ta, a/ flor/ do/ er /mo?" 1 2 3 4 5 6 Em/ pran/tos/ me/ di/ zi /am 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ nun/ca/, nun/ca/ mais/ na/ vi/da in/ gra /ta/ 1 2 3 4 5 6 Meos/ o/lhos/ a/ ve/ ri /am/!.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - Pas/sa/ri/nho/ do/ céo/, na/ ter/ra-e/ xul /, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Por/ fun/da/ nos/tal/gi/a/ vic/ti/ ma /do/,	A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 "E/ra/ mor/ta An/ge/li/ta, a/ flor/ do/ er /mo?" 1 2 3 4 5 6 Em/ pran/tos/ me/ di/ zi /am 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ nun/ca/, nun/ca/ mais/ na/ vi/da in/ gra /ta/ 1 2 3 4 5 6 Meos/ o/lhos/ a/ ve/ ri /am/!.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - Pas/sa/ri/nho/ do/ céo/, na/ ter/ra-e/ xul /, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Por/ fun/da/ nos/tal/gi/a/ vic/ti/ ma /do/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 "E/ra/ mor/ta An/ge/li/ta, a/ flor/ do/ er /mo?" 1 2 3 4 5 6 Em/ pran/tos/ me/ di/ zi /am 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ nun/ca/, nun/ca/ mais/ na/ vi/da in/ gra /ta/ 1 2 3 4 5 6 Meos/ o/lhos/ a/ ve/ ri /am/!.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - Pas/sa/ri/nho/ do/ céo/, na/ ter/ra-e/ xul /, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Por/ fun/da/ nos/tal/gi/a/ vic/ti/ ma /do/,	C
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 "E/ra/ mor/ta An/ge/li/ta, a/ flor/ do/ er /mo?" 1 2 3 4 5 6 Em/ pran/tos/ me/ di/ zi /am 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ nun/ca/, nun/ca/ mais/ na/ vi/da in/ gra /ta/ 1 2 3 4 5 6 Meos/ o/lhos/ a/ ve/ ri /am/!.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - Pas/sa/ri/nho/ do/ céo/, na/ ter/ra-e/ xul /, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Por/ fun/da/ nos/tal/gi/a/ vic/ti/ ma /do/,	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 "E/ra/ mor/ta An/ge/li/ta, a/ flor/ do/ er /mo?" 1 2 3 4 5 6 Em/ pran/tos/ me/ di/ zi /am 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 E/ nun/ca/, nun/ca/ mais/ na/ vi/da in/ gra /ta/ 1 2 3 4 5 6 Meos/ o/lhos/ a/ ve/ ri /am/!.. 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 - Pas/sa/ri/nho/ do/ céo/, na/ ter/ra-e/ xul /, 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Por/ fun/da/ nos/tal/gi/a/ vic/ti/ ma /do/,	E

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Foi/ pou/sar/ o/ seo/ ni/nho/ per/fu/ ma /do/	E
1 2 3 4 5 6	
A/lem/... a/lem/... no a/ zul /!	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Tu/do/ fi/cou/ de/ser/to! o/ lar/ sem/ al /ma/,	A
1 2 3 4 5 6	
Sem/ vi/da a/ na/tu/ re /za/,	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Na/ ri/so/nha Es/me/ral/da! Ho/je a/me/ this /ta/	C
1 2 3 4 5 6	
De/ ma/di/da/ tris/ te /za/!..	B
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Cê/do a/ ve/lhi/nha/ de/ pe/zar/ fi/ nou /-se/:	D
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Eu/... do/ an/jo a/ lem/bran/ça/ ca/ri/ nho /sa/	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Guar/do/ no/ sei/o/, - cas/ta e/ lu/mi/ no /sa,-	E
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
N°u/ma/ sau/da/de a/mar/ga/men/te/ do /ce/!	D

1888.